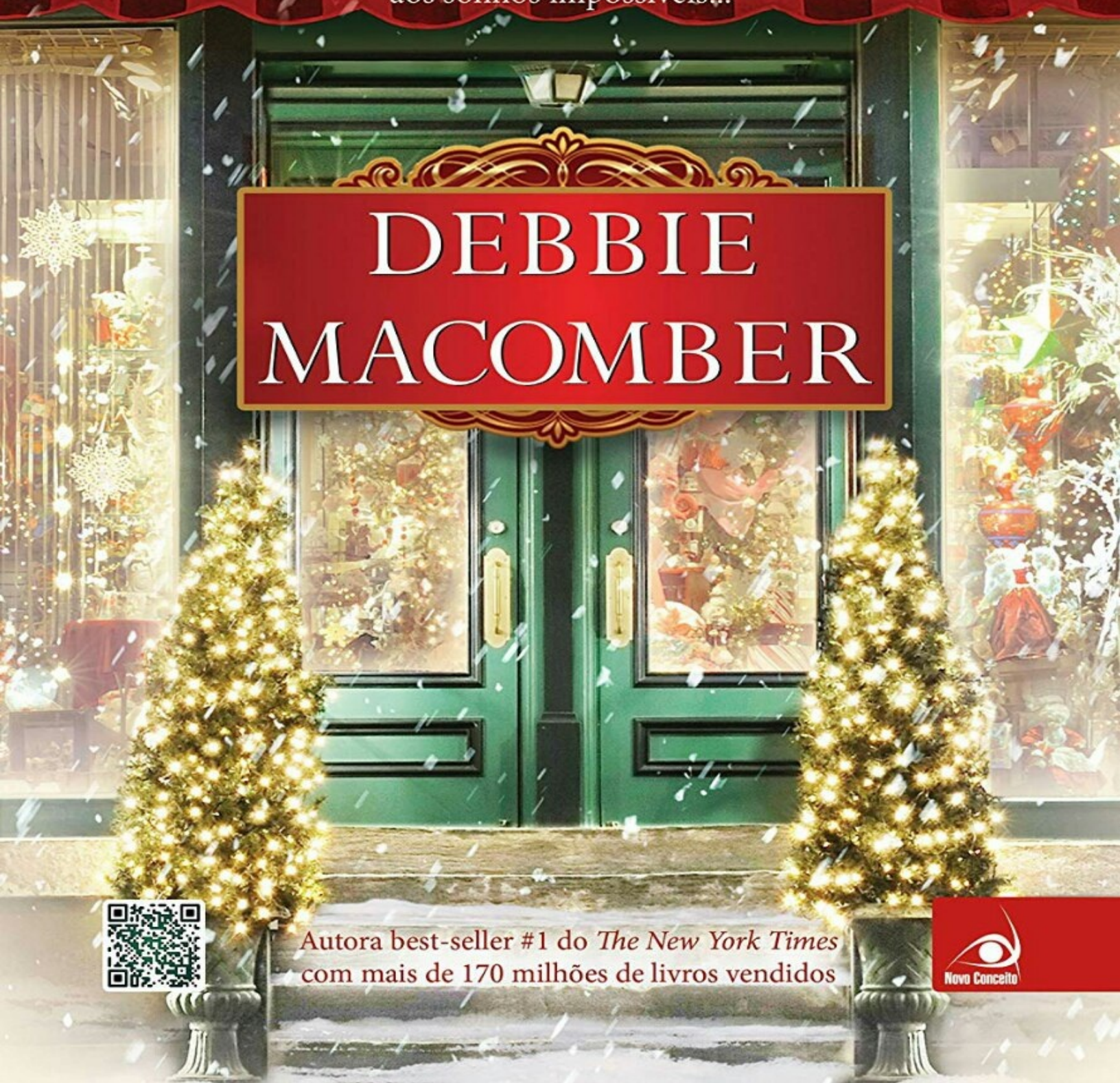
Anjos à Mesa

Quando um anjo decidir entrar em sua vida, diga adeus aos sonhos impossíveis...



DEBBIE MACOMBER

Autora best-seller #1 do *The New York Times* com mais de 170 milhões de livros vendidos

Novo Conceito

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples

teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial

do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site:

LeLivros.us ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sum ário

Capa

Sum ário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Novem bro de 2012

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Biscoito de chocolate com m enta

Notas

Anjos à Mesa

DEBBIE MACOMBER

Novo Conceito

Tradução

Rafael Gustavo Spigel

Novo Conceito

Publicado originalm ente nos Estados Unidos por Ballantine Books, um selo de The Random House

Publishing Group, um a divisão de Random House, Inc., New York

Título original: Angels at the table

Copy right © 2012 by Debbie Macom ber

Copy right © 2013 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é um a obra de ficção. Nom es, personagens, lugares e acontecim entos descritos são produto

da im aginação do autor. Qualquer sem elhança com nom es, datas e acontecim entos reais é m era

coincidência.

Versão digital — 2013

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macom ber, Debbie

Anj os à m esa / Debbie Macom ber ; tradução Rafael Gustavo Spigel. -- Ribeirão Preto,

SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Angels at the table.

ISBN 978-85-8163-355-8

1. Ficção norte-am ericana I. Título.

13-10377 | CDD-813

Índices para catálogo sistem ático:

1. Ficção : Literatura norte-am ericana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.editoranovoconceito.com .br





Novem bro de 2012

Queridos am igos,

Elas estão de volta! Nos últim os três anos, li m ensagens vindas por m eio de variadas form as de

com unicação, questionando quando eu iria escrever outro livro com as personagens Shirley ,

Goodness e Mercy . Bem , m eus am igos, aqui está o livro, após três anos de produção. Desta vez,

m eu trio visita Nova York e, com o de costum e, elas aprontam todas, causando m uitas confusões

e se envolvendo nos relacionam entos hum anos. De fato, elas não conseguem se conter.

Este livro é especial porque nele apresento um novo anj o, cuj o nom e é Will. Sua criação

resulta de um a carta recebida de um a leitora há m uitos anos. Rose William son sugeriu-m e um

anj o cham ado Will. Eu m e lem bro de ter franzido a testa quando li a carta e pensado: “Por que

dar vida a um novo anj o, e por que ele se cham aria Will?". Ao continuar lendo a carta, Rose

explicou: "Visto que você criou os anj os com base no versículo da Bíblia do Salm o 23, que diz

'Surely , goodness and m ercy *will* follow y ou...' [1]" . Im ediatam ente, Will, um aprendiz de anj o, nasceu na m inha m ente graças a essa perspicaz leitora que com partilhou com igo um a ótim a

ideia. Obrigada, Rose!

Portanto, fuj a da loucura da época das festas de final de ano, acom ode-se com um a xícara de

chá quente e um docinho natalino e coloque os pés para o alto. Relaxe e se prepare para rir. Caso

você vej a um cam elo vagando pela rua com pletam ente sozinho, poderá tentar adivinhar quem

está por trás dessa travessura.

Desej o-lhe um m aravilhoso Natal!

P.S.: Sem pre am o ler o que m eus leitores escrevem , portanto, não hesitem em entrar em

contato com igo. Você pode escrever para m im em m eu site, em www.debbiem acom ber.com ,

ou pelo Facebook, em DebbieMacom berWorld, ou ainda pela caixa postal 1458, Port Orchard,

WA 98366. Valorizo m uito com entários e sugestões.

Para Diane DeGooyer Harmon e Kathy Huard,

dois anjos especiais que Deus me enviou quando

eu mais precisava deles.



Capítulo 1

— Esta é m esm o a Terra? — Will, o aprendiz de anj o, perguntou, deitando-se de bruços sobre

um a nuvem baixa na com panhia de suas três m entoras. Os olhos dele se arregalaram ao

contem plar a trem enda agitação lá em baixo.

— Esta é a Terra — Mercy inform ou a seu j ovem protegido com um a ponta de orgulho.

Apesar de todos seus problem as, a Terra era um local fascinante para se visitar, com altos

prédios que esbarram no céu e pessoas num vaivém desenfreado, a m aioria delas sem perceber

o m undo espiritual que as cercava. Mais vezes do que conseguia se lem brar, Mercy havia

perdido a paciência com os hum anos, considerados o ápice das criações de Deus, m as

aparentem ente vagarosos e espiritualm ente m onótonos. Ainda assim , ela os am ava e apreciava

as atribuições terrestres que recebia.

— É Nova York — Shirley com plem entou, repousando o queixo sobre as m ãos

enquanto

contem plava ansiosam ente lá em baixo. — Ah, com o eu am o essa cidade.

— Manhattan, para ser m ais precisa — Goodness esclareceu, e term inou com um breve

suspiro, indicando que ela, igualm ente, sentia falta de visitar a Terra.

Os quatro pairavam perto da Tim es Square, observando a barulhenta m ultidão disputando um

espaço no revéillon.

Os olhos de Will arregalaram -se enquanto ele analisava atentam ente a cena que ocorria nas

ruas abaixo.

— É sem pre assim , tão agitada e tum ultuada?

— Não, não, esta é um a noite especial. As pessoas estão se reunindo para saudar o ano-novo.

— O tem po era um conceito exclusivo da Terra, diferente do que ocorria no céu.

Consequentem ente, a restrição de tem po exigida das três Em baixadoras da Oração ao

receberem atribuições terrestres tinha causado m ais do que um problem a.

— É verdade que Gabriel queria que nós...

— Gabriel — Shirley ofegou, interrom pendo-o com rapidez. — Ele não sabe exatam ente que

nós o trouxem os aqui. Talvez sej a m elhor você não contar a ele essa breve visita, certo?

— Sim , por favor; seria m elhor não deixar *ninguém* saber que nós lhe m ostram os a Terra. —

Nem é preciso dizer que eles estariam envolvidos em todos os tipos de problem as se Gabriel

descobrisse o que andavam aprontando.

— Gabriel tem boas intenções, m as ele tende a ficar um pouco irritado em relação a esses

assuntos — Goodness explicou a seu j ovem protegido.

— Por quê? — Will fitou as três.

— Bem , sabe, nós... nós três... pensam os que deveríam os lhe proporcionar um a visão panorâm ica da Terra e dessas pessoas que am am tanto Deus, com finalidade estrita de

treinam ento. — Mercy olhou para os am igos para com entar sobre as intenções deles, que seriam

honrosas se não fossem ligeiram ente sorrateiras.

Essa visita terrestre fora um a decisão im pulsiva. Mercy a sugerira. Naturalm ente, Goodness

não hesitara em concordar, e, após um a breve discussão, Shirley tam bém ficou anim ada.

Will, um anj o aprendiz, fora colocado sob a responsabilidade delas, e com essa honra, era

j usto que ele vislum brasse as provações e as tribulações que o aguardavam assim que com eçasse

a trabalhar com o Em baixador da Oração. O serviço às vezes era um pouco com plicado, desse

m odo, quanto m ais Will com preendesse a idiossincrasia dos hum anos, m elhor agiria quando

Gabriel lhe passasse um a tarefa.

Mercy estava certa de que, sob sua tutela, Will se sairia bem com o Em baixador da Oração um

dia. Ele era j ovem e entusiasm ado, ávido para aprender não só sobre a Terra, m as tam bém

sobre o papel que ele desem penharia.

Com o Mercy , rotulada erroneam ente de encrenqueira, havia apontado, a tarefa deles requeria

m uita dedicação, e ela não estava sozinha nessa crença. Goodness — ó, pobre Goodness —

adquirira certa reputação tam bém , e Mercy sentia-se parcialm ente culpada, m as isso era outra

história. Shirley procurava com m ais em penho fazer as coisas de m odo correto e tinha

trabalhado arduam ente para corrigir suas am igas. De fato, Shirley , um a antiga Anj o da Guarda,

fizera um trabalho tão m aravilhoso que Gabriel lhes proporcionara a chance de treinar o

prom issor e j ovem anj o, que no m om ento estava com elas.

Naturalm ente, ficou subentendido que, se as três aceitassem a atribuição de treinar Will, então,

é óbvio, não haveria trapaça, truques ou qualquer coisa do tipo. Todas haviam concordado. Essa

era, de fato, um a grande honra, e as três tinham boas intenções.

Agora, lá estavam elas, passando o reveillón na Tim es Square, em um a das cidades m ais

incríveis da Terra. Mercy respirou fundo, apreciando o m om ento. Levar Will

até ali fora um

bom pretexto, m as, na verdade, ela sentia saudade de visitar a Terra, sobretudo do alvoroço da

cidade grande; afinal, j á havia passado um bom tem po desde a últim a atribuição do grupo.

— A Terra não é m aravilhosa? — com entou Goodness, com suas enorm es asas batendo de

alegria. — Olhem só para todas essas luzes de néon. Eu sem pre gostei particularm ente da luz.

— Com o todas nós — Shirley a relem brou.

— Podem os descer até lá e ficar com as pessoas? — perguntou Will.

— Mas é claro que não — protestou im ediatam ente Shirley , em alto e bom som .

— Não vej o m al algum nisso — Goodness reagiu, com o olhar ainda fixo nas luzes brilhantes

da cidade lá em baixo.

Will desviou o olhar de um anj o para o outro.

— Com o ele aprenderá sobre hum anos se não tem a oportunidade de se m isturar a eles? —

perguntou Mercy , apoiando sua am iga m ais estim ada. Shirley era tão apegada às regras! Certo,

elas haviam originariam ente prom etido não chegar perto dos hum anos, m as fazê-lo seria um

bom aprendizado para Will.

— Com o ele aprenderá algum dia a trabalhar com o Em baixador da Oração se não se

fam iliarizar com os hum anos? — protestou Goodness.

Shirley hesitou. Mercy percebia que, em bora a am iga fosse dogm ática em um a série de

assuntos, tam bém era facilm ente influenciável, o que tornava m uito bom trabalhar com ela.

— Bem ...

— Nós ouvim os as orações dos hum anos? — indagou Will.

— Ah, não — Shirley explicou. — Apenas Deus ouve as orações deles, daí Ele fala sobre os

assuntos com Gabriel e depois...

— Depois Gabriel repassa os pedidos para nós.

— E nós aj udam os a responder-lhes.

— Um de nossos papéis é auxiliar hum anos a perceberem o quanto eles podem fazer por si

próprios com a aj uda de Deus — Goodness esclareceu.

— Nós tentam os fazer o m elhor sem *interferir* na vida deles — Shirley com plem entou

rapidam ente, fitando com um olhar de aviso Goodness e Mercy , o que esta percebeu de im ediato

com o um aviso.

— Mas prim eiro, e isto é o m ais im portante — Goodness enfatizou —, devem os ensinar a esses

hum anos um a lição. Então, e som ente então, serem os capazes de aj udá-los com seus problem as.

A dificuldade verdadeira surge quando eles não querem aprender — Goodness

balançou a

cabeça porque o trabalho tinha um aspecto, em geral, desafiador. — Algum as pessoas parecem

querer que Deus intervenha e atenda a seus pedidos sem que contribuam para isso.

— As coisas não funcionam assim — disse Mercy , em bora ela tivesse aprontado das suas para

aj udar pobres alm as desaj uizadas. Em teoria, responder às orações não soava nada difícil.

Infelizm ente, os hum anos eram com pletam ente estúpidos.

— Eles podem ser tão teim osos — Goodness disse, voltando a balançar a cabeça.

— Determ inados — concordou Shirley .

— Ah, sim , e um a vez... — Mercy fechou a boca com um estalo. Era m elhor não revelar ao

j ovem protegido as travessuras passadas por m edo de que, conhecendo-as, ele pensasse que

talvez devesse seguir os passos delas. Gabriel faria obj eção a isso.

— Um a vez...? — Will a pressionou. — O que aconteceu?

— Deixa pra lá — Shirley disse, contornando a situação. — É m elhor deixar algum as coisas de

lado e não discuti-las.

— Posso descer e ficar no m eio da m ultidão? — voltou a perguntar Will. — Não direi nada

para Gabriel.

— Ele não é o único — Shirley deixou escapar. — Digo, nós não deveríam os balbuciar um a

palavra sequer sobre isso com ninguém no céu.

— Ou na Terra — Goodness relem brou a todos.

— Não podem os falar com os hum anos? — Will franziu a testa, com o se estivesse confuso.

— Nós podem os, m as apenas...

— Mas, definitivam ente, não esta noite — Shirley disse tão rápido que sua voz se elevou um a

oitava inteira.

Mercy pegou a m ão de Will.

— Houve tem pos, ao longo dos dois últim os m ilênios, em que falávam os diretam ente com os

hum anos.

— No entanto, essas ocasiões foram raras.

— Sim , m uito raras.

— Mas não tão raras quanto deveriam ter sido — Shirley achou necessário acrescentar. Ela

cruzou os braços sobre o peito e parecia em dúvida sobre a m elhor form a de lidar com essa

sessão de treinam ento.

— Não acho que faria m al a Will descer até a m ultidão — Goodness voltou a dizer. — É um a

noite m uito especial aqui na Terra.

— E eu prom eti não dizer nada para ninguém , hum ano ou não — Will reafirm ou.

Era difícil recusar o pedido do aprendiz sendo que a própria Mercy estava se coçando para se

m isturar a eles. Já fazia um bom tem po que ela visitara a Terra, e os hum anos há m uito a

fascinavam .

— Vam os descer — Goodness esfregou as palm as j untas, tão ávida quanto Mercy .

— Eu... não sei.

Mercy ignorou a antiga Anj o da Guarda.

— Eu vou nessa. Will... — ela gritou — siga-m e e fique perto de m im . Faça o que eu fizer —

pediu, indo em direção a Tim es Square com Will de um lado e Goodness do outro.

— Não, não... Isso pode ser um erro — Shirley gritou antes de sair em disparada para alcançá-

los. — Faça o que EU fizer — acrescentou.

Os quatro aterrissaram atrás de um a barreira de concreto contra a qual várias pessoas se

em purravam . Os policiais estavam do outro lado, patrulhando a m ultidão em busca de qualquer

sinal de desordem .

— Eles conseguem nos ouvir? — Will sussurrou.

— Apenas aqueles com ouvidos espirituais em sintonia com Deus — Shirley respondeu. — E

m esm o assim eles duvidarão de si próprios.

— Ninguém está ouvindo agora — Mercy tinha certeza de que a m ultidão estava m uito

em polgada com a festividade para notar a presença deles, o que era m elhor para todos.

— Por que eles estão encapotados com casacos, cachecóis e luvas? — Will perguntou, olhando

ao redor.

— É inverno.

— Ah.

— Todos estão olhando para o relógio gigante — Will observou.

— Sim , faltam apenas alguns m inutos para a chegada do ano novo.

— E isso é im portante?

— Ah, sim . Daqui a dois m inutos este ano acabará, dando início a um novo ano. — Esse seria um conceito difícil para Will entender. Todos os j ovens protegidos que elas conheciam vinham

do céu, onde não existiam relógios ou calendários. Lá, o tem po nada significava; passado,

presente e futuro eram a m esm a coisa.

As restrições do tem po sem pre foram problem áticas para Mercy . Gabriel geralm ente dava a

elas um lim ite de tem po para aj udar os hum anos com seus pedidos de orações, m as resolver

algum as situações dentro de um lim ite de tem po tão reduzido parecia im possível. Ainda que, em

função de suas m uitas experiências, Mercy tivesse aprendido que, com Deus, tudo é possível.

Essa fora um a poderosa lição que ela esperava repassar para Will quando surgisse a

oportunidade.

— Por que as ruas são pretas? — indagou Will, olhando na direção dos pés.

— Aqui elas não são de ouro.

— É asfalto. A Terra não é nada parecida com o céu — Mercy explicou. Se Will ficasse m uito

m ais tem po na Terra, outras diferenças logo se revelariam .

— Onde está Shirley ? — Goodness rodopiou de form a tão rápida que provocou a form ação de

um pequeno redem oinho. As pessoas agarraram os chapéus. Papéis voaram em todas as

direções. — Perdem os Shirley .

— Não, não perdem os — para o bem de Will, Mercy assegurava-se de que tudo

perm anecesse tranquilo. — Tenho certeza de que ela está por perto.

— Ela não está.

— Ah, não — Will lam entou. — Shirley desapareceu.

— Ela tem que estar por aqui — a própria Mercy estava com eçando a ficar fora de si, o que

não era bom . Shirley , o anj o m ais velho das três, costum ava se afastar, m as desaparecer desse

j eito não era um tipo de atitude com um . Do grupo, Shirley era de longe a m ais responsável.

— Procurem por crianças — Mercy instruiu Goodness e Will, pois Shirley costum ava ser

atraída pelos pequenos, resultado de todos os anos que ela tinha passado com o Anj o da Guarda.

Mercy olhou a m ultidão por cim a e elevou-se um pouco para espiar o que ocorria em baixo, na

esperança de um vislum bre da am iga.

Goodness j untou-se a ela.

— Consegue vê-la?

— Você consegue?

— Não.

Mercy continuou observando e, quando ela se virou para falar com Goodness, sua am iga

tam bém sum ira. O pânico com eçava a se instalar.

— Will — ela gritou, tem endo ter perdido totalm ente o controle da situação.

— Estou aqui.

Graças aos céus.

— Você consegue ver a Goodness?

— E a Shirley ?

Com parada a Goodness, Shirley não representava m otivo algum para preocupação. Se a sua

com panheira Em baixadora da Oração escapasse, seria im possível m ensurar o tam anho da

encrenca que ela enfrentaria. E Goodness poderia fazer isso sem sequer tentar.

— Aquela ali é a Goodness, próxim a àquelas pessoas na arquibancada? — perguntou Will.

Arquibancada? Que arquibancada? Mercy vistoriou a área até enxergar a direção indicada por

Will. Era exatam ente o que ela tem ia: Goodness fora distraída pela equipe de TV que estava

ocupada m exendo nas câm eras. E tudo por causa de todas aquelas luzes; Goodness não conseguia

resistir a elas.

Mercy chegou na hora certa. Goodness tam bém tinha um a fraqueza por qualquer coisa

eletrônica além das luzes. Com o tudo no céu era avançado, sua colega fascinava-se pelas form as

prim itivas de com unicação ainda bastante utilizadas na Terra.

— Goodness — Mercy berrou. — Não faça isso.

Perplexa, Goodness desapareceu da tela gigantesca, m as não sem antes sua im agem

fantasm agórica brevem ente piscar na superfície da tela. Um silêncio recaiu sobre a m ultidão.

— Você viu aquilo? — alguém gritou e apontou para a tela.

— Parecia um anj o.

— É um sinal de Deus.

Mercy resm ungou. A situação era pior do que ela havia im aginado. Se Gabriel ficasse sabendo

do ocorrido, o grupo todo poderia ser banido da Terra para sem pre.

— Eu sabia que algo do tipo estava prestes a acontecer — Shirley apareceu inesperadam ente,

com as m ãos na cintura, o rosto desfigurado com um olhar de indignação j ustificada.

— Nós estávam os procurando você — Mercy a advertiu antes que Shirley pudesse reclam ar.

— Aonde você foi?

— Eu estava por perto.

— Goodness — Shirley agarrou a Em baixadora da Oração bem antes de ela fazer outra

aparição na grande tela.

— Ela não consegue se conter — disse Mercy , sentindo-se na obrigação de defender sua

am iga m ais querida.

— Onde está Will?

Com o era de se esperar, não conseguiam localizar Will.

— Eu o encontrarei. — Mas, antes, Mercy tinha que tom ar conta de Goodness.

— Eu sei, eu sei — Shirley com entou, segurando Goodness pela segunda vez. — Eu a levarei

de volta para o céu. E você procura o Will.

— Onde você estava? — Mercy quis saber, disposta a não perm itir que Shirley voltasse sem

dar um a explicação.

— Desculpe-m e; vi um a criança pequena irritada. A m ãe fazia de tudo para tranquilizá-la,

m as quase sem resultado algum , então eu lhe dei um a m ãozinha. O garotinho está dorm indo

profundam ente.

— Graças a você.

— Aprendi um a série de canções de ninar na m inha época.

Certam ente Shirley aprendera.

— Eu m e j untarei a vocês assim que puder — falou Mercy após ver Will de relance, pelo

canto de seu olho. Com o suspeitava, ele voltara para a rua. A m ultidão com eçava a contagem

regressiva, e então um grito alto, j ovial, surgiu enquanto a grande m assa da população dava as

boas-vindas ao ano novo.

— Feliz Ano-novo! — Shirley gritou enquanto escoltava Goodness para casa.

— Feliz Ano-novo! — Mercy ecoou. Agora só lhe restava pegar Will antes que ele se

encrencasse.

Ah, não... Ah, não. Parecia que ela havia chegado tarde dem ais.

Os hum anos a rodearam , abraçando-se e beij ando-se, e lá estava Will, de pé ao lado de duas

pessoas com pletam ente sozinhas, de costas um a para a outra.

Mercy percebeu o que estava prestes a acontecer e sentiu-se sem forças para evitar. Com um

único m ovim ento de asa, Will fez com que esses dois estranhos tropeçassem um no outro.



Capítulo 2

Lucie Ferrara sabia que seria um erro ir até a Tim es Square na véspera de Ano-novo. Ela

preferia ficar enrolada nas cobertas, na cam a, com um bom livro.

No que ela andava pensando?

Em vez de se perm itir um a boa leitura, Lucie deixara Jazm ine e Catherine persuadirem -na a

acom panhá-las até o alvoroço do reveillón. A própria m ãe de Lucie se j untou às m eninas contra

a filha, insistindo que ela j á havia trabalhado dem ais e, portanto, precisava sair de casa e

aproveitar o m om ento com as am igas.

E até que foi divertido. Jazm ine e Catherine tinham sum ido, e Lucie estava presa no m eio da

enorm e m assa hum ana, incapaz de se m exer. Pessoas a pressionavam por todos os lados, e tudo

o que ela queria era escapar dali. De onde estava, via a estação do m etrô; se pudesse ao m enos

seguir naquela direção...

De repente, a m ultidão com eçou a gritar. Um a cacofonia de barulho irrom peu ao redor de

Lucie com o um a anim ada vibração e o “Auld Lang Sy ne” [2] estourou pelo ar da noite fria.

Sentiu-se ainda m ais sozinha ao ver todos os casais ao redor se abraçando ou se beij ando.

Todos pareciam pertencer a alguém . Todos, com exceção de Lucie.

Incapaz de assistir à cena e ficar alheia a ela, Lucie fechou os olhos. Sua m ãe queria que se

divertisse com as am igas. Afinal, j á fazia sem anas desde a últim a vez que Lucie tinha saído e

precisava de um a noite livre, com o Wendy havia delicadam ente lhe lem brado. Apenas trabalho

e nenhum a diversão a fariam perder o foco.

Sua m ãe estava certa. Lucie precisava m esm o de um descanso, pois provavelm ente trabalhara

dem ais. Dirigir um restaurante não era sim ples. Havia decisões a serem tom adas, bem com o o

dever de honrar com prom issos. Elas tinham encontrado um local no Brookly n, não m uito distante

do apartam ento em que viviam . Em bora o espaço fosse perfeito para o que pretendiam , era

necessário reform á-lo, e as licenças levavam tem po, dinheiro e esforço.

Além disso, Lucie tinha um a responsabilidade para com sua m ãe, que investira todo o dinheiro

do seguro de vida recebido após a m orte do pai de Lucie, e, assim , o restaurante precisaria

tornar-se um sucesso. Portanto, a fé que Wendy depositava na filha era tanto um a bênção quanto

um a m aldição. Se Lucie fracassasse, nunca seria capaz de se perdoar.

De repente, Lucie levou um chacoalhão por trás, fazendo-a tropeçar para a frente.

— Ah, desculpe-m e.

— Desculpe.

Após o pedido de desculpas, os olhos dela brilharam quando olhou fixam ente para o rosto do

hom em cuj a aparência era a m ais incrível que ela j á vira fora de um a tela de cinem a. Mais alto do que ela uns bons quinze centím etros, tinha olhos castanhos absolutam ente m eigos. Um tufo de

cabelos castanho-escuros caiu sobre a larga testa dele.

—Você está bem ? — ele perguntou. — A m ultidão...

— Eu sei, é louco. Não se preocupe, estou bem .

As m ãos dele apertaram os om bros dela com o se fossem segurá-la do tom bo. Mas Lucie não

caiu, e os dois ficaram um longo tem po apenas olhando um para o outro. Surpreendentem ente,

ele parecia desacom panhado. Tam bém sozinho na m ultidão.

— Vam os?

Sem entender m uito bem , ela piscou.

Então, após um a breve pausa, ele abaixou a cabeça e pousou os lábios nos dela.

Erguendo-se na ponta dos dedos do pé, Lucie envolveu o pescoço dele com os braços e

retribuiu o beij o. Por que não? Era véspera de Ano-novo, e beij ar continuava um a tradição.

O beij o durou até o final da m úsica, e Lucie o aproveitou im ensam ente. A

terra não se m oveu,

o céu não caiu, m as o contato entre am bos foi quente, m acio e, acim a de tudo, agradável. Muito

agradável. Ela quase resm ungou em protesto quando seus lábios se separaram .

Ele sorriu para ela.

Lucie sorriu de volta.

— Sou Aren Fairchild.

— Lucie Ferrara.

A m ultidão com eçou a dispersar. As pessoas antes ali em pé, tão próxim as um as das outras,

estavam partindo. De repente, parecia que todas precisavam ir para outro lugar.

Lucie e Aren perm aneceram em pé, im óveis, no m esm o local. Ele continuou a segurar os

om bros dela.

— Acabei m e perdendo da m inha irm ã — explicou.

— E eu não faço a m enor ideia do que aconteceu com Jazm ine e Catherine.

— Então você está sozinha?

Lucie acenou afirm ativam ente com a cabeça.

— Eu tam bém . Que tal procurarm os um lugar para tom ar um a taça de vinho?

— Eu gostaria. O coração dela palpitou com suave excitação ao ouvir o convite. Talvez,

apenas talvez, no final das contas, esta noite não tivesse sido um desastre.

O celular de Lucie vibrou, indicando um a nova m ensagem de texto.

Vasculhando a bolsa, ela

recuperou o aparelho e viu que era de Jasm ine.

Onde você está?

Lucie rapidam ente respondeu:

Ainda na Times Square.

C e eu estamos indo p/ o metrô.

Amanhã a gente se fala.

OK.

Quando Lucie term inou, percebeu que Aren estava ocupado teclando no celular tam bém . Ele

desviou o olhar quando colocou o telefone no bolso do casaco.

— Avisei m inha irm ã que iria sozinho para casa.

— Eu disse a m esm a coisa para as m inhas am igas.

Então Aren esticou o braço para pegar na m ão dela e lá se foram os dois. Após um a série de

tentativas para encontrar espaço em um bar ou adega, acabaram desistindo e contentaram -se

com um a lanchonete que ficava aberta a m adrugada toda.

A sensação de se sentar foi boa. Lucie retirou o casaco, e Aren desabotoou o sobretudo.

— Desculpe. Não conheço bem esta área, senão saberia de algum local legal para irm os.

— Acho que isso é o de m enos — Lucie o anim ou. — Em um a noite com o esta, todos os

lugares estão lotados. Tivem os sorte de conseguir um a m esa aqui. — Após falar, ela percebeu

que ele deveria ser novo na cidade. — Você não é de Nova York?

— Seattle — ele explicou. Em outras palavras, ele era turista. Bem , provavelm ente fosse até

m elhor, visto que ela não dispunha de tanto tem po para investir em um relacionam ento, caso

esse, de fato, se tornasse um . Ah não, Lucie estava sonhadora dem ais.

— Eu m e m udei para cá há pouco tem po.

— Ah! — No m esm o instante, o ânim o dela elevou-se, em bora as circunstâncias não fossem

m udar por um bom tem po.

— E você?

— Eu m oro no Brookly n.

— Ainda não estive lá, m as m inha irm ã m e disse que está se tornando um bom local

rapidam ente. Preciso encontrar um apartam ento logo, e ela sugeriu que eu procure por lá.

— Você irá gostar. — Lucie m orara no Brookly n toda sua vida e fazia parte da com unidade. O

apartam ento dela e da m ãe ficava próxim o da Jam ison Street. O restaurante, assim que fosse

inaugurado, seria relativam ente perto e teria o nom e de Encantos Divinos, escolhido por am bas.

— O que traz você a Nova York? — ela perguntou.

— Vim a trabalho. Sou escritor e um bom am igo m e indicou para um a vaga na *Gazeta de*

Nova York.

— A *Gazeta*. Uau! Você deve ser m uito bom .

— Eu gostaria de pensar assim , m as só o tem po dirá. E você?

Lucie m al sabia por onde com eçar.

— Bem , eu m e form ei recentem ente na escola de culinária e, j unto com m inha m ãe, estou

trabalhando para abrir um restaurante.

Parecia que Aren estava prestes a dizer algo, m as m udou de ideia.

— Isso dá m uito trabalho.

— Nem m e diga — ela se conteve para não entrar em detalhes sobre os esforços e as

dificuldades, os gastos e os receios. Não era hora para isso.

— Você parece pensativa — Aren com entou.

Lucie sorriu.

— Pouco antes de trom barm os um no outro, eu estava pensando que preferia estar em casa a

ficar lá em pé, sozinha, sentindo frio.

Aren riu.

— Engraçado, eu pensava na m esm a coisa. Apenas concordei em ir porque não queria deixar

m inha irm ã virar o ano sozinha. Ela term inou um relacionam ento há pouco tem po e está sendo

com plicado. Na verdade, eu estava pensando se encontraria o cam inho de volta para o

apartam ento da m inha irm ã.

— Você está perdido?

— Não exatam ente — ele disse, olhando-a um pouco constrangido. — Entender as direções

aqui está m e deixando louco e testando a m inha inteligência. O que vocês querem dizer com

Cinquenta e Três, entre a Sexta e a Sétim a, sendo que o endereço é com pletam ente diferente,

com o Madison Avenue, núm ero doze? Eu costum ava pensar que tinha um bom senso de direção.

Mas não m ais.

Agora era a vez de Lucie rir dele.

— Não se preocupe, você logo irá entender.

— Espero que sim .

A estressada garçonete aproxim ou-se da m esa e entregou-lhes os cardápios.

— Café?

— Por favor — Lucie respondeu, ciente de que precisaria da bebida se pretendesse ficar

acordada por m uito m ais tem po, e, honestam ente, ela esperava ficar. Seu dia com eçara às

quatro da m anhã, quando se reuniu com fornecedores e lidou com o que parecia um a dezena de

problem as que precisariam ser resolvidos naquele dia.

Aren endireitou sua caneca de café e olhou para o cardápio.

— Eu não costum o com er tão tarde assim , m as Josie insistiu que procurássem os algo na rua

m esm o.

Josie deveria ser a irm ã dele.

— E você acabou nem com endo.

— Na verdade passei m etade da noite em um a busca frenética pela m inha irm ã. Afinal,

ficam os separados por horas seguidas.

O m esm o acontecera com Lucie e suas duas am igas. Os policiais as tinham conduzido para

um a área cercada, m as a m ultidão ainda parecia afastá-la das am igas. Ela poderia ter sido um

pouco m ais agressiva, m as essa sim plesm ente não era sua natureza. E sentia-se nervosa por sair

do local onde estava porque sabia que os policiais não a deixariam voltar para lá.

— O que você espera para o ano novo? — Aren perguntou-lhe após tom ar um gole do café.

— Ai, tanta coisa. — Lucie endireitou o corpo e falou sem parar por uns bons dez m inutos, até

perceber que tinha dom inado com pletam ente a conversa. Mais do que um pouco constrangida,

ela balançou a cabeça. — Chega, j á falei dem ais sobre m im . O que você espera para o ano

novo?

— Não, não, continue — ele insistiu, antes de acrescentar: — Na verdade, há algo im portante

que estou esperando ouvir.

— E o que seria?

O sorriso de Aren foi caloroso.

— E quanto aos hom ens na sua vida?

Lucie encolheu os om bros.

— No m om ento, há apenas um .

— Então há alguém im portante na sua vida?

— Ele é um pouco possessivo tam bém .

O sorriso de Aren desvaneceu.

— Sério? Conte-m e sobre ele.

— Cham a-se Sam m y , e estam os j untos há cinco anos. Na verdade, Sam m y m e perm ite até

dorm ir com ele.

— Perdão? — Aren colocou o cardápio de lado e franziu a testa.

— Sam m y é um cachorro vira-lata de 5 quilos e m eio que eu e m inha m ãe adotam os. Ele

perm ite m esm o que eu durm a com ele, além de deixar bem claro que estou ali apenas por sua

generosidade.

Aren riu.

— Em outras palavras, atualm ente você não está envolvida com ninguém ...

hum ano.

— Isso — Lucie estrem eceu com a pergunta dele. — E você? Mulheres em sua vida?

Aren suspirou profundam ente.

— Estou divorciado há dois anos — e olhou para baixo na direção de seu café.

Lucie observava enquanto tristeza e decepção afundavam os om bros de Aren.

— Katie e eu fom os casados por cinco anos. Mas ela se apaixonou por outra pessoa — ele

disse, com o se a dor ainda persistisse.

— Filhos?

— Não, felizm ente evitam os essa com plicação. Eu queria constituir um a fam ília, m as Katie

vivia inventando desculpas. Olhando para o passado, sou m uito agradecido.

— Você teve m uitos encontros desde então?

— Pouquíssim os. Mas, voltando a você, pois quero deixar isso bem claro entre nós: não está

envolvida com um hom em ou atualm ente casada, certo? — ele levantou a questão com o se

tem esse um a repetição dos erros do passado. — Sabe, Katie m e abandonou por um hom em com quem ela j á se envolvera antes.

— Ah, não há m otivo para preocupação.

Agora, ele franziu a testa.

— Por que não? Você é m aravilhosa.

Ela enrubesceu com o elogio.

— Não tenho pressa. Prim eiro porque eu cursava a escola de culinária e trabalhava m eio

período para pagar a m ensalidade. E agora, bem , agora eu e m inha m ãe estam os nos esforçando

para colocar nosso restaurante em funcionam ento. Sim plesm ente parece não haver horas

suficientes em um dia para tudo o que preciso fazer, e m enos ainda para um pouco de vida

social.

A garçonete retornou à m esa para anotar os pedidos, e cada um escolheu algo para um café

da m anhã leve. A conversa não dem orou m uito.

Os pratos tinham sido retirados há m uito tem po, e Lucie e Aren haviam bebido duas ou três

xícaras a m ais de café antes de ela olhar para o relógio e notar a hora.

— Meu Deus, j á são quase 4 horas — ofegando, apoiou a m ão no peito. As horas tinham

sim plesm ente evaporado. Lucie achou chocante eles ficarem ali sentados a noite toda,

com partilhando um m om ento tão agradável, por três horas e m eia. Com um sentim ento de

pânico, alcançou a bolsa e deslizou do estofado. — Tenho que trabalhar hoj e. — Ela não podia

acreditar que o tem po passara tão rápido. Mas tinha tido sorte de ainda dispor de três horas para

dorm ir antes de trabalhar em um turno de doze horas. A m ãe a incentivara a

tirar folga no dia

prim eiro, m as Lucie sabia que não poderia recusar as horas extras. Não quando o restaurante

pagava 75% pela hora trabalhada no feriado. O dinheiro lhes seria útil.

Nesse m om ento, cada centavo contava. Elas queriam abrir o Encantos Divinos no dia 1º de

m arço, m as, ao ver quanto tem po todo o processo de abertura estava levando, Lucie precisou

aceitar que a estim ativa era otim ista.

Aren segurou a m ão dela.

— Deixe-m e levá-la até o m etrô.

— Certo. — Ela não queria ir em bora, m as não lhe restava outra opção. De qualquer m aneira,

Lucie j á estava acordada há pelo m enos vinte e quatro horas. — Eu não queria sair com pressa,

m as...

— Tudo bem , eu com preendo.

— Ah, Aren, não consigo m e lem brar de ter passado um m om ento tão bom com o este. É tão

fácil conversar com você. — Afinal, por um a boa parte da noite, Lucie com partilhara com ele

coisas que não havia contado a colegas de trabalho e am igos. Os olhos dela se encheram de

lágrim as quando falou sobre o pai, falecido há um ano e m eio em decorrência de com plicações

no que deveria ter sido um a cirurgia de rotina.

O irm ão de Lucie, que m orava e trabalhava no Texas, tinha um a fam ília j ovem , então eram

apenas ela e sua m ãe. E Wendy tinha problem as de saúde. Diabética tipo 1, a m ãe de Lucie

precisava controlar cuidadosam ente sua dieta e as dosagens de insulina.

Aren recolheu o sobretudo.

— Eu estava pensando agora m esm o no quanto você é interessante e divertida.

Ele j á tinha pagado a conta, e os dois estavam liberados para partir.

— Eu gostaria de vê-la outra vez — ele disse enquanto desciam a calçada em direção à

estação de m etrô.

— Eu tam bém gostaria, m as...

— Mas — ele repetiu, term inando o pensam ento dela — você não sabe se é possível envolver-

se em um relacionam ento bem agora.

— Sim . — Lucie sentia-se grata por ele form ular em palavras o pensam ento dela.

— Eu com preendo, m as nós dois acabam os de falar com o foi bom este m om ento j untos. Eu

não acho que deveríam os sim plesm ente desistir um do outro. O m ínim o que podem os fazer é nos

conhecer um pouco m ais. Não posso falar por você, porém esta é a prim eira vez em dois anos

que m e senti eu m esm o. Estou recom eçando a vida, conheci um a pessoa m

aravilhosa e não

quero que isso acabe após um a noite — os passos dele dim inuíram o ritm o para acom panhar os

dela enquanto continuavam a cam inhar. — Segundo a m inha irm ã, sou um bom rapaz e...

— Você é um bom rapaz.

— E acontece que eu acho você um a pessoa m aravilhosa. Então, o que m e diz? — Eles

chegaram à parte de fora da estação de m etrô e Lucie hesitou. — Posso beij á-la outra vez? —

Aren perguntou. — Talvez isso a convença.

— Sim , por favor. — Lucie inclinou-se e autom aticam ente deslizou os braços ao redor do

pescoço de Aren.

O prim eiro beij o fora agradável. O segundo, após se conhecerem um pouco m ais, foi m uito,

m as m uito m elhor. Dessa vez, ela ouviu m úsica, m as era o som de um coração feliz.

Assim que se separaram , Lucie percebeu que não queria abandonar esse relacionam ento tão

novo.

Aren fixou o olhar no dela, à espera de um a resposta. Em seguida, apoiando a testa na dela,

sugeriu:

— Só lhe digo um a coisa.

— O quê?

— Em vez de se afastar, pense com carinho, certo?

— O que você quer dizer com isso?

— Acho que sei no que você está pensando. Estam os com as em ções e a cafeína altas, e um

pouco m ais do que exaustos. — E ela tivera a m esm a im pressão. — Tire um a sem ana para

pensar.

— Um a sem ana — ela repetiu.

— Se você resolver que vale a pena explorar este sentim ento, então nos encontrarem os

novam ente no dia 7 de j aneiro, às quatro da tarde.

— Sete de j aneiro, às quatro da tarde — ela repetiu.

— Sete dias — ele enfatizou — para refletir sobre isso com calm a.

No m om ento, todo esse período parecia tem po dem ais para esperar. Lucie, invadida por

em ções, sentia-se pronta para decidir naquela m esm a hora. Ainda assim , um a grande

responsabilidade recaía-lhe em relação ao restaurante. Agora não era hora de se envolver com

alguém , m esm o que fosse um hom em m aravilhoso com o Aren.

— Onde você propõe que nos encontrem os? — Lucie perguntou. — Outra vez no restaurante?

— Não — ele respondeu, percorrendo o dedo pela lateral do rosto dela. — Adm ito que sou um

pouco rom ântico. Vam os nos encontrar no topo do Em pire State Building.

— Por que lá? — ela perguntou, sorrindo com a sugestão.

— Porque é o lugar onde eu gostaria de beij á-la novam ente.

— Certo — concordou —, m as saiba que... talvez eu não apareça. Odeio pensar em você ali

m e esperando naquele frio.

— Então não m e deixe esperando.

— Ah, Aren, eu não sei...

— Agora você não sabe m esm o. Reflita em um a sem ana, certo?

— Tudo bem .

Aren desceu os degraus até o m etrô e esperou com Lucie até a chegada do trem . Ela entrou no

vagão e autom aticam ente se dirigiu à j anela, pressionando a m ão contra o vidro. Do outro lado,

Aren fez o m esm o, com o vidro separando am bas as m ãos. Quando o trem com eçou a se

deslocar, ela m andou-lhe um beij o.

Com o ele era sensato! Um a sem ana daria a Lucie tem po para pensar, tem po para decidir. E

com o foi rom ântico da parte dele sugerir o topo do Em pire State Building! Mordendo o lábio

inferior, ela queria tanto continuar esse relacionam ento... Mas o m om ento era totalm ente

inadequado. Será que ela teria um a oportunidade dessa outra vez? Essa era um a pergunta que ela

tem ia responder.



Capítulo 3

Os olhos de Lucie ardiam enquanto ela se vestia apressadam ente para o trabalho após dorm ir

m enos de três horas. Em bora estivesse se arrastando, em ocionalm ente se sentia vibrando, sem

um único arrependim ento. Seu passeio até a cidade fora incrível. Conhecer Aren tinha aberto o

coração de Lucie a várias possibilidades. Eles entraram em tal sintonia que parecia terem

crescido j untos, redescobrindo um a profunda ligação m útua após um a longa separação.

Antes de o pai dela falecer, e antes de Lucie ter iniciado o curso de culinária, ela nam orava

com certa frequência. No entanto, com outros hom ens, sem pre houvera aquele estranho período

de “se conhecer”, m arcado por longas pausas no diálogo enquanto se esforçavam para descobrir

algum a afinidade. Com Aren não foi assim . Ele se m ostrara tão interessante e interessado nela.

Ela nunca tinha conhecido um hom em que não gostasse de falar apenas sobre si próprio,

dom inando a conversa, procurando causar um a boa im pressão. Aren, ao contrário, m ostrou-se

tão confortável consigo m esm o que não pareceu sentir a necessidade de tagarelar sobre sua

carreira ou seus am igos influentes. Desde o prim eiro m om ento am bos perceberam estar

m utuam ente conectados, tornando a decisão de Lucie ainda m ais difícil. Com o ela poderia

desistir desse relacionam ento prom issor? Em função de viver tão sem tem po, com o poderia

m anter um relacionam ento?

Lucie escovou o cabelo escuro, na altura dos om bros, e em seguida o prendeu para afastá-lo

da frente do rosto, em purrando os longos fios atrás das orelhas. Quando estava no restaurante, ela

o cobria com um a rede e um chapéu de *chef* de cozinha. E usava o chapéu com orgulho, afinal, trabalhara duro para esse privilégio.

Sua m ãe parou na entrada do banheiro de Lucie.

— A que hora você chegou ontem à noite?

— Tarde — Lucie não queria dizer à m ãe exatam ente a hora em que fora para cam a.

— Divertiu-se?

Suspirando, Lucie acenou com a cabeça.

— Eu tive a noite m ais incrível da m inha vida.

O rosto da m ãe alegrou-se.

— Eu sabia que sair lhe faria m uito bem . Lucie, eu m e preocupo com você e com o quanto

trabalha, assim , fico feliz que tenha seguido m eu conselho e saído com suas am igas.

— Tam bém estou feliz. Não se preocupe com igo, de verdade, m ãe. A situação vai se resolver

logo. — Logo que o restaurante fosse inaugurado e estivesse em pleno funcionam ento, Lucie

conseguiria descansar. Assim ela esperava. Encantos Divinos precisava ser um sucesso. Era o

futuro delas, o sonho delas, e Lucie estava determ inada a tornar o local bem - sucedido. E sentia-se obrigada a isso, visto que sua m ãe investira tanto na em preitada. Wendy confiara à filha todas

suas econom ias e o dinheiro do seguro de vida, e Lucie não podia, e não iria, desapontar a

fam ília.

— Você conheceu alguém , não é?

— Mãe!

— Não conheceu? — De form a relutante, Lucie concordou com a cabeça. — Por que esse

sigilo? Conte-m e sobre ele.

— Mãe, não tenho tem po. Já estou atrasada.

Sua m ãe continuou a insistir:

— Bem , pelo m enos m e conte com o vocês se conheceram .

Lucie não conseguiu conter o sorriso, m esm o tentando.

— Nós nos conhecem os na Tim es Square, à m eia-noite, e Aren m e beij ou.

Os olhos de Wendy arregalaram -se.

— Bem , é claro. Foi dessa form a que eu conheci todos os hom ens da m inha vida — a m ãe

brincou.

— Eu m e perdi de Jazm ine e Catherine no m eio da m ultidão, e estava ali de pé, sozinha,

enquanto todas as pessoas entoavam cantos de Ano-novo, abraçando-se e beij ando-se. Aren e eu

trom bam os um no outro e, antes que eu percebesse, tam bém nos beij ávam os.

Os om bros de sua m ãe ergueram -se com um profundo suspiro.

— Esta é provavelm ente a coisa m ais rom ântica que j á ouvi.

Lucie term inou de se m aquiar, deu um a últim a olhada no espelho e resolveu que estava com

um a aparência boa o suficiente. Assim que term inasse o trabalho naquele dia, ela faria um a

refeição leve e iria direto para a cam a. Trabalhar na cozinha, com facas e fogo por perto, lhe

exigia m uita prudência se não dorm isse o suficiente.

— Quando você voltará a se encontrar com Aren? — a m ãe perguntou-lhe, seguindo Lucie até

a cozinha.

— Eu... eu não sei. Ele é novo na cidade e m uito ocupado.

— Lucie...

— Sim , m ãe? — ela disse, forçando um tom leve à voz.

Sua m ãe a encarou, com as m ãos na cintura.

— Você está escondendo algum a coisa de m im . Eu lhe disse quando era um a garotinha que

não precisava ter m edo de m e contar qualquer coisa. Sou sua m ãe.

— E tam bém a m elhor m ãe do m undo — ela afirm ou, beij ando Wendy na bochecha.

— Mas... — a m ãe protestou.

— Contarei m ais depois do trabalho, certo? — Lucie não tinha tem po para prolongar a

conversa e, além do m ais, não chegara a um a conclusão sobre a quantidade de detalhes que

deveria contar à m ãe. Durante toda a noite se sentira em polgada, seus sonhos preenchidos por Aren. Ele se m ostrara tão certo e confiante de que voltariam a se encontrar. Em bora tivesse

falado m uito pouco sobre seu divórcio, Lucie sabia que ele passara por um período nada fácil.

Ainda assim , por ela, estava disposto a pôr de lado seus m edos, basicam ente lhe pedindo que

ignorasse os obstáculos de sua vida e desse um a chance a eles.

Aren era novo na cidade e desej ava recom eçar sua vida. E ele queria recom eçá-la

nam orando Lucie. A m ente dela continuou a se agitar com perguntas, dúvidas, desej os e m edos.

O j ornal provavelm ente tinha um período de experiência para seus escritores. O encontro deles e

a atração im ediata que experim entaram foram um a surpresa. Tanto para Aren quanto para

Lucie. Nenhum deles esperara tam anha intensidade. No entanto, a época não poderia ser pior.

— Você parece pensativa, querida — a m ãe dela disse, interrom pendo os pensam entos de

Lucie. — Tem certeza de que não há algo que queira m e contar agora?

— Tenho — Lucie forçou um sorriso. — Só quero lhe dizer que Aren é sim plesm ente

m aravilhoso.

Wendy apertou a m ão da filha.

— Está na hora de você encontrar alguém , Lucie. Na sua idade, eu j á estava casada e grávida

de seu irm ão.

— Pare, m ãe, você m e faz parecer a tia Adele.

— Ela não se casou antes dos 43 anos — Wendy a relem brou.

— Sim , m as a tia Adele viaj ou o m undo, nadou com arraias, criou duas em presas e se casou

quando encontrou o hom em sem o qual não conseguia viver. Eu ainda não encontrei esse

hom em .

— Com o você sabe? — a m ãe a desafiou. — Ele pode ser Aren. Dê um a chance a ele, Lucie.

Já fazia um bom tem po que não via seus olhos brilharem assim ao falar sobre um hom em . Eu

nem conheci esse tal de Aren e j á gosto dele.

Em vez de com entar, Lucie agarrou a bolsa e dirigiu-se até a porta. Sua m ãe

poderia estar

certa, m as ela não tinha tem po para pensar sobre isso naquele m om ento.

Lucie ficava tão ocupada enquanto trabalhava que as horas passavam num a velocidade

incrível. Ao final de seu turno, ela estava tão exausta que m al conseguia pensar logicam ente. Ao

voltar para casa de m etrô, ela quase dorm iu sentada. Com o j á im aginava, sua m ãe a esperava

com Sam m y , que a cum prim entou balançando o rabo com tanto entusiasm o que chacoalhou

todo o traseiro.

— Lucie, você está exausta. Ai, querida, eu tem ia isso.

— Estou bem , m ãe.

— Com eu hoj e? —Wendy perguntou-lhe.

— Com i — Lucie respondeu, distorcendo os fatos. Ela até fizera um intervalo, m as usara o

tem po para descansar os olhos; apenas pouco antes de voltar para a cozinha ela pegara um

pãozinho, espalhara bastante m anteiga nele e o cham ara de alm oço.

Lucie sentou-se e conversou com a m ãe por vários m inutos, dando atenção tam bém a

Sam m y . Sua m ãe insistiu em lhe preparar ovos m exidos. Lucie disse que não precisava, m as

Wendy não lhe deu ouvidos; na verdade, Lucie ficou contente com o j antar tardio, com Sam m y sentado obedientem ente ao seu lado.

Após ela term inar a refeição, Wendy repousou a cabeça no estofado da parte de cim a da

cadeira e fechou os olhos.

— Conte-m e m ais sobre esse j ovem que você conheceu.

— Mãe, a sua taxa de glicose no sangue está controlada?

— Estou bem . Não se preocupe com igo. Sem pre controlo os m eus níveis de insulina. Agora

m e conte sobre Aren.

— Não sei bem o que dizer... Só que ele é divertido, charm oso e inteligente. Depois de a bola

descer, nós fom os a um café-restaurante que fica aberto de m adrugada e conversam os sem

parar por quase quatro horas. Ele é escritor, e deve ser m uito bom porque acabou de conseguir

em prego na *Gazeta de Nova York*. E tem um a irm ã. Está m orando com ela até conseguir

encontrar um lugar próprio. Ele vive preocupado com ela.

— Ah, é?

— Aparentem ente ela term inou um longo relacionam ento. Eles estavam noivos, m as algo deu

errado e cancelaram o casam ento e não estão m ais se vendo. Parece que Josie está sofrendo

m uito por isso.

— Aren parece ser um j ovem excepcional.

— Ele é — disso Lucie estava certa.

— Quando você irá vê-lo outra vez? — a m ãe insistiu.

— Ainda não resolvem os isso... exatam ente — Lucie não queria explicar o que com binaram ,

pois sabia que sua m aravilhosa m ãe iria incentivá-la a encontrar Aren no tem po e no local

acordados, e não aceitaria um não com o resposta.

— Vocês trocaram telefones? — Wendy perguntou.

Lucie balançou negativam ente a cabeça e em seguida percebeu que a m ãe descansava os

olhos.

— Não, não trocam os. — Ela tinha cogitado pedir o núm ero do celular de Aren e estava m uito

certa de que ele tam bém pediria o dela. Mas isso poderia tornar a decisão ainda m ais difícil.

Desse m odo, não haveria volta e sequer segunda chance. Era 7 de j aneiro ou nada. — Ele quer

que eu o encontre no dia 7 no topo do Em pire State Building — Lucie deixou escapar. No final

das contas, a m ãe arrancaria a inform ação dela de um a form a ou de outra.

— Então você deveria ir — abrindo os olhos, a m ãe de Lucie franziu a testa com o se estivesse

confusa.

— O problem a, m ãe, é que o m om ento é o m ais inadequado — Lucie sussurrou.

— E daí? Se você for esperar até que tudo estej a perfeito, poderá perder Aren, e eu não quero

que isso aconteça.

— Eu tam bém não quero. Resolvem os nos dar esta um a sem ana. Afinal, ficam os acordados

quase a noite toda, rodeados de estím ulos por toda a parte, m as, com o eu disse, a hora não

poderia ser pior para m im . Aren está com eçando em um novo em prego; eu j á estou atolada com

o restaurante e...

— Meu Deus, Lucie Ann, você ainda não sabe que se apaixonar nunca é inconveniente? Eu

conheci o seu pai pouco antes de ele ser enviado para a Guerra do Vietnã. Nós passam os um

único dia j untos e depois nos com unicam os por m eio de cartas. O seu pai escrevia as cartas m ais

belas e im pressionantes.

Lucie tinha ouvido a história m ais de m il vezes e nunca se cansara dela.

— Um ano se passou — ela continuou para a m ãe.

— Treze m eses. Eu estava no segundo ano da faculdade, e um dia, de repente, o seu pai

apareceu no cam pus.

— Um hom em de uniform e não era exatam ente a visão m ais agradável naquele tem po,

sobretudo na universidade.

— Você está sendo generosa.

— Mas você o am ava.

— Sim , m as eu vivia com problem as de saúde e não estava totalm ente certa de que poderia ter

filhos.

— E papai superou cada obstáculo porque ele am ava você.

— Ele era determ inado, tudo bem — Wendy disse, e os olhos dela brilharam com a

lem brança.

— E papai lhe deu um prazo.

— Assim com o Aren está fazendo.

— É diferente, m ãe.

— Não tão diferente, m inha garotinha. Não tão diferente m esm o. Com o eu disse, não há um

calendário exato para encontrar a pessoa certa. Você não faz 21 anos e im ediatam ente conhece

o hom em dos seus sonhos. Acontece quando tem que acontecer.

Lucie conhecia a veracidade disso por m eio da própria história de am or dos pais. Seu pai tivera

que trabalhar duro para convencer a m ãe de que eles deveriam se casar. Wendy resistiu e

insistiu que George não sabia no que estava se m etendo. Em bora as circunstâncias fossem outras,

era com o se a história se repetisse.

— Prom eta-m e que você irá encontrar esse j ovem .

— Mãe...

— Eu sei o que o seu coração está lhe dizendo, Lucie. Você não m e engana, querida. Nunca

conseguirá.

Era verdade. Lucie achava im possível enganar a m ãe e odiava ser enganada pelos outros.

— Preciso de um tem po. Tenho um a sem ana inteira para decidir.

Na m anhã de 7 de j aneiro, Lucie acordou convencida do que queria. Sua m ãe a havia

influenciado a sem ana toda, falando com em polgação sobre o aspecto rom ântico do encontro.

De form a repetitiva, ela lem brava a filha do galanteio deslum brado com o j ovem oficial do

exército que se tornara o pai de Lucie.

— É esta tarde — Wendy m encionou casualm ente durante o café da m anhã.

— Sim , m ãe, eu sei.

— Diga-m e que você decidiu encontrar Aren, pois, se não for, j uro que irei até o Em pire State

Building e eu m esm a o encontrarei.

— Mãe.

— Bem , provavelm ente eu não farei isso, m as, Lucie, com o eu queria que você visse seus

olhos brilharem toda vez que o m enciona. Eu m e sentia assim com seu pai, e, querida, nós

tivem os anos m aravilhosos j untos. Quero que você encontre essa m esm a felicidade.

— Eu sei, m ãe...

— Tranquilize-m e! Conte-m e o que você decidiu.

Lucie tinha tentado se m ostrar discreta, m as estava claro que não conseguia.

— Eu estarei lá às 16 horas e Aren estará esperando por m im .

Wendy esfregou as palm as com o se fosse im possível de se conter de alegria.

— Você diz ao j ovem que desej o conhecê-lo?

— É claro, m ãe. Você terá um m onte de oportunidades para conhecer Aren. — Lucie adorava

o entusiasm o da m ãe. — Já acertei tudo para sair m ais cedo do trabalho — explicou. — Pegarei

o m etrô até a cidade.

— Perfeito. Você vai m e ligar quando estiver lá, não vai? Eu m e recuso a ficar desinform ada.

Quero saber o que acontecerá quando ele a vir, certo?

— Espere pelo m enos alguns m inutos para que eu possa cum prim entá-lo. — Lucie ligaria após

aquele beij o que Aren lhe prom etera. Assim , sentiu dificuldade de conter o sorriso. Afinal, tudo

com eçara com um sim ples beij o. Bem , na verdade, não fora tão sim ples assim . As coisas

raram ente eram .

Lucie nunca foi de ficar enrolando, principalm ente no trabalho. No entanto, naquele dia seu

olhar ricocheteou várias vezes contra a parede enquanto ela contava as horas passarem . Às três

da tarde, um a hora antes do encontro, ela trocou de roupa, renovou a m aquiagem e saiu pela

porta em direção à estação de m etrô. Estava prestes a descer a escadaria quando seu celular

tocou.

— Lucie Ferrara? — um a voz fem inina perguntou.

— Sim .

— É do Hospital Metodista de Nova York. Estam os com a sua m ãe aqui. Ela levou um tom bo

feio e quebrou o braço. Acredito que terá que passar por cirurgia...

— Ah, não. A m inha m ãe está bem ? Ela é diabética.

— Não se preocupe. A taxa de glicose está estabilizada.

Lucie fez careta ao pensar na m ãe com dor.

— Já estou indo até aí — disse Lucie, tentando controlar a sensação de pânico que sentia.

Então, parou no topo da escadaria e observou a cidade, com a visão do Em pire State Building em segundo plano. Não havia nada a fazer agora. Seria absolutam ente im possível ela se encontrar

com Aren. A decepção se instalou no fundo de seu estôm ago. Era intervenção divina. Apesar de

sua decisão, ele ficaria ali, esperando por ela... e ela não apareceria.

Lucie estava ao lado da cam a de sua m ãe quando Wendy acordou após a cirurgia. Ela piscou

para a filha e depois franziu a testa.

— Você se encontrou com Aren, não é? — Em vez de responder verbalm ente,

Lucie balançou

a cabeça negando. — Eu pedi para o hospital não ligar para você.

— Mãe, eu precisava vir até aqui pra conversar com os m édicos. O que aconteceu? — Mas

Lucie j á sabia. A taxa de glicose de sua m ãe tinha caído outra vez e provocara o tom bo.

Felizm ente ela estava próxim a a um a vizinha que na m esm a hora ligou para o 911[3].

— Ah, Lucie, m e sinto tão m al por você. É tudo culpa m inha.

— Mãe, não era para ser.

— Não, não, eu não acredito nisso. Não posso acreditar nisso.

Então, Wendy pressionou os olhos com força e os lábios dela com eçaram a se m exer.

— O que você está fazendo? — Lucie perguntou-lhe.

— Xiiiu, estou orando.

— Orando para quê? — brincou.

— Por você e Aren. Estou pedindo a Deus para uni-los novam ente na hora Dele. E Ele irá

fazer isso, você sabe. Confie em m im . Deus realizará m eu pedido porque Ele sabe que eu nunca

m e perdoarei por você perder o encontro com o am or da sua vida por m inha causa.

— Isso é m uito m eigo, m ãe, m as acredito que Deus tenha orações m ais im portantes às quais

responder do que a sua.

Wendy zom bou.

— Não sej a boba. E não se surpreenda se você e Aren se cruzarem nos próxim os dias. Anote o

que eu digo. Anote aí.

— Sim , m ãe. — Em bora Lucie concordasse, internam ente ela tinha um depósito de reservas

de que o Todo-Poderoso Deus realm ente se im portasse com algo tão secundário. E, ao m esm o

tem po, ela nutria esperanças de que Ele se im portasse.



Capítulo 4

Dezembro

Onze meses depois

Gabriel abriu o enorm e livro de orações e olhou rapidam ente para o grande núm ero de

solicitações que chegavam a sua m esa de hora em hora. Ele em itia ordens para os Em baixadores

da Oração a todo m om ento. Serviço era o que não faltava no céu.

Eles se aproxim avam dos festej os natalinos, o período m ais atribulado do ano, o que levava os

anj os nom eados com o Em baixadores da Oração ao seu lim ite. A Terra estava agitada nessa

época do ano. Os hum anos viviam estressados e Gabriel queria ficar o m ais adiantado possível.

Ele correu o dedo pela longa lista e pausou ao encontrar um a solicitação não respondida, que

j á estava lá há quase 11 m eses, de um a nova-iorquina cham ada Wendy Ferrara. Então franziu a

testa e, em seguida, bateu o pé. Algo o atorm entava, um a sensação torturante com a qual ele não

fora capaz de deixar de se preocupar.

Ah, Gabriel se lem brou dessa oração. Ao recebê-la, ordenara um a investigação. Assim que o

relatório foi devolvido, ele o leu, resm ungou e então o deixou de lado até que pudesse decidir qual

a m elhor form a de lidar com essa difícil situação. Aparentem ente, seus três anj os favoritos

tinham resolvido o assunto por sua conta e risco. E, para piorar, haviam levado um j ovem

aprendiz j unto. Gabriel nom eara Shirley , Goodness e Mercy m entoras de Will, e elas fizeram

um excelente trabalho. Bem , exceto por um a im prudência. O assunto, bastante delicado, exigia

tratam ento cuidadoso.

O tem po para lidar com a oração de Wendy Ferrara era agora. Assim , Gabriel convocou as

três Em baixadoras da Oração e o aprendiz. Mal enviara a ordem , quando Shirley , Goodness e

Mercy apareceram com as asas esvoaçando de em polgação e expectativa.

Assum indo um a pose séria, Gabriel desviou da m esa o olhar. As três eram só

sorrisos.

— Você pediu para nos ver — Shirley disse, aparentando serenidade e nobreza. Esses anj os

eram criaturas m agníficas. Uns dos trabalhos m ais belos de Deus, j unto com os Anj os Guerreiros

e, naturalm ente, com os hum anos, criados à própria im agem de Deus.

— Eu sei por que você nos m andou buscar — Goodness gabou-se.

Gabriel arqueou as grossas e brancas sobrancelhas.

— Você sabe?

— Você está pronto para nos dar um a tarefa na Terra.

Mercy acenou com a cabeça avidam ente.

— Você j á notou a escassez de Em baixadores da Oração e está pensando em nos colocar novam ente em ação. Nossos m étodos podem não ser convencionais, m as atendem os às orações.

Gabriel não respondeu, m ostrando-lhes que virava a página do livro de orações.

— Na verdade, isso tem a ver com ...

— Desculpe, eu m e atrasei. Eu estava... — Will surgiu e, ao ver Gabriel com suas três

m entoras, parou de falar.

— Estou contente que você conseguiu se j untar a nós — disse Gabriel com um quê de

sarcasm o. Ele gostava bastante do rapaz e sentia que Will serviria bem a Deus assim que fosse

adequadam ente treinado.

— Estou contente tam bém . — Will endireitou-se para prestar atenção, dobrando as asas de

form a apertada contra o corpo, com as costas eretas e o olhar respeitoso.

Gabriel andou em volta de sua m esa e entrelaçou as m ãos.

— Chegou ao m eu conhecim ento que vocês quatro fizeram um a visita im prevista à Terra no

últim o m ês de j aneiro.

— Véspera de Ano-novo, para ser precisa — Shirley com plem entou e ergueu o dedo

indicador. — Eu quero que se registre que fui contra a ideia desde o início. Não queria fazer parte

desse esquem a, e...

— Mas você se j untou a eles — interrom peu-a Gabriel.

— Bem , sim , percebo que a im pressão não é das m elhores, m as senti que ter alguém sensato

acom panhando de perto era absolutam ente necessário. Não havia aviso algum de que problem as

Goodness e Mercy poderiam enfrentar sem a m inha presença lá, zelando por elas.

— Nós não...

Gabriel interrom peu a fala de Goodness.

— Quero saber quem foi o responsável pelo fiasco envolvendo Lucie Ferrara e Aren Fairchild.

Shirley , Goodness e Mercy não puderam evitar olhar para os lados com os lábios

com prim idos.

— No caso, fui eu — Will m urm urou. Ele tam bém se sentiu desconfortável com o olhar de

Gabriel.

— Explique o que aconteceu — Gabriel usou sua voz m ais grave.

Will deu um passo para a frente e olhou-o diretam ente.

— Para ser j usto com m inhas m entoras, fui alertado a não m e envolver com hum anos, m as

eu...

— Você quer dizer que se m isturou aos hum anos?

O lento aceno de cabeça de Will revelou sua relutância.

— Mercy explicou que som ente aqueles com olhar espiritual poderiam nos ver.

— E alguém notou você?

— Não.

— Tem certeza? — Gabriel o pressionou.

— Não totalm ente, m as, se fui reconhecido, ninguém disse nada a respeito.

Gabriel cam inhou ao redor de sua m esa.

— É m elhor você m e contar tudo. — O olhar dele encontrou o de Mercy , que suspirou e

deslocou-se para o lado de Will.

— Eu assum o a responsabilidade. Perdi Shirley de vista e, enquanto a procurava, Will

desapareceu.

— Em outras palavras, esse problem a é o resultado direto de sua desobediência — Gabriel

olhou-a fixam ente. Em silêncio, ficou satisfeito por ela se dispor a dar um passo à frente e

adm itir seu erro, em bora ele suspeitasse de que todas as três estavam envolvidas nesse desastre.

Mercy contorceu-se toda desconfortável sob a rigorosa avaliação de Gabriel.

— Eu gostaria de pensar em nossa breve estada na Terra com o um exercício de treinam ento

não planej ado.

Gabriel direcionou sua pergunta seguinte a Will.

— E o que você aprendeu, m eu j ovem ?

— Ah... — Will parecia sem palavras e olhou para suas m entoras em busca de aj uda.

— Bem , em prim eiro lugar — Shirley disse, tentando aj udar seu protegido —, eu aprendi a

não deixar que bebês esquisitos m e distraiam .

— E então Goodness sentiu-se atraída por aquelas câm eras de TV e eu tive que distraí-la antes

que ela voltasse a aparecer no telão.

— E foi quando o sino soou à m eia-noite e todos aqueles hum anos com eçaram a se beij ar e a

cantar — Will introm eteu-se.

— E... — Gabriel queria a história com pleta.

— E eu apresentei essas duas pessoas um a para a outra — o anj o aprendiz adm

itiu, olhando

para baixo na direção dos pés.

— Lucie e Aren?

— Eu não peguei os nom es deles.

— Lucie e Aren — Gabriel disse um pouco m ais alto.

— Eles se beij aram — Will com entou com em polgação. — Eu os vi.

— E você interferiu no plano de Deus para eles se encontrarem — Gabriel resm ungou,

balançando a cabeça com o se estivesse totalm ente desanim ado.

— Você quer dizer que era a intenção de Deus eles se conhecerem desde o com eço? —

Mercy perguntou, com a voz levem ente elevada devido à anim ação.

— Sim , m as o encontro deles não estava m arcado para acontecer naquela época e agora está

tudo errado.

— Há algo que eu possa fazer para corrigir as coisas? — Will perguntou. — Porque eu posso

retornar à Terra com o voluntário e fazer o que for necessário para com pensar o erro.

Aposto que você faria, pensou Gabriel. Já estava evidente que Will se entusiasm ara pela Terra tanto quanto suas m entoras.

— Isto é — continuou Will —, se você estiver disposto a confiar em m im outra vez.

Para seu crédito, o aprendiz aparentava decepção e arrependim ento. Gabriel refletiu sobre a

questão enquanto esfregava o queixo, pensando se havia um a form a sim ples de resolver o

problem a.

— Bem , com algum esforço você talvez consiga desatar esse nó.

— Isso significa que será necessário retornar à Terra? — Goodness perguntou, sem fôlego e

cheia de esperanças.

— E naturalm ente, com o m entoras de Will, nós precisarem os acom panhá-lo — Shirley

acrescentou, sugerindo que Will poderia não conseguir lidar com essa difícil situação sem o

auxílio delas.

— Bem ...

— Com grande sacrifício pessoal, eu sou voluntária a acom panhar Will sem as outras —

Mercy ofereceu-se.

Gabriel observou enquanto as duas am igas de Mercy a olhavam fixam ente sem disfarçar a

indignação. Várias penas se soltaram e flutuaram até o chão, num a clara indicação de que elas

estavam perturbadas pela disposição de Mercy em deixá-las para trás.

— Levando em conta que vocês três estavam j untas nisso, sinto que é j usto que todas

acom panhem Will e endireitem a situação.

— Partirem os neste exato m inuto — Shirley sequer disfarçava seu ardor para

controlar o

proj eto.

— Esperem — Gabriel disse, interrom pendo-as. — Ocorreu um a série de m udanças.

— Ah.

— A fim de que vocês com preendam a com plexidade da situação, precisarão dar um a olhada

nas vidas de Lucie e Aren neste m om ento, depois de todos esses m eses.

Ele acenou com os braços e o fino véu que separava a Terra da vista do céu desapareceu. As

três Em baixadoras da Oração, ao lado do aprendiz, observaram atentam ente através da névoa

que se dissipava.

— O que é isso? — Will perguntou.

— É o Encantos Divinos — explicou Gabriel. — Lucie e a m ãe abriram o restaurante em abril.

Está sendo um sucesso. Lucie é a responsável pelas irresistíveis sobrem esas, e o restaurante j á

provocou certa com oção no Brookly n, apesar de não haver propaganda im pressa. O sucesso

delas se deve à divulgação boca a boca. — Ele ficou pensando se algum deles com preendera o

trocadilho. Aparentem ente não.

— Que m aravilhoso.

— Lucie passa várias horas ali. Sua m ãe atua com o recepcionista. Wendy é

cordial e

receptiva e faz com que os clientes se sintam com o se estivessem em casa.

— Encantos Divinos — Goodness repetiu. — Que nom e perfeito para um restaurante.

— Quase todos supõem que o nom e vem das m aravilhosas sobrem esas, que, segundo dizem , são cheias de inspiração — Gabriel explicou.

— Então quer dizer que o nom e do restaurante não vem disso?

— Não. — Gabriel sentia-se bastante satisfeito com o fato de o nom e ter se baseado em

alguém que eles conheciam m uito bem . — Na verdade, foi outro anj o, um am igo m eu m uito

estim ado, que acabou dando ao local esse nom e.

— Que am igo?

— Sei que isso pode surpreendê-los, m as, por incrível que pareça, eu tenho am igos.

— É claro...

— Naturalm ente.

— Foi a sra. Milagre — disse Gabriel, abrindo um sorriso. — Por causa de Em ily , Lucie

acertou um contrato de fornecim ento de últim a hora pouco antes do Natal, há alguns anos. Esse

acontecim ento foi o responsável pelo pontapé inicial do restaurante.

— E agora o restaurante é um a realidade.

— O que é aquilo no canto? — Will apontou para a vitrine do refrigerador próxim a à m esa da

recepcionista.

— Aquilo — disse Gabriel — é um m ostruário dos doces de Lucie. As sobrem esas dela se

tornaram tão populares que é difícil conseguir um a reserva para j antar. Wendy , a m ãe de Lucie,

teve a ideia de vender sobrem esas tam bém para viagem . E acabou dando m uito certo.

— Quando estava program ado para Aren e Lucie se conhecerem ... originalm ente? — Will

quis saber.

— Daqui a alguns dias, no tem po da Terra.

— Com o?

— Bem , eles nunca iriam trom bar um no outro, se é o que está m e perguntando.

Will parecia infeliz ao saber disso.

— Eu gostaria de fazer o que fosse possível para acertar as coisas.

— E eu lhe concederei essa oportunidade.

— Obrigado, Gabriel.

— Sim , obrigada — Shirley , Goodness e Mercy ecoaram .

Gabriel suspirou. Ele esperava não se arrepender dessa decisão.

— Aren Fairchild trabalha para a *Gazeta de Nova York* com o crítico gastronôm ico, e escreve

sob o pseudônim o de Eaton Well, um nom e pertencente ao j ornal.

— Eaton Well — Mercy repetiu. — Inteligente.

— Ele não pode revelar sua identidade por causa de um a cláusula no contrato. O editor da

seção “Estilo de Vida” encontra restaurantes prom issores para Aren.

— Daí ele faz um a reserva para o j antar, com e e escreve um a resenha sem ninguém do

restaurante saber quem é o cliente secreto — Mercy disse, pensando em voz alta.

— Exatam ente.

Will parecia abatido.

— Eles estavam originalm ente program ados para se conhecer no restaurante, quando Aren se

apaixonaria pela m ulher responsável pelas m aravilhosas sobrem esas.

— Nem tudo na vida ocorre conform e o planej ado — Gabriel não queria acabar com o

entusiasm o do j ovem . O coração dele estava no lugar certo.

— O que está acontecendo agora? — Mercy perguntou, espiando lá em baixo, na cozinha.

— Vam os descobrir — disse Gabriel. Com um m ovim ento de seus braços, a conversa entre

Lucie e sua m ãe de repente se tornou audível.

— Lucie — Wendy a cham ou ao entrar na despensa.

Lucie estava sentada em um engradado de suprim entos recentem ente entregues segurando

um a cópia da *Gazeta de Nova York*. Assim que ouviu a voz de sua m ãe, tentou sem sucesso

esconder o j ornal.

Wendy parou e seus om bros cederam .

— Ah, Lucie, você está procurando o nom e do Aren outra vez, não está?

Lucie não viu m otivo algum para esconder o óbvio.

— Não está aqui. No final das contas, ele não deve ter conseguido o em prego.

O sorriso de sua m ãe se desfez.

— Odeio ter sido a responsável por vocês não terem se encontrado naquele dia. Mal consigo

olhar para o Em pire State Building e não pensar naquela oportunidade perdida.

— Mãe, pare. Não era para ser. — Lucie dissera essas palavras para si m esm a centenas de

vezes e tentou acreditar nelas, em bora não conseguisse tirar Aren da cabeça.

— Mas você ainda pensa nele.

Lucie não se incom odou em negar. Ela, de fato, pensava em Aren. Por m ais que tentasse

esquecê-lo, não funcionava. Continuava im aginando quanto tem po ele a esperara naquele dia.

Será que ele tinha ficado no frio, na esperança de que ela chegasse com um a explicação lógica

do m otivo do atraso? Será que ele se arrependera de não terem trocado os telefones, assim com o

acontecera com ela? “Se tiver que acontecer, nós nos encontrarem os outra vez”. Então se

lem brou da oração da m ãe e tam bém orou.

— Eu vim para dizer que m ais um a vez todas as m esas estão reservadas para hoj e à noite, e j á

estam os aceitando pedidos de reserva para o Ano-novo.

— Isso é m aravilhoso.

— Gostaria que você tirasse folga na véspera de Ano-novo.

— Mãe, eu não posso. Será um a das noites m ais m ovim entadas da tem porada.

— Não se preocupe... Trarem os reforço.

— Mãe, não posso. Sei no que você está pensando: quer que eu volte para a Tim es Square e para a rem ota possibilidade de encontrar Aren outra vez por acaso. Im possível. Não irei. Não

seria m ais do que um a tentativa à toa.

— Ah, Lucie, não achei que você pudesse ser tão teim osa.

Lucie riu. Ela não pôde evitar.

— E você acha que eu herdei isso de quem ?

— Do seu pai — Wendy teim ou, e as duas acabaram rindo j untas.

— Fico contente em ver com o o restaurante está indo bem — Shirley com entou.

— Mas coitada da Lucie — Will sussurrou e exalou o ar com força. — Ela nunca se esqueceu

de Aren.

— E o que era toda aquela conversa sobre o encontro? — Goodness coçou a lateral da cabeça

com o se tivesse perdido algo im portante.

Gabriel explicou.

— Lucie não apareceu? — Mercy perguntou ansiosam ente.

— Não, e Aren esperou o m áxim o que os guardas perm itiram . E ele tam bém voltou um a

segunda vez.

— Nossa! Pobre Aren.

— Ele tam bém pensa em Lucie?

Gabriel acenou com a cabeça.

— O tem po todo.

— Só um m inuto... Espere aqui. — Mercy com eçou a andar lentam ente no escritório de

Gabriel.

— O quê? — Shirley perguntou, analisando a am iga.

— O que estam os esperando? — Goodness desviou o olhar de Mercy para Gabriel. — Tem os

trabalho a fazer.

Mercy acenou com a m ão, e um a asa batia enquanto ela falava:

— Entendi, entendi. Aren é um crítico gastronôm ico. A linha em que apareceria o nom e dele

nunca estará no j ornal, a fim de m anter em segredo sua identidade.

— Sim — Gabriel disse e esperou Mercy com pletar o pensam ento dela.

— E ele foi nom eado para escrever um a resenha sobre o Encantos Divinos, certo?

— Certo.

— E era assim que eles deveriam originariam ente ter se encontrado?

Gabriel não disse nada. Queria que eles descobrissem sozinhos.

— E Aren não podia deixar que Lucie soubesse o pseudônim o que ele usa — Shirley os

lem brou — por causa do contrato com o j ornal.

— Mas ele se apaixonaria pelas sobrem esas de Lucie m esm o antes de encontrá-la! — Mercy exclam ou com o que parecia a lógica perfeita.

— Agora é o nosso dever garantir que Aren e Lucie se reencontrem — o rosto de Will brilhou

de anim ação. — Nós som os capazes de fazer isso, Gabriel. Deixe tudo conosco.

— Você tem certeza de que está preparado para a tarefa?

— Sem dúvida.

— Então a cum pram , m eus am igos. Não deixem de fazê-lo.

— Sem problem a — Mercy prom eteu.

Antes que ele pudesse lançar-lhes um alerta, os quatro desapareceram . Gabriel abriu um largo

sorriso e, em seguida, balançou a cabeça. A ele, só lhe restava recuar e observar os quatro se

dirigirem para a Terra.

Que o céu aj udasse a todos.

Literalm ente.

Capítulo 5

— Olhe, Aren j á está no restaurante — Will sussurrou. Shirley , Goodness e Mercy j untaram -

se a ele, e os quatro ficaram observando das lum inárias do restaurante Encantos Divinos.

— Aquela é a m ãe de Lucie? — Goodness perguntou, olhando a m ulher de m eia-idade que

cum prim entou Aren.

— Qual m ulher? Há várias ali.

— Aquela que está conduzindo Aren até a m esa.

— É ela.

— Quem é aquela m ulher com Aren?

Will balançou a cabeça.

— Não faço a m ínim a ideia. Ela não estava com ele na véspera de Ano-novo. Na verdade, eu

nunca a vi antes. Algum de vocês j á a viu?

Ninguém parecia conhecê-la. Mercy suspirou, agora de preocupação. Talvez Aren tivesse

conhecido outra m ulher, alguém de quem ele gostasse até m ais do que de Lucie. Os dois

certam ente pareciam íntim os, rindo e brincando um com o outro. Ah, não, isso seria um grave

problem a. Algo deveria ser feito, e rapidam ente.

Will apertou as m ãos, tam bém aparentando preocupação.

— Você acha que pode ser tarde dem ais? Acha que Aren encontrou outra pessoa?

— Pode ser um a colega.

— Ou um a am iga — Shirley sugeriu.

— Xiiiu, vam os ouvir a conversa deles. Talvez ela nos revele o que precisam os saber. —

Mercy não com preendeu por que ela tinha que ser a prática do grupo. Os outros eram m uito

rápidos e, assim , chegavam a conclusões precipitadas.

— As prim eiras im pressões de um restaurante são im portantes — Aren disse, desdobrando o

guardanapo de linho e estendendo-o sobre o colo, antes de olhar para a irm ã. — Está pensando no

quê?

Josie olhou ao redor, aparentem ente notando a atm osfera do salão.

— A decoração é sim ples e discreta. Gosto disso.

— Eu tam bém — Aren concordou. Apelo visual era im portante. A experiência de um j antar

nunca se baseava apenas na qualidade da com ida. — E o que achou da recepcionista? —

perguntou em seguida, afinal, haviam j antado j untos várias vezes e ele apreciava a contribuição dela.

Esse j antar era especialm ente im portante. Ele trabalhava para o j ornal há quase um ano e j á

fizera resenhas de diversos tipos de restaurantes, desde os m ais caros até os m ais baratos, desde

os m ais fam osos e consagrados até lugares totalm ente desconhecidos. Desse m odo, sabia que um

lugar novo e prom issor com o o Encantos Divinos proporcionaria um a grande oportunidade tanto

para seus leitores com o para o próprio restaurante.

Josie sorriu.

— Ela m eio que m e lem bra da tia Lucille, tão receptiva e cordial. — Então, parou e olhou

fixam ente para o irm ão. — Você está franzindo a testa de novo. Ultim am ente, sem pre que

m enciono a tia Lucille você faz essa cara engraçada.

— Não faço.

— Faz sim . Sou sua irm ã e reconheço um a franzida de testa em você quando a vej o. Está

pensando naquela garota que conheceu no Ano-novo outra vez, não está? O nom e dela era Lucie.

— Não — a negação dele foi firm e. — Além disso, eu lhe pedi que não m encionasse o nom e

dela outra vez. — Aren fizera a parte dele, dando tem po a Lucie, e aparentem ente ela não se

interessara. Nada ganho, nada perdido... Ainda que Aren não tivesse conseguido tirá-la da

cabeça.

Josie sim plesm ente balançou a cabeça, notou Aren, indicando que ela achava que não valia a

pena brigar por isso. Se eles tivessem que discutir sobre algo, deveria ser sobre Josie e sobre

com o não se relacionava com Jack. A irm ã dele agira bem ao esconder a m

ágoa, m as Aren não

era tolo. Ela estava deprim ida e orgulhosa dem ais para adm itir. E ele não com preendia com o

duas pessoas que se am avam a ponto de quase trocar alianças decidiriam , de repente, dar por

encerrado o assunto. Aparentem ente, com o a época do casam ento se aproxim ava, os dois se

acovardaram . Eles tinham discutido e agora a teim osia superara o senso com um .

— Nós vam os ficar batendo boca ou exam inar o cardápio? — Josie perguntou, j á o abrindo. —

O que parece ser bom para você?

— Estou com vontade de com er peixe. — Aren exam inou a seção de frutos do m ar e a achou

diversificada e surpreendente. O linguado Dover servido com m olho à base de m anteiga lhe

agradou. — Esse m olho pode ser com plicado e é um bom teste da destreza do *chef*. — Portanto, o prato seria frutos do m ar, que tantos restaurantes tendem a cozinhar dem ais.

— Você ouviu isso? — Will disse triunfante. — A m ulher que acom panha Aren é a irm ã dele.

— E ele ainda está pensando em Lucie. — O plano iria dar m ais certo do que eles haviam

im aginado. Mercy j á conseguia prever. Ela observou enquanto irm ão e irm ã brincavam ,

zom bando um do outro, obviam ente com o irm ãos, assim com o bons am igos. Após alguns

m inutos, ela olhou ao redor e descobriu que Will não estava em seu cam po de visão.

— Onde está Will? — Shirley perguntou.

— Estou aqui — ele respondeu, retornando de algum destino desconhecido. Mercy sentiu a

necessidade de explicar a im portância de eles todos ficarem j untos, e, quando term inou,

descobriu que Shirley tam bém havia desaparecido.

— E a Shirley , onde está?

— A garçonete é sim pática e prestativa — Aren com entou com a irm ã. O Encantos Divinos

estava se revelando tudo o que prom etera. Se a com ida fosse tão boa quanto os relatos, ele

escreveria um a resenha positiva com prazer. Até então, estava achando a experiência do j antar

bem agradável, m as o verdadeiro teste, com o em todo restaurante, seria a com ida.

Várias pessoas haviam entrado em contato com o j ornal sobre esse restaurante prom issor que

cham ara a atenção dos apreciadores de com ida do Brookly n. O núm ero de recom endações fora

tão im pressionante que o editor o colocara no topo da lista. Mas a experiência de Aren

evidenciava que m uitos restaurantes altam ente elogiados não costum avam corresponder às

expectativas. Assim , a função dele era perceber os detalhes que a m aioria dos

clientes ignorava,

sem elhante a um cantor a quem fora concedido o dom de um agudo ou grave perfeito. Para um

leigo em m úsica, um artista poderia soar fabuloso, m as alguém com um bom ouvido

reconheceria na m esm a hora um a nota que estivesse só um pouco dissonante. Aren sentia que

tinha o “grave ou agudo perfeito” quando o assunto era restaurante e com ida.

Até aquele m om ento, tudo atendera às suas expectativas. O restaurante era lim po. A equipe de

funcionários trabalhava com eficiência, sem ser im portuna, repetindo os especiais do dia sem

recorrer à consulta das anotações. Quando pediram vinho, copos d’água foram prontam ente

servidos. Alguns m inutos após o vinho ser servido, pães recém -assados, ainda aquecidos do forno,

foram levados até a m esa. Quase tão logo eles colocaram os cardápios de lado, o garçom

aproxim ou-se para anotar os pedidos. Ah, sim , esse restaurante prom etia m uito.

Aren e a irm ã tom aram um gole do vinho e, no tem po esperado, a refeição chegou. O

linguado estava engenhosam ente disposto no prato com pequenos m ontes de purê de batata em

redem oinhos tostados e dourados. O vegetal era aspargos assados cobertos com casca de lim ão.

— Nossa! Isso parece delicioso m esm o — sua irm ã olhou para o prato dele com satisfação.

— O seu tam bém . — Josie tinha pedido frango ao parm esão. A carne fora frita até chegar a

um tom adorável de m arrom e coberta com um a com binação de queij os italianos, acom panhada

de espaguete coberto por um rico m olho verm elho m arinara. O j antar dela incluía ainda salada e

pão de alho torrado. Os arom as do pão aquecido e do alho funcionavam com o um afrodisíaco.

Era m uito fácil exagerar no alho. E a cozinha não tinha com etido tal deslize.

— O *chef* está de parabéns — Josie esticou-se para pegar o garfo.

— Você ainda não experim entou — ele a criticou.

— Ora, m inha nossa, se o gosto for m etade tão bom quanto o arom a, estarei nos céus. — Aren

abriu um sorriso e virou os olhos. A aparência poderia enganar. — Por falar no *chef*...

Aren ergueu a m ão, interrom pendo-a.

— Não m e diga o nom e.

Josie colocou o garfo de lado.

— Por que não?

— É m elhor que eu não saiba, para não induzir a m inha opinião. Já vi m uitos outros na m inha

posição influenciados por um a celebridade na cozinha. — Ele não ousou dizer nada que pudesse

sugerir a alguém por perto que ele escrevia para a *Gazeta*. Aren j ulgava a com ida, não a

reputação. Não o núm ero de livros de receitas publicados e certam ente não a fam a. O que lhe im portava era a com ida e a experiência total do j antar.

— Você ainda não experim entou — disse Josie.

Cheio de ansiedade, Aren pegou o garfo. O linguado estava perfeitam ente cozido. A boca da

irm ã ficou aguada na ânsia para dar a prim eira m ordida. Ele fechou os olhos, esperando o puro

deleite.

Deleite não era a palavra exata que ele usaria para descrever o linguado. Na verdade,

conteve-se para não cuspir a com ida. Som ente com m uita força de vontade ele conseguiu engoli-

la.

Em um a palavra, o linguado era *horroroso*. O m olho à base de m anteiga estava salgado a

ponto de estragar o prato inteiro. Aparentem ente, o *chef* notou o erro e supercom pensou-o com lim ão, que deixou na carne um sabor ácido tão poderoso que Aren quase enrugou os lábios. Se

isso não bastasse, havia nitidam ente o gosto de pim enta-caiena. Apenas os aspargos estavam

com estíveis, cozidos à perfeição. Infelizm ente, todo o resto da com ida no prato de Aren não era

bom para o consum o hum ano.

A refeição foi um a decepção e tanto. Em contrapartida, Josie parecia saborear

cada pedaço.

— Há algo de errado com a sua refeição, senhor? — o garçom perguntou enquanto retirava o

prato vazio de Josie. Incapaz de se forçar a engolir um segundo pedaço do peixe, Aren deixou o

prato praticam ente intacto, com exceção de um pedaço de linguado, aspargo e batata. Até

m esm o esta parecia estranha, tão carregada com m anteiga que o sabor natural se perdera.

— Não, está tudo bem — Aren forçou um sorriso. Em outras circunstâncias, ele teria

devolvido o prato para a cozinha e se recusado a pagar.

— Gostaria de sobrem esa? — o garçom perguntou. — Som os bem conceituados pelas nossas

m aravilhosas sobrem esas. Eu recom endo nossa m usse de caram elo salgado.

— Musse salgado? — Aren repetiu. Aparentem ente o *chef* tinha um caso am oroso com o

saleiro. Francam ente, ele j á experim entara tudo o que podia. Algo doce não iria redim ir o

restaurante. E Aren j á bebera um a taça de vinho e dois copos de água em um esforço para

elim inar o gosto desagradável de sua boca.

— Eu gostaria — Josie se voluntariou, entusiasm ada dem ais na opinião dele.

— Vou experim entar a m usse dela — disse Aren.

Sua irm ã pediu a m usse e, para ser j usto, Aren experim entou-a e não estava tão ruim . Ele j á

tinha provado outras que podiam ser com paráveis a essa, m as o *chef* exagerara m uito no sal, o que poderia ser perigoso para a saúde de clientes que têm pressão alta ou que fazem dieta com

pouca ingestão de sal. O cardápio deveria alertar para isso, e Aren j á planej ava m encionar tal

problem a em sua resenha.

— Aren não gostou do j antar — Will resm ungou.

— Você não sabe.

Goodness era m uito otim ista. Até m esm o Mercy podia ver que Aren não m exera em m ais do

que um pequeno pedaço do peixe. E tinha feito um a careta com o se tivesse m ordido um lim ão e

m al degustara as outras com idas no final das contas. O prato voltara à cozinha praticam ente

intacto.

— A irm ã dele com eu tudo.

Um a suspeita com eçou a tom ar form a na cabeça de Mercy . Cada um de seus am igos tinha

desaparecido por curtos períodos de tem po. Será que... Era possível...? Não, certam ente eles não

iriam interferir na com ida.

— Não deveria ter acontecido isso — Will estava m ais do que pouco chateado e continuou a

esfregar as palm as j untas enquanto refletia sobre a situação.

— Will, você sum iu por alguns instantes logo depois que Aren pediu o linguado.

— Hum m , sim .

— Pode m e dizer aonde foi?

— Ah...

— Você visitou a cozinha, não foi?

— Ah...

Não precisava nem confirm ar: foi exatam ente isso que Will tinha feito.

— Você, por acaso, não adicionou um pouco de sal no m olho à base de m anteiga, adicionou?

Will encolheu os om bros e depois, de form a relutante, adm itiu tê-lo feito.

— Talvez um pouco, m as foram só algum as pitadas. Minha intenção era apenas intensificar os

sabores naturais.

— Você adicionou sal? — gritou Shirley , agitando as m ãos no ar. — Com o pôde fazer isso?

— Eu estava apenas tentando aj udar — Will balbuciou.

— Tem o que Will não tenha sido o único — Goodness confessou. — Eu adicionei um pouco a

m ais de lim ão.

Quase receosa de perguntar, Mercy olhou para Shirley .

— Ao ver aquele condim ento verm elho, pensei em deixar o prato um pouco m ais agradável

— a antiga Anj o da Guarda adm itiu. — E, enquanto estive lá, posso ter m isturado um pouco aqui

e ali.

— Ah, não — os om bros de Mercy afundaram . A situação era ainda pior do que ela havia

im aginado.

— E você? — Will quis saber.

Mercy soltou o ar lentam ente e adm itiu que tam bém havia participado disso:

— Culpada de fato.

— Nós todos adicionam os condim entos extras àquele m aravilhoso m olho — Will com eçou a

retorcer as m ãos. — Arruinam os tudo. Aren não terá outra escolha senão escrever um a resenha

negativa. As pessoas irão lê-la, e não será apenas a versão im pressa. A resenha será

disponibilizada *on-line* e logo circulará por toda parte na internet.

— Lucie e a m ãe ficarão arrasadas — Goodness lam entou. — O negócio delas irá afundar. As

econom ias que Wendy guardou por toda a vida desaparecerão pouco a pouco, e as duas

perderão tudo. Elas não conseguirão pagar as contas e vão acabar m orando nas ruas,

desabrigadas e sozinhas, e a culpa será m inha.

— E m inha — Shirley choram ingou.

— Nós arruinam os as vidas delas — Goodness estava quase indo às lágrim as.

Mercy acenou com os braços, silenciando os am igos:

— Tem os preocupações m aiores do que o que acontecerá com Lucie e a m ãe dela.

— Você quer dizer que tem m ais coisa? — Will preocupou-se.

— Quer dizer que as coisas vão ficar pior?

Com profunda tristeza, Mercy acenou com a cabeça.

— Muito pior.

Goodness ficou boquiaberta.

— O que m ais poderia acontecer?

Mercy não se conteve.

— Gabriel descobrirá o que fizem os.

As duas am igas dela e Will ofegaram de pavor.

— Desta vez nós aprontam os pra valer. Mover alguns porta-aviões de lugar não é nada se

com parado com a sabotagem no m olho de Lucie.

— Tenho certeza de que este é o nosso fim — Shirley choram ingou.

— Eu ouvi algum de vocês m encionar m eu nom e? — De repente, Gabriel apareceu diante

deles. E nunca tinha se m ostrado tão intim idador ou inacessível. Os enorm es braços estavam

cruzados sobre o peito e seu olhar era de desaprovação.

Will correu até o lado de Mercy . Shirley e Goodness j untaram -se ao lado dos dois de form a

que os quatro ficassem praticam ente invisíveis.

— O que aconteceu aqui? — ele exigiu saber. Ninguém respondeu. — Eu lhes fiz um a

pergunta — a voz dele parecia ressoar e ricochetear pelo restaurante. Era um m ilagre nenhum

hum ano ouvi-lo, em bora as paredes parecessem ceder com o poder daquelas palavras.

— Nós tentam os aj udar Lucie a im pressionar Aren — a voz de Mercy soou com o se ela

tivesse sido j ogada em um poço profundo. Ela ecoou em seus ouvidos num tom agudo e

m etálico.

— Adicionando sal, lim ão e pim enta-caiena ao m olho e um pouco de m anteiga extra às

batatas?

Então ele j á sabia.

— Tem o que sim .

— O que podem os fazer para consertar isso? — Will perguntou. O precioso garoto estava

realm ente preocupado.

— É tarde dem ais para consertar. Aren escreverá um a resenha nem um pouco favorável —

Gabriel falou em um tom crítico.

— E isso afetará o negócio delas?

— Terá o potencial de destruir o restaurante. A *Gazeta de Nova York* é capaz de provocar isso,

vocês sabem .

— Ah, não — Goodness lam entou. Ela tinha um coração tão sensível. Mercy

sabia que sua

am iga nunca se perdoaria caso Lucie e a m ãe perdessem o restaurante por causa do que eles

haviam feito.

— Nós estávam os apenas tentando aj udar — disse Shirley . — Por favor, diga que nós

poderem os voltar atrás e desfazer o que acabou de acontecer.

A tristeza m argeou os olhos de Gabriel.

— Você sabe que não podem .

— Mas no céu...

— Esta é a Terra, e nós som os envolvidos pelas fraquezas de um m undo arruinado. Não existe

um botão de desfazer, nem tecla de apagar. A vida é assim .

— O que vai acontecer? — Mercy apelou. Gabriel tinha o dom de olhar para o futuro,

habilidade que, infelizm ente, eles não possuíam .

Infeliz, Gabriel balançou a cabeça.

— Acho que talvez sej a m elhor esperar e deixar vocês descobrirem por si m esm os. Os quatro

quebraram um a das regras prim ordiais dos Em baixadores da Oração.

— Nós interferim os para aj udar — Goodness confessou.

— Nosso papel é guiar.

— Nós tem os um a diretriz sem interferências.

— Agora vocês verão o que acontece quando um anj o se excede ao aj udar hum anos.

— Mas nossas intenções eram boas.

— Intenções — Gabriel repetiu. — Intenções, m eu j ovem , são pavim entos ao longo da estrada

da m orte.

— Mas...

— Isso será um a lição dolorosa para todos vocês.

Mercy receou o que certam ente viria a acontecer.

— Nós estam os banidos da Terra, não estam os? — Eles nunca m ais teriam perm issão de

visitar hum anos. Poderiam até perder o *status* de Em baixadores da Oração e terem as asas

retiradas. Essa possibilidade era m ais do que ela conseguiria suportar.

O olhar de Gabriel concentrou-se nos quatro.

— Vocês aprenderam a lição?

Os quatro acenaram sim ultaneam ente com a cabeça.

— Vocês prom etem não interferir outra vez nos assuntos hum anos?

— Eu prom eto — Will lam entou. — Nunca m ais adicionarei sal em outro prato enquanto servir ao Senhor.

— Shirley , Goodness e Mercy — Gabriel virou-se para as três. — Vocês sabem bem .

Elas inclinaram a cabeça, e as asas se curvaram tanto que as pontas se encostaram no chão.

— E quanto a Aren e Lucie? — Mercy sentiu a necessidade de saber com o agir do m elhor

m odo para aj udar esses dois... isto é, guiá-los. Com o ela e seus colegas eram responsáveis por

atrapalhar o plano de Deus, o m ínim o que podiam fazer era, se possível, consertar as coisas.

— Ah, sim — Gabriel refletiu em voz alta. — Aren e Lucie. Bem , m eus am igos, nós terem os

que esperar e ver o que acontecerá a seguir.



Capítulo 6

Revoltada com a resenha do Encantos Divinos publicada na *Gazeta de Nova York*, Lucie

am assou o j ornal e, em seguida, pisoteou-o. Ela j á lera a resenha diversas vezes, procurando por

um vislum bre de algo positivo, qualquer coisa considerada construtiva, m as não havia nada.

Sequer um a única palavra anim adora. O restaurante fora criticado por Eaton Well. A resenha

m ostrava-se severa, sarcástica, e isso apenas no prim eiro parágrafo. Depois, ela piorava. Era um

desastre com potencial de arruiná-las.

— Querida, você está lendo isso outra vez? — a m ãe dela perguntou.

Lucie pisou com força no j ornal todo am assado e m ovim entou os pés para a

frente e para trás,

com o se estivesse apagando um toco de cigarro. Era isto que gostaria de fazer com o resenhista:

pisoteá-lo com o se fosse um a barata. Ele ou ela era um parasita. Um inseto que precisava ser

exterm inado. Eaton Well fora totalm ente inj usto caçoando da com ida dela, depreciando seu

talento e chegando até a sugerir que ela desistisse da cozinha.

— Lucie, Lucie, querida, deixe pra lá — Wendy colocou a m ão no braço da filha, com o se

quisesse contê-la. — Não perm ita que esse artigo ridículo a chateie tanto.

A m ãe perm aneceu relaxada e calm a, o que só servia para enfurecer Lucie ainda m ais.

Aparentem ente, sua m ãe otim ista, de bom coração, não com preendia as consequências que tal

resenha talvez trouxesse ao restaurante. Poderia ser o com eço do fim .

Wendy parecia tolerar essa horrorosa resenha, ao passo que Lucie estava em ponto de

ebulição, afinal, ela era a principal parte da resenha escrita.

— Você está levando isso m uito a sério — Wendy a alertou.

Lucie olhou fixam ente para a m ãe. Wendy sem pre fora a otim ista da fam ília, aquela que

sem pre encontrava algo positivo em qualquer situação. Quando tinha lido a resenha pela prim eira

vez, Wendy sugerira que o resenhista poderia ter enfrentado um dia ruim . O pobre repórter

estava provavelm ente apressado, sem tem po de apreciar sua refeição.

— Você não entende que um a resenha com o essa pode nos arruinar? — Se Lucie tivesse dito

isso apenas um a vez... Mas ela repetira dez vezes, e aparentem ente as palavras ainda precisavam

entrar na cabeça de sua m ãe.

— Talvez, m as particularm ente não acredito que precisam os nos preocupar — Wendy

despej ou o chá quente na xícara e assoprou o vapor que saía do líquido antes de dar um gole. —

Ainda não tivem os redução de reservas, tivem os?

— E com o poderíam os? — Lucie a repreendeu. — A resenha saiu há m enos de 24 horas. Mãe,

você não entende? Os leitores consultam essas resenhas de restaurantes. Mesm o que consigam os

sobreviver, ela pode nos fazer regredir por anos. — Lucie não queria parecer negativa, m as um a

delas precisava ser realista. Ser obj eto de um a resenha não era pouca coisa. Com literalm ente m ilhares de restaurantes à escolha dele, ter Eaton Well j antando em seu estabelecim ento

significava que o Encantos Divinos havia provocado certo alvoroço. O suficiente para cham ar a

atenção da *Gazeta*.

Ainda assim , com o o resenhista ousara criticar o m olho dela? Lucie tinha dado duro naquela

receita e a iguaria poderia ser equiparada à de qualquer *chef* do ram o.

Wendy perm aneceu inabalável.

— Lucie, você se preocupa dem ais. Nós tem os um grande núm ero de clientes fiéis.

— Você não entende? Você não leu o artigo? — Lucie não precisava recuperar a página

im pressa. Após ler o pior que havia nela por várias vezes, j á m em orizara os com entários:

“Encantos Divinos é tudo de menos. Se você sofre de pressão alta, tome cuidado, pois a chef *tem uma mão pesada com limão e sal. Tanto sal, que ela deve ter drenado o Mar Morto no molho à*

base de manteiga... É sério, seja lá quem for que estiver na cozinha, precisa voltar para a escola de culinária ou abandonar o ofício de vez”. Lucie estava chateada dem ais para continuar.

— Eu concordo que esse com entário não foi nem um pouco agradável.

— Foi um esforço desesperado para soar inteligente e genial à m inha custa — Lucie ficava

inquieta toda vez que pensava naquelas observações sarcásticas.

— Eu não acho que você deveria levar isso para o lado pessoal, Lucie.

— Não levar para o lado pessoal? Com o você pode dizer isso? Definitivam ente se tornou algo

pessoal. É um ataque à m inha credibilidade. O resenhista pode ter sugerido que tam bém sou

desqualificada. Pense nisso, pois isto está no artigo tam bém — Lucie esforçou-se para conter a

indignação. Era brincadeira! Eaton Well não sabia nada a respeito dela, nem necessitava

escrever a resenha dele ou dela. O crítico gastronôm ico sequer im aginava os sacrifícios que ela

fizera a fim de frequentar a escola de culinária ou de com o ela havia trabalhado durante noites e

fins de sem ana até ficar extrem am ente exausta, a ponto de não conseguir pensar. Na opinião

dela, esse crítico fora im piedoso e inj usto.

Sua m ãe continuou a beber o chá, colocando a xícara cuidadosam ente de volta ao pires.

— Responda-m e um a coisa: quando foi a últim a vez que você tirou um a noite de folga?

Lucie afundou-se na cadeira.

— Você está sugerindo que estou tão sobrecarregada que eu...

— Não estou dizendo nada disso. Apenas estou sugerindo que você precisa dar um passo para

trás, respirar fundo e relaxar. Um a única resenha ruim não irá nos destruir.

Lucie gostaria de acreditar nisso. Era óbvio que sua m ãe não tinha a m enor ideia da seriedade

da situação. Até recentem ente, Wendy não fazia parte do m undo da culinária. A m ãe de Lucie

não com preendia que essas resenhas poderiam ter um a incrível influência.

O telefone tocou, e Wendy apoiou-se sobre o balcão da cozinha e o agarrou.

Lucie ouviu apenas m etade da conversa. Não levou m uito tem po para reconhecer que a

pessoa do outro lado da linha era um a am iga de sua m ãe ligando a fim de se solidarizar.

— Não estou nem um pouco preocupada — Wendy insistiu. — Eu conheço m inha filha.

Qualquer um que j á tenha experim entado a com ida de Lucie reconhece que ela é um a *chef* altam ente qualificada. Minha filha sabe com o se virar na cozinha. Não, não, não vam os entrar

com processo contra o j ornal. Representa a opinião de um a pessoa. A m aioria prefere j ulgar um

restaurante por si só. Foi um a infelicidade ele ou ela ter passado por um a experiência ruim , m as

não podem os satisfazer a todos o tem po todo.

Ela tinha razão, notou Lucie. Ainda assim , ela teria preferido que esse repórter elogiasse

infinitam ente a sua culinária em vez de reprová-la de várias form as.

Wendy m al tinha desligado o telefone quando ele voltou a tocar.

— Ah, oi, Juliana. Sim , é claro que vim os. Não, não estou preocupada. Obrigada. Direi a

Lucie. Sério? — Após alguns instantes de silêncio, a m ãe endireitou o corpo na cadeira e fixou o

olhar na filha. Lucie não conseguiu esconder que notara o m odo com o os olhos da m ãe

brilharam . — É claro que contarei a ela. Isso é m aravilhoso. Muito obrigada, Juliana. Você fez o

m eu dia — agradeceu Wendy , desligando o telefone com um enorm e sorriso no rosto.

— O que a Juliana disse? — Lucie não conseguiu conter a curiosidade frente à m udança de

postura da m ãe.

— Ela entrou no site do j ornal. Afinal, sem pre acom panhou a tecnologia. Toda essa tecnologia

de m ídia social está fora do m eu alcance.

— E? — Lucie pressionou.

— Bem , aparentem ente várias pessoas se ressentiram com a resenha e deixaram com entários.

— Sério? Várias pessoas? Ela disse quantas?

Wendy acenou com a cabeça.

— Ela disse que você deveria entrar lá e verificar, pois ficaria im pressionada. Se não m e

engano, Juliana disse que j á há trezentos com entários, todos discordando da resenha.

— Trezentos — Lucie sentiu vontade de sair dançando pela sala.

— E nem um deles é nosso parente — Wendy vangloriou-se.

Lucie sentou-se à m esa na m esm a hora, instalada no canto da aconchegante sala de estar.

Sam m y , que sentiu algo errado, veio gingando e sentou-se no chão, próxim o à sua dona,

repousando o queixo em um dos pés dela com o se quisesse confortá-la.

Lucie ligou o com putador, conectou-se à internet e acessou a página do j ornal. Com o era de se

esperar, a resenha do Encantos Divinos dom inava os com entários direcionados ao j ornal. Lucie

m al conseguia acreditar no que lia. Ela cobriu a boca com a m ão enquanto lia

com entário após

com entário elogioso ao restaurante. Várias pessoas m encionaram os pratos que eram m arca

registrada de Lucie, e quase todas elogiaram m uitíssim o as sobrem esas. Wendy tinha razão. Seus

clientes leais não haviam perm anecido em silêncio. Não era nem m eio-dia e os com entários j á

passavam de trezentos.

— Bem feito, Eaton Well — Lucie m urm urou, abrindo um sorriso incontrolável.

— O que eu disse para você? — Wendy perguntou, cam inhando até o lado da filha. — Não

tem os que nos preocupar com nada.

Era nisso que Lucie m ais queria acreditar.

Um a notificação da gerente editorial não era incom um , e foi esse o m odo com o a m ensagem chegou até Aren: deveria dar um a passada na m esa da editora *assim que pudesse*.

Sandy Markus j á trabalhava no j ornal há quase trinta anos. Ela era *expert*, não fazia

cerim ônias e nem ficava tím ida em com partilhar um a opinião. A m ulher tinha coragem e nervos

de aço — am bos necessários para chegar à posição que um dia foi considerada parte do universo

m asculino. Sandy não havia apenas quebrado um paradigm a; ela aj udara a criar um novo. Aren

respeitava sua chefe e gostava dela, em bora tivesse o poder de intim idá-lo.

Quando Aren apareceu à porta do escritório de Sandy , ela olhou para cim a e gesticulou para

que ele entrasse, dizendo:

— Feche a porta.

Aren, de form a relutante, acatou o pedido dela. Quando Sandy queria a porta fechada,

geralm ente era notícia ruim .

Aren sentiu um frio na barriga.

A gerente editorial continuou a se concentrar na tela de seu com putador.

— Sente-se — ela pediu. Sandy não tinha o estereótipo de j ornalista. Ela era alta e m agra, e

arrum ava o cabelo curto e crespo com m usse até que ele ficasse liso na ponta. Com 60 e poucos

anos, seu rosto tinha suportado bem a passagem do tem po.

— Algum problem a? — Aren perguntou. Até onde sabia, seu trabalho tinha sido m ais do que

satisfatório.

No entanto, Aren não esperava que Sandy elogiasse seu texto. Ela fora bem clara ao afirm ar

que os artigos deveriam ser de prim eira. Se não fossem , ele poderia procurar em prego em outro

lugar.

Aren sentou-se.

— O que é isso? — ele odiava ser repreendido quando não im aginava o que havia feito de

errado.

— Encantos Divinos — ela balbuciou, desviando o olhar do m onitor de form a relutante. Então

retirou os óculos e um a grande franzida de testa desfigurou-lhe a sobrancelha enquanto ela o

analisava. — Você escreveu a resenha do restaurante, certo?

— Escrevi — Aren recolheu-se. A com ida fora um a de suas piores experiências. Até onde ele

sabia, sej a lá quem havia cozinhado tinha m uito a aprender. O prato de frango atendeu às

expectativas, m as não dem onstrava nenhum a especialidade. No verdadeiro teste, o linguado e o

m olho, a *chef* tinha fracassado de m aneira lastim ável.

— Você foi rigoroso dem ais nas suas anotações.

Rigoroso não era a palavra que ele usaria.

— Eu fui honesto.

Do outro lado da m esa, Sandy voltou a olhar na direção dele.

— Aparentem ente a sua resenha provocou um baita alvoroço.

Ele riu.

— Ah, é? — Ele não conseguia im aginar o porquê, exceto o m otivo óbvio de que o restaurante precisava de um novo *chef*.

— Pelo visto você não deu um a olhada no site ou na página do Facebook? Há centenas de

respostas à sua resenha nos dois sites. Os leitores estão defendendo o restaurante, a com ida e a

chef. Eles até elogiaram a cor das paredes do recinto.

Aren fez um a careta. Aquele com entário resultava de um a linha que ele escrevera sobre o

efeito calm ante do interior do local. Os proprietários tinham escolhido um tom aconchegante de

cinza com realces em preto. Aren talvez tivesse passado um pouco dos lim ites quando insinuou

que o interior, em bora reconfortante e convidativo, não fora suficiente para distraí-lo da pouca

qualidade da com ida. A observação estava carregada de sarcasm o; agora ele desej ava ter agido

de m odo m ais criterioso.

— Nem todos concordarão com igo — ele se sentiu obrigado a fazer sua editora se recordar.

— Eu apoio. Não estam os concorrendo em um a com petição de popularidade com essas

resenhas de restaurantes. No entanto, quando *trezentas* pessoas arrum am tem po para escrever e contradizer as suas constatações, eu m e endireito na cadeira e observo.

— Trezentas? — Aren endireitou os om bros. — Eu pedi o linguado...

— Eu sei o que você pediu — ela o interrom peu. — Escreveu detalhadam ente um a boa parte

da sua resenha sobre ele. — Sim , ela estava certa. — Olhe para isso — Sandy virou o m onitor de

form a que Aren pudesse ler alguns dos com entários deixados no site. Quando ele não conseguia

enxergá-los, Sandy lia em voz alta: — Meu nom e é Bill Wheeler e viaj ei por todos os cantos do

m undo. Um dos m eus pratos de fruto do m ar prediletos é o linguado servido com m olho à base

de m anteiga. Pedi linguado em Londres, Paris e em outros lugares. E o m elhor, o m elhor de

todos que eu j á provei, é servido no Encantos Divinos — as três últim as palavras foram

pronunciadas lenta e precisam ente, com o se ela estivesse lendo para um a criança.

— Trezentos com entários — Aren m urm urou, prendendo a respiração.

— Aparentem ente o Sr. Wheeler gostou do prato.

— Aparentem ente, sim . O m eu não tinha a m enor condição de ser apreciado. Um saleiro

inteiro deve ter caído naquele m olho, j unto com lim ão para conservar o arenque, sem m encionar

o sabor evidente de pim enta-caiena. Não havia com o salvar o m olho ou o peixe.

— Algum as pessoas discordarão das resenhas de um crítico gastronôm ico.

— Com preendo isso.

— Mas trezentas? Isso significa, pelo m enos para m im , que você não está cum prindo sua

função.

— Não é verdade — Aren receou ter de se j untar à categoria dos desem pregados. — O que

você gostaria que eu fizesse? — ele perguntou, tem endo que ela o dem itisse.

— O que eu gostaria — Sandy disse, com a voz elevada a ponto de a j anela do escritório vibrar

— é que você voltasse a com er no Encantos Divinos. Claram ente a *chef* tinha tirado folga

naquela noite.

— Claram ente — Aren esforçou-se para evitar o tom de sarcasm o na voz.

— Se centenas de clientes correram para defender a *chef*, então acredito que um a segunda

resenha deva ser feita.

— Tudo bem — respondeu Aren, em bora não sentisse qualquer vontade de repetir a

experiência naquele local.

— E faça isso logo.

— Considere seu pedido cum prido. No entanto...

— Sim ? — Sandy j á tinha voltado sua atenção à tela do com putador. Seu olhar voltou a Aren.

— Eu fiz um a resenha honesta. Estou disposto a dar um a segunda chance ao Encantos Divinos,

m as, se a com ida tiver a m esm a pouca qualidade, não m udarei m inha opinião

independentem ente da quantidade de pessoas que discordarem de m im .

— Justo — Sandy disse. Então, com o se tivesse pensado duas vezes, ela perguntou: — Alguém

foi com você quando com eu lá pela prim eira vez?

— Minha irm ã.

— E qual foi a opinião dela?

Aren soltou o ar e franziu a testa.

— Na verdade, ela ficou im pressionada. O prato de frango, segundo ela, estava delicioso.

— Então foi apenas você que achou a com ida abaixo da m édia.

— Aparentem ente.

Sandy voltou a se concentrar no teclado m esm o antes de Aren sair do escritório. Retornando à

sua m esa, ele pegou o celular e m andou um a m ensagem de texto para a irm ã.

Vou dar uma segunda chance ao Encantos Divinos. Vamos?

A resposta dela veio poucos segundos depois: *Quando?*

Hoje à noite?

Amanhã?

OK, amanhã.

Posso encontrar você lá?

Sem problema.

Que horas?

19h, a menos que eu não consiga.

Aren ligou para o restaurante e descobriu, para seu descontentam ento, que a única reserva

disponível era para 17h30. Ele enviou outra m ensagem de texto à irm ã.

Ela respondeu: *Farei o possível para chegar a tempo. Posso atrasar alguns minutos.*

Sem problema.

Aren chegou ao Encantos Divinos cinco m inutos antes do horário da reserva. Sua irm ã lhe

enviou um a m ensagem dizendo que chegaria em dez m inutos e pediu que ele j á estivesse à

m esa.

Chego aí já, já.

A m esm a senhora elegante que tinha sido a recepcionista na prim eira visita o conduziu até a

m esa.

— O senhor está de volta — ela abriu um sorriso para ele. Então, abaixando o tom de voz,

acrescentou: — Estou feliz porque aquela desagradável resenha não o levou a m udar de ideia

sobre nossa com ida.

Aren fingiu um sorriso.

Ela o conduziu até a m esa que ficava próxim a à cozinha. Ele sentiu-se obrigado a adm itir que

os arom as vindos do outro am biente o instigaram .

Talvez ele tivesse exagerado em sua crítica. Bem , logo descobriria.



Capítulo 7

Ocupada na cozinha do Encantos Divinos, Lucie fez um a pausa, certa de que

tinha ouvido o

som de sinos tilintantes. A m úsica abafada estava baixa e discreta, porém a suave cam painha

podia ser ouvida m ais intensam ente do que ela. Sinos? Alguém estava tocando sinos no

restaurante, e, em bora isso parecesse bem estranho, a m elodia a fez se recordar de um a de suas

m úsicas de Natal favoritas: *Jingle bells*.

Olhando para fora da cozinha, pensando que talvez pudesse encontrar a fonte de tal som , Lucie

localizou alguém que se parecia com ... Aren.

Seu cérebro levou um instante até processar o fato de que o hom em sentado à m esa, lendo o

cardápio, era realm ente Aren Fairchild. Na m esm a hora, seu coração com eçou a acelerar em

ritm o dobrado. Aren estava ali... no restaurante dela? Então engoliu em seco com dificuldade,

ponderando o que fazer... se é que deveria fazer algo. Já se passara quase um ano. Ela m al

saberia o que dizer a ele. Com o poderia explicar-lhe o que acontecera?

Mark, o *maître*, entrou na cozinha e Lucie o agarrou pelo braço.

— Traga a m inha m ãe até aqui.

Ele olhou fixam ente para Lucie e seus olhos arregalaram -se.

— Agora? Está tudo bem ?

— Sim , acho que sim ... Só traga a m inha m ãe logo. — Ela j untou as m ãos

firm em ente e ficou

grata pela calm aria que reinava na cozinha. Era cedo, eles tinham acabado de abrir para o

j antar, m as logo os pedidos com eçariam a chegar aos m ontes.

— Você tem certeza de que está tudo bem ? — Mark franziu a testa, preocupado.

Lucie j á havia com eçado a trem er.

— Sim ... É claro.

Menos de um m inuto depois, Wendy correu até a cozinha.

— Lucie, o que há de errado? — ela esticou-se para pegar na m ão trêm ula da filha.

— Ele está aqui... no restaurante — afirm ou, m as sua m ãe parecia desatenta ao que ela queria

dizer.

— Quem está aqui, querida?

— Aren. Aren do Em pire State Building.

— Aren — Wendy repetiu lentam ente e seus olhos arregalaram -se. — Aquele Aren?

Mordendo o lábio inferior, Lucie fez que sim com a cabeça.

— E ele está sozinho.

— Está decidico. Você vem com igo.

— Mãe...

Era tarde dem ais. Sua m ãe a pegou pela m anga do avental de *chef* e arrastou-a pelas portas

vaivém da cozinha. Lucie sabia, desde o m om ento em que Aren a viu, que a reação dele foi

sem elhante à sua própria. O pãozinho quente que ele segurava caiu no prato e ele lentam ente

ficou de pé.

— Lucie? — o nom e dela saiu com o um filete de som , com o se Aren não conseguisse

acreditar no que via.

— Olá, Aren — além do cum prim ento, ela não conseguia pensar em um a única coisa. A

sensação era de que sua língua tinha crescido duas vezes de tam anho, preenchendo-lhe a boca

inteira e tornando inviável seu discurso.

— Sou a m ãe de Lucie, Wendy Ferrara. — A m ãe dela deu um passo à frente e apertou a

m ão de Aren aninhando-a entre as suas, com o se estivesse conhecendo um deus grego. Então,

olhou-o fixam ente, com o paralisada, estudando seus traços talvez na tentativa de m em orizá-los.

O olhar de Aren não desviava de Lucie. Aparentem ente ele ficara paralisado com a m esm a

doença, pois tam bém não parecia inclinado a falar algo.

— Você... Você foi até lá? — Lucie não precisava explicar o que queria dizer com a pergunta.

Aren sabia.

Ele interrom peu o contato visual e desviou o olhar antes de confirm ar com a

cabeça.

Lucie sentiu-se péssim a por tê-lo deixado esperando-a no frio, acreditando que ela preferira

não vê-lo novam ente. Ela teria dado tudo para sobreviver à sua própria versão de *Sintonia de*

Amor, m as aparentem ente não era para ser.

— Você esperou m uito tem po?

— Algum tem po — ele deu de om bros com o se não representasse nada. — Saí assim que

percebi que você não viria.

Lucie percebeu que ele não m encionou o período de tem po que perm anecera no frio e no

vento. Ela se lem brou de que chovera naquele dia e odiava pensar nele lá fora, sofrendo com os

fenôm enos atm osféricos. Mas tinha esperança de que ele não tivesse pegado toda aquela

friagem . Lucie queria perguntar, m as não conseguiu.

— Perdoe-m e — ela sussurrou, sentindo-se culpada. Ainda assim , resistindo a todas as forças

im possíveis, eles tinham se reencontrado e agora não tiravam os olhos um do outro.

— Dê a ele o seu núm ero de telefone — sua m ãe recom endou, cutucando Lucie de lado com

o cotovelo. — Deixe pra lá, eu faço isso. O j antar é por nossa conta. Peça o que você quiser.

Aren novam ente interrom peu o contato visual.

— Não posso deixá-las fazer isso.

— Por favor — Lucie com plem entou. — É o m ínim o que posso fazer.

Naquele m om ento, um a adorável m ulher cam inhou até a m esa.

— Parece que estam os festej ando. Desculpe, eu m e atrasei.

O coração de Lucie desabou. Ela pensara que Aren estava j antando sozinho. Que tola. Com o

foi ingênua ao im aginar que ele sentira a falta dela com o ela sentira a dele. Era evidente que

Aren tinha conhecido outra pessoa. Enquanto Lucie usava seu uniform e de cozinheira e m antinha

o cabelo preso com um a rede, a outra m ulher era estonteante em cada sentido da palavra.

— Ah — Lucie recuou um passo antes que Aren falasse.

— Lucie, esta é a m inha irm ã, Josie.

Irmã? Lucie lem brou-se de que Aren tinha com entado sobre a irm ã. Inclusive, estava

m orando com ela naquela época.

— Lucie? — Josie perguntou, concentrando-se nela. — Aquela Lucie?

— Sim .

Lucie percebeu que ele não falou nada além do “sim ”. Aparentem ente, Josie sabia tudo sobre

ela.

Sem pre atuando com o prom otora, Wendy entregou um cartão de visita a Aren.

— Eu anotei o núm ero do celular de Lucie na parte de trás. E, m eu j ovem , tem

algo que você

deve saber...

— Mãe... — Lucie colocou um a m ão no braço da m ãe para contê-la.

Aren aceitou o cartão e o colocou sobre o tam po da m esa.

Lucie hesitou. Ela deveria voltar à cozinha.

— Boa refeição para vocês — ela disse, recuando, dando um pequeno passo de cada vez.

Então m ordeu a língua para evitar dizer a Aren que gostaria m uito de ouvir o que ele tinha a

dizer. A decisão de falar com ela pertencia a ele. Agora seria ela que ficaria esperando e

pensando.

Aren dirigiu-se à Wendy e soou bem inflexível:

— Ouça, eu aprecio a oferta, m as faço questão de pagar por nossa refeição.

— Discutirem os sobre isso m ais tarde.

Em bora j á estivesse na cozinha, Lucie conseguiu ouvir por acaso a conversa.

— Eu insisto, Wendy . Pagarei por nossa refeição ou Josie e eu irem os em bora.

Lucie ouviu a m ãe concordar de form a relutante. Quase na m esm a hora, os pedidos

com eçaram a surgir e logo Lucie j á se preocupava com a cozinha e a preparação dos pratos.

Depois de alguns m inutos, ela estava tão ocupada que conseguiu esquecer que Aren se sentava a

apenas alguns m etros dela.

Quando Lucie teve a chance de olhar para fora da cozinha, ela viu outra dupla sentada à m esa

onde Aren e sua irm ã tinham j antado m ais cedo.

Aren fora em bora.

Wendy certificou-se de que Aren pegou o núm ero do celular de Lucie, e ela teria que ficar

pensando nele, esperançosa de que fosse ligar. Já passava das 23h e Lucie não tinha term inado de

lim par a cozinha. Sua m ãe j untou-se a ela e levou para as duas um a xícara de café descafeinado.

— Eu entendo você — Wendy disse, levando a xícara até os lábios. — O seu Aren é m uito

agradável aos olhos.

— Ele não é o m eu Aren — ela reagiu e, em seguida, com pletou: — Você acha m esm o?

No rosto de sua m ãe, um sorriso trem ulou, e ela não fez questão de escondê-lo.

— Eu queria que você visse o seu olhar quando você o ouviu dizer que esteve esperando-a.

— Todos esses m eses. Ah, m ãe, eu m e sinto péssim a.

— Você queria encontrá-lo. Por que não m e deixou contar a ele o que aconteceu e que você

estava a cam inho de encontrá-lo quando ligaram do hospital?

Lucie não sabia bem .

— Não era a hora certa. Resolvi que sim plesm ente não era para ser.

— E o que você acha agora?

Lucie tem ia revelar o quanto se sentia feliz por encontrar Aren. Em bora tivesse trabalhado

duro em seu turno, ela não estava cansada. Na verdade, tinha certeza de que enfrentaria

problem as para conseguir dorm ir. Sua cabeça e seu coração estavam tom ados pela esperança de

restabelecer contato com o hom em que a deixara nas nuvens na noite de Ano-novo.

— Você acha que ele ligará? — ela perguntou à m ãe.

Wendy abaixou o olhar na direção do café.

— É triste dizer, m as não.

O coração de Lucie desabou de decepção.

— Ele não vai?

— Foi o que ele disse.

— Você falou com ele depois que voltei para a cozinha? — Lucie estivera m uito ocupada para

prestar atenção ao que tinha acontecido depois de seu encontro inicial.

— Detalhadam ente.

— Mãe! — Era típico de Wendy deixar um suspense com o esse.

— Às vezes eu fico m e perguntando sobre você, filha.

— Por quê? O que eu fiz agora?

Wendy balançou a cabeça.

— Bem , a princípio, você perguntou quanto tem po ele ficou esperando-a.

— Sim , fiquei pensando sobre isso... Quero dizer, é norm al pensar se ele perm aneceu m uito

tem po ali. — Ele não poderia culpá-la por isso.

— Mas você não fez questão de lhe dizer que estava a cam inho de encontrá-lo quando recebeu

a ligação do hospital.

— Eu sei... — Talvez tivesse sido um erro ficar em silêncio.

Entristecida, sua m ãe balançou novam ente a cabeça.

— Na verdade, você não disse um a única palavra para anim á-lo.

Lucie sentiu um aperto no coração. Sua m ãe tinha razão. Sentia-se horrorizada com seu

descuido.

— Percebi que ele não respondeu com sinceridade quanto tem po ficou m e esperando.

— Mas ele tam bém não deveria ter respondido. Pare para pensar, Lucie. Você o deixou na

m ão e depois perguntou a ele para confirm ar. — Ouvir a verdade dessa m aneira fez com que ela

sentisse enj oo. — Você não acha que isso j á foi duro dem ais para o ego dele, agravando-lhe o

sofrim ento?

Sua m ãe tinha razão. Lucie estragara sua oportunidade de estar com Aren de form a m agistral.

E não um a, m as duas vezes. Não foi à toa que ele deixara claro não ter intenção de voltar a

entrar em contato com ela. Com o tinha sido estúpida. Ao ouvir isso, percebendo com o fora

com pletam ente tola, sua vontade era de com eçar a chorar.

Deixando o café de lado, Lucie sentiu-se deprim ida.

— Então ele disse para você que não pretende voltar a falar com igo... nunca m ais.

— Um hom em tem seu orgulho, Lucie.

— E eu consegui estragar tudo isso.

— Estragou — confirm ou sua m ãe, antes de hesitar. — No entanto, Aren e eu conseguim os ter

um a conversa prolongada.

Lucie ergueu a cabeça.

— O que ele disse?

— Bem , a verdade é que fui eu quem m ais falou.

Ah, não, isso não parece nada agradável.

— Mãe, o que você disse a ele? — Lucie esperou, prendendo a respiração.

— Lucie Ann, não use esse tom de voz com igo. Eu sim plesm ente expliquei a ele que tudo o

que você m ais queria era encontrá-lo no dia 7 de j aneiro, m as recebeu a ligação do hospital. Eu

sou a culpada por fazê-la perder aquele encontro. Garanti a Aren que não sou introm etida, m as,

com o você não conseguiu encontrá-lo por m inha causa, achei que era m eu dever acertar as

coisas.

— O que ele respondeu? — Lucie inclinou-se tão próxim o à sua m ãe que correu o risco de cair

do banquinho.

— Bem , na m esm a hora eu pude notar que Aren sentiu-se grato por descobrir a verdade. Ele

se anim ou im ediatam ente, assim com o Josie, a irm ã dele.

— Ele se anim ou? — Lucie franziu a testa. — Mas você disse que ele não pretendia m e ligar

m esm o depois que lhe passou o m eu núm ero.

Sua m ãe balançou a cabeça.

— Dê tem po ao hom em , filha. Foi um a surra no orgulho dele. Aren deixou com igo o núm ero

do celular dele e disse que, se você ainda estivesse interessada, deveria ligar-lhe. Você vai ligar,

não vai?

Lucie não precisou de tem po para tom ar sua decisão.

— Assim que acordar ligarei para ele.

— Perfeito.

Fam inta por inform ação, Lucie vasculhou m ais.

— Você e Aren conversaram sobre outras coisas?

Sua m ãe hesitou.

— Bem , sim , e eu espero não ter dito nada errado. Contei-lhe que você procurava o nom e dele

constantem ente no j ornal.

— Ah, m ãe — Lucie lam entou-se por ela ter dito isso.

— Pude notar que ele ficou contente ao ouvir.

— Ficou? — Fazendo um retrospecto de tudo que acontecera, Aren m erecia saber que Lucie

não o tinha esquecido. Todos os dias, em algum m om ento, ela pensava nele. Estiveram j untos por

apenas algum as horas, no entanto, Aren Fairchild deixara um a ótim a im pressão nela.

— Está pronta para voltarm os para casa? — sua m ãe perguntou.

Lucie acenou com a cabeça.

— Aposto que você está cansada.

— Estou bem . Sem pre gostei de conhecer pessoas, m as, tenho que adm itir, m eus pés estão

doendo. — Retirando o sapato, Wendy esfregou os dedos doloridos.

— Conseguim os — Mercy disse, batendo as palm as das m ãos nas de Goodness.

— Aren nem sequer notou por que Wendy o colocou sentado próxim o à cozinha.

— Ainda que sej a m inha, foi um a ideia excelente — o peito de Shirley pareceu inflar-se o

dobro do tam anho.

Will não parecia convencido.

— Gabriel não cham aria isso de interferência terrestre?

— Sem chance — Shirley garantiu a ele. — Não chegou nem perto disso. Se você quiser falar

sobre interferência, então podem os discutir a hora em que Goodness assum iu o controle da

escada rolante da loj a ou...

— Com o você fez para que Lucie olhasse para fora da cozinha? — perguntou Will.

Mercy sentiu-se aliviada pela m udança de tópico. Ela respondeu erguendo as m angas da

com prida toga branca para m ostrar um a série de pequenos sinos.

— Os sinos que Lucie ouviu? Eles vieram de você?

— Esse será nosso segredinho, certo? — Gabriel poderia não apreciar o truque dela... Um a

pequena m ágica.

— Uau.

— É um dom — Goodness explicou, entrelaçando os dedos e erguendo a cabeça na direção do céu com os olhos fechados.

— Quer dizer, com o paz, esperança, m isericórdia... Esse tipo de dom divino.

— Ah, não exatam ente. — Eles estavam levando Will por um cam inho tortuoso, o que deixou

Mercy desconfortável. — Na verdade, os sinos são um pequeno truque que aprendi há alguns

anos e que uso em raras ocasiões.

— Para cham ar a atenção dos hum anos — Shirley explicou. — Eu m e lem bro de um a vez

quando Goodness apareceu na igrej a.

— Ela apareceu... em form a de anj o? — Essa era um a das prim eiras lições que os anj os

aprendiam . Apenas era perm itido àqueles com atribuições diretas de Deus aparecer sem

disfarce ou traj ados com o hum anos norm ais. Em todas as outras circunstâncias, eles deveriam

perm anecer invisíveis ou assum ir a form a hum ana.

— Era um a situação de em ergência — Goodness esclareceu.

— Era necessário — Mercy apoiou —, senão Goodness nunca teria corrido o risco.

Will olhou para Goodness em busca de explicação.

— Eu apareci diante de um pastor que tinha perdido a esposa para o câncer.

— E, além da esposa, ele tam bém perdeu sua fé — Shirley acrescentou.

Os olhos de Goodness brilharam .

— Eu queria que esse pobre e angustiado hom em visse o am or de Deus. Então fiquei em

frente à igrej a e, na plena glória da graça de Deus, abri m inhas asas e deixei a luz brilhar.

Os olhos de Will arregalaram -se.

— O que aconteceu?

Mercy aproxim ou-se do am igo.

— Talvez devêssem os ver o que Aren Fairchild está fazendo agora, depois de ter encontrado

Lucie.

— Não, espere — Will insistiu. — Conte-m e o que aconteceu com Goodness e o pastor. Você

tem que m e contar.

Goodness suspirou, deixando os om bros e as asas abaixarem .

— Ele não m e viu.

— Ele não a viu? — Will estava incrédulo. — Com o ele não conseguiu vê-la? A luz do am or de

Deus deveria tê-lo cegado.

— Ele estava m uito envolvido em seu luto.

— Nossa — Will sussurrou, estupefato.

— Foi quando eu tive a ideia dos sinos — Mercy explicou. — É um a abordagem m ais sutil.

Quanto m ais tem po você passar lidando com hum anos, m ais você aprenderá que é necessário

ser sutil.

— Na m aioria das vezes, a m anipulação sutil funciona — Shirley acrescentou.

— Na m aioria das vezes — Mercy concordou, m as acrescentou baixinho: —, m as não em

todas.

— Certo, vam os descobrir o que Aren está fazendo — disse Will.



Capítulo 8

— Você não vai ligar para Lucie? — Josie quis saber, tom ando um gole do café em um copo

descartável enquanto se dirigiam à estação de m etrô na m anhã seguinte. — Você vai forçá-la a

te ligar?

Aren sabia que Josie não conseguiria entender o dilem a em que ele estava. Bem , por outro

lado, talvez ela entendesse. Ele tinha orgulho, e isso sua irm ã deveria entender. Afinal de contas,

era o orgulho que a im possibilitava de entrar em contato com Jack, em bora Aren suspeitasse de

que a irm ã ainda estava apaixonada pelo ex-noivo. Ela havia poupado inform ações do que

exatam ente tinha dado errado, apesar de ele estar bem certo de que era algo relacionado ao

casam ento. Um a discordância, provavelm ente um m otivo tolo, que rapidam ente aum entara de

intensidade. E, pelo que tudo indicava, aum entara a ponto de os dois se convencerem , um ou o

outro, de que o casam ento não era um a boa ideia no final das contas. Além disso, parecia lógico

supor que continuar o relacionam ento tam bém não faria o m enor sentido. Os nervos chegaram à

flor da pele com o casam ento e agora Josie estava sozinha e infeliz. Bem , Aren e sua irm ã

form avam um a boa dupla, um apoiando o outro no sofrim ento.

O relacionam ento dele com Lucie era com plicado e ficava cada vez m ais difícil. Tudo

parecera tão perfeito, até inocente, naquela véspera de Ano-novo. Agora, com ele trabalhando

para a *Gazeta* e Lucie com o coproprietária do restaurante que ele resenhara, a possibilidade de Aren envolver-se nesse relacionam ento tornou-se m uito m ais difícil.

— Só se ela for m uito tonta para não telefonar.

Aren e a irm ã sem pre foram m uito próxim os. Todas as m anhãs cam inhavam j untos até o

m etrô. Ele encontrara um apartam ento perto de Josie, e eles se encontravam para tom ar café,

levando a bebida enquanto se dirigiam aos seus respectivos trabalhos.

— Talvez ela não sej a tão tonta. — Aren passara a noite em claro rum inando sobre a sua

situação. Por um lado, ele sentia arrependim ento em relação ao Encantos Divinos. Trezentos

clientes não poderiam estar errados. O j antar estava um *encanto* e as sobrem esas sim plesm ente *divinas*. A opinião dele sofreu um a reviravolta com pleta em relação à sua visita anterior. Dessa vez, o local tinha feito j us ao nom e. Aren dissera à gerente editorial que pretendia escrever outra

resenha, e ele o faria. Além disso, o arrependim ento não tinha relação algum a com seus

sentim entos pela *chef*.

— A propósito, existe algum a chance de você conseguir entradas para *Anjos no Natal*? —

perguntou Josie.

Naturalm ente sua irm ã se referia ao m ais recente m usical da Broadway . As entradas estavam

esgotadas com m eses de antecedência. E, com o Natal se aproxim ando, era im possível encontrá-

las.

— Até parece.

— Bem , você pode conseguir. O j ornal tem seus contatos, não? É só um a questão de conhecer

as pessoas certas.

Aren abafou o riso. Com o recém -contratado, ele tinha pouca chance de arrum ar os ingressos.

Apenas deixara Josie sonhando. Aren gostava da com panhia da irm ã, m as, se ele fosse levar

alguém para assistir a um m usical, essa pessoa seria Lucie, isto é, se ela quisesse voltar a vê-lo.

Após seu divórcio, Aren não voltara para o m undo das paqueras e notou que Josie tam bém

não, em bora ela fosse rápida para encoraj á-lo. No fundo, Aren im aginava que sua irm ã

precisava vê-lo disposto a arriscar o coração novam ente antes de ela se sentir confortável para

fazer o m esm o. Irm ão e irm ã form avam um a trem enda dupla problem ática.

— Avise-m e o que você descobrir — Josie m urm urou enquanto ela cam inhava até o seu trem .

— E, se você conseguir arrum ar aquelas entradas, pergunte a Lucie se ela quer

ir.

Aren franziu a testa.

— Eu pensei que você quisesse ir.

— Eu irei um dia. Estava pensando que seria o tipo de convite que Lucie seria incapaz de

recusar. Ouvi que *Anjos no Natal* é um m usical incrível.

— Não fique ansiosa dem ais, certo? — Ele odiava revelar seus pensam entos, e Lucie tinha

definitivam ente pegado pesado com ele.

Josie acenou alegrem ente para ele e partiu.

Aren foi para outra plataform a a fim de pegar seu trem e, em seguida, cam inhou os poucos

quarteirões até o prédio do j ornal. Jogou a m ochila na m esa e foi diretam ente ao escritório de

Sandy .

A gerente editorial estava sentada à frente do com putador e desviou o olhar da tela quando ele

bateu à porta. Olhando-o sobre os óculos pendurados na ponta do nariz, Sandy ergueu as m ãos do

teclado e girou a cadeira.

— Você j antou no Encantos Divinos?

Ele fez que sim com a cabeça, enfiando as pontas dos dedos nos bolsos da calça j eans.

— E?

— Foi m aravilhoso.

Ela arqueou as sobrancelhas com o se estivesse agradavelm ente surpresa.

— Então você se arrependeu da resenha anterior.

Ele adm itiu:

— Não sei explicar o que aconteceu na prim eira visita. Minha irm ã estava com igo e a refeição

dela parecia norm al. A m inha foi um desastre.

— Mas desta vez não?

— Não. O linguado estava fabuloso em todos os sentidos. — E de certa form a ele não esperava

que aquilo não tivesse nada a ver com os itens do cardápio.

— Bom . Escreva o seu texto e o publicarem os na edição desta noite. Ele deverá deixar os adm iradores do restaurante felizes — falou a editora, voltando sua atenção para a tela do

com putador.

— Sandy — disse Aren, ainda em pé em frente à porta do escritório.

Ela olhou na direção dele, franzindo a testa de im paciência.

— Que foi?

— Não posso escrever a resenha.

— Por que não? — ela quis saber, claram ente irritada.

— Encontrei a *chef* e eu a conheço.

— E isso influenciou a sua opinião?

— Não.

— Então escreva a resenha.

— É o que eu m ais gostaria de fazer. No entanto...

Sandy tirou os óculos e o encarou.

— Qual é o seu problem a, Fairchild?

— Eu quero nam orar a *chef* — ele deixou escapar.

A editora franziu a testa e voltou a olhar para a tela do com putador.

— Então a nam ore. Ela não precisa saber que você é Eaton Well. — Aren ficou espantado.

Sem saber o que esperar de Lucie quando a verdade viesse à tona, a m ente dele com eçou a

borbulhar de felicidade e expectativa. — Você ainda está aqui? — Sandy deixou escapar.

— Obrigado, Sandy , obrigado m esm o. Essa é um a ótim a notícia — o coração de Aren estava

m ais leve do que estivera em m eses.

Quando a cam inho da conversa com Sandy , Aren ficou im aginando o que ela diria sobre ele

querer nam orar Lucie. Agora era com o se o peso de dez cam inhões basculantes tivesse sido

retirado de seus om bros.

Sandy olhou novam ente na direção dele.

— Por que você ainda está aqui?

— Sem ... Sem m otivo... Estou indo para a m inha m esa escrever a m elhor resenha de

restaurante que você j á viu ser publicada.

— Então vá agora — ela resm ungou rispidam ente.

Aren m al tinha se sentado à frente do com putador quando seu celular tocou. Distraído, olhou-o,

m as, não reconhecendo o núm ero, deixou quem quer que estivesse do outro lado da linha falar

com a secretária eletrônica. Ele estava na m etade de sua resenha, que literalm ente parecia ser

escrita por si só, quando Norm Lockett passou por seu com partim ento. Norm fazia as resenhas

dos shows da Broadway .

— Norm — Aren o cham ou, interrom pendo-o. — Posso lhe pedir um favor?

— Do que você precisa, j ovem ?

Aren ficou de pé. Norm tinha 30 anos de experiência e era estim ado por todos.

— Existe algum a possibilidade de conseguir entradas para *Anjos no Natal*? — não faria m al

algum perguntar.

Norm abriu um largo sorriso e deu um tapinha nas costas dele.

— Vou ver o que consigo fazer.

— Obrigado, Norm , aprecio sua aj uda. — Então, pensando que isto poderia aj udar, Aren

acrescentou: — Acredito que você ouviu falar que Doris Roberts está vindo para substituir a

protagonista em *Anjos no Natal*?

— Ouvi, sim .

A história surgira alguns dias antes. Betty White estava com um a baita gripe e precisava de um

descanso.

— Eu poderia escrever um breve texto sobre Doris assum indo o papel — Aren sugeriu.

— Não há necessidade — Norm disse, e deu um tapa nas costas dele pela segunda vez. —

Verei o que posso fazer, m as não posso prom eter nada.

— Obrigado — Aren agradeceu. — Seria ótim o.

Ele voltou à sua baia e continuou envolvido em seu texto quando Norm voltou.

— Este é o seu dia de sorte.

— Você conseguiu as entradas?

— Duas para a noite de quinta-feira.

Aren não se im portava com a noite.

— Obrigado. Você é o m elhor. — Sentia-se tão feliz por conseguir as entradas que nem se

preocupou em checar a própria agenda. Mas, ao verificá-la, descobriu que tinha outra visita a um

restaurante agendada para a m esm a noite. Jantar e um show. Ele m al conseguia acreditar em

sua sorte. Do céu, olhavam com bons olhos para ele nesse belo dia de dezem bro. E seria ainda

m elhor se Lucie lhe ligasse. Se ela não o fizesse, ele levaria a irm ã.

Norm voltou à sua baia e Aren voltou a escrever a resenha sobre o Encantos Divinos. As

palavras fluíam facilm ente, e ele redigia ininterruptam ente até parar na m etade de um a palavra.

Um pensam ento o acom eteu. A ligação que ele deixou a secretária eletrônica atender m ais cedo

poderia ter sido de Lucie.

Pegando o celular, ele acessou a m ensagem de voz. Acertou em cheio, com o suspeitava.

— Olá, Aren, é a Lucie. Minha mãe me disse que ela explicou por que eu não o encontrei em

janeiro. Lamento por tê-lo deixado esperando. Espero que você esteja disposto a me dar outra

chance. Se estiver, então me ligue, mas se não... Bem, eu compreendo — a voz dela se m odificou, afetada pela apreensão e decepção, Aren não sabia dizer qual dos dois.

Ele não se conteve em ligar de volta.

Ela atendeu dizendo:

— Lucie.

— Aren — ele respondeu, m as, antes que ele pudesse proferir outra palavra, Lucie com eçou a

tagarelar.

— Ah, Aren, você recebeu m inha ligação. É claro que a recebeu, caso contrário não estaria

m e ligando. Soei totalm ente redundante, não soei? É que estou m uito contente por ser você. —

Ela pausou com o se constrangida por ter falado tão rápido. — Vou ficar quieta e deixar você

falar agora.

Aren sorriu e um a felicidade ardente o dom inou.

— Você pode continuar falando o quanto quiser. Eu gosto do som da sua voz.

— Gosta?

— É m uito oportuno nos encontrarm os depois de todos esses m eses, você não acha? — ele

perguntou.

— Sim ... E oportuno é a palavra perfeita, m as você trabalha com as palavras, não é?

— Trabalho.

— Minha m ãe disse que você estava escrevendo para o j ornal. Procurei o seu nom e...

— Não sou exatam ente o repórter principal.

— Não, m as você é um m aravilhoso escritor... Pelo m enos eu acho que você deva ser, m esm o

não tendo lido nada do que escreveu.

Na verdade, ela j á lera um de seus textos m ais im portantes — a resenha de seu restaurante.

Mas Aren não poderia lhe contar isso, pois seu contrato com o j ornal o im pedia, e a gerente

editorial havia se esforçado para lem brá-lo disso. E, m esm o que ele pudesse, não o faria. Ele não

queria term inar um relacionam ento prom issor quando este estava apenas com

eçando.

Aproveitando a oportunidade para m udar de assunto, ele disse:

— Eu liguei porque fiquei pensando se você estaria disponível para um j antar e um m usical na

sem ana que vem . Tenho duas entradas para *Anjos no Natal* na próxim a quinta-feira.

— *Anjos no Natal!* Eu ouvi dizer que é im possível conseguir entradas para esse m usical.

— Eu tenho duas.

— Mas, ah, não, eu... acho que não poderei ir. Tenho que trabalhar na cozinha do restaurante à

noite.

É claro que ela tinha. Aren m al podia acreditar que havia se esquecido dessa inform ação

essencial.

— Naturalm ente você estará trabalhando. Fiquei tão em polgado com as entradas que m e

esqueci com pletam ente disso.

— Quinta-feira à noite você disse, né? — a pergunta foi seguida de um a breve hesitação. —

Ouça, não im porta a noite que for, vou tirar um a folga. Tem os um a *sous chef* m aravilhosa que pode m e cobrir. Frequentei a escola de culinária com Catherine, que é m uito boa. Minha m ãe

sem pre insiste que eu tire um a folga, e isso é im portante. Não é im portante para o m undo em

geral, m as é para m im . Ah, m eu Deus, estou fazendo isso de novo. Provavelm

ente não faço

sentido algum , não é?

— Incrivelm ente, faz sim — o sorriso de Aren era tão largo que seu rosto doeu. — Vej o você

sem ana que vem , então.

— Certo. Você m e ligará até lá ou devo ligar para você?

— Eu ligo.

— Maravilhoso. Obrigada por m e ligar de volta, Aren.

Era ele quem deveria estar agradecendo a ela. Eles se despediram , e Aren estava tão feliz que

seria capaz de escalar um a m ontanha. Retornando ao trabalho, ele esperou alguns m inutos e em

seguida pegou o aparelho para ligar para a irm ã.

Josie atendeu quase na m esm a hora. Ela trabalhava na Wall Street para um a grande em presa

de ações.

— Tenho boas notícias, boas e m ás notícias.

— Conte-m e.

— Lucie m e ligou — ele poderia ter não dem onstrado tanta em polgação, m as sua irm ã o

conhecia m uito bem . Ela notara sua atitude sim ulando indiferença em um segundo. Enganar

Josie seria quase im possível. Consequentem ente, ele nem sequer tentou.

— Ela j á ligou para você?

— Há alguns m inutos.

— Você irá se encontrar com ela, não?

— Aham . Essa é a boa e a m á notícia.

— Explique-se, irm ãozinho.

— Vou levá-la para um j antar e um show.

— Uau, você sabe bem com o deixar um a garota encantada. Qual show?

— Essa é a m á notícia.

Um a breve hesitação se seguiu.

— Não m e diga... Que você conseguiu as entradas para *Anjos no Natal*?

— Consegui.

— Ai, cara!

— Não m e odeie por isso — Aren brincou. — Eu tam bém tenho outras notícias boas, m as não

queria confundi-la.

— Você pode ir além até. Suponho que sej am assentos de orquestra — ela riu, e Aren sabia

que Josie estava feliz por Lucie ter aceitado o convite.

— Por m im , eles poderiam ser da seção de hem orragia nasal que eu não m e im portaria.

Minha terceira boa notícia é que conversei com Sandy , m inha chefe, e ela disse que não haverá

problem a em escrever um a resenha para o Encantos Divinos e m e retratar pela anterior.

— Mas é claro que você deveria.

— Tem i que isso pudesse ser considerado um conflito de interesse, m as Sandy basicam ente m e disse para não m e preocupar contanto que eu não revele m inha identidade.

— Bom ... Mas Lucie ou a m ãe dela sabem que foi você quem escreveu a resenha inicial,

criticando o restaurante?

— Não.

— Não? Aren, você poderá ter problem as.

— Eu contarei a Lucie quando for a hora certa. Não quero esconder o fato dela, m as, segundo

m eu contrato, não posso revelar a m inha identidade para ninguém fora da fam ília. Além do

m ais, Lucie e eu acabam os de nos reencontrar.

— E você não quer estragar os futuros planos.

— Algo do tipo — adm itiu. Em sua cabeça, ele tinha a desculpa perfeita.

— Ah, Aren, prom eta-m e que você não vai m anter isso em segredo por m uito tem po.

— Josie, tenho de obedecer ao contrato. Eu poderia perder o em prego se dissesse a Lucie que

escrevo com o pseudônim o de Eaton Well.

— Existem m odos de fazer isso sem precisar dizer diretam ente, você sabe.

— Talvez — ele reagiu. — Mas ainda é m uito cedo.

— Certo, concordo com você nesse aspecto, m as tem o que isso vá pairar sobre sua cabeça

com o um balão gigante de água, am eaçando explodir a qualquer m om ento.

— Eu saberei a hora certa de dizer — Aren prom eteu. — Mas não até que consiga descobrir

um m odo de falar a verdade sem , de fato, contar a Lucie e até que tenham os um a chance de nos

conhecer m elhor. Concorda?

— Certo, m as não espere até que sej a tarde dem ais.

— Não esperarei. — Seria com plicado, m as ele procuraria a m aneira e a hora certas de fazer

isso.



Capítulo 9

— Olha só esses anj os no palco — Mercy resm ungou, balançando a cabeça, irritada. —

Aparentem ente a hum anidade tem essa ideia de nós. Nossa! Essas pobres pessoas não têm a

m enor ideia.

Shirley , Goodness e Mercy , j untas com Will, estavam sentadas no cam arote do teatro da

Broadway , todos eles bastante entretidos com o m usical. Após rigorosas instruções de Gabriel,

sabiam que não valia a pena interferir no rom ance que florescia entre Lucie e Aren. Era um a

m issão sem interferências.

Mesm o assim , Mercy ficou de olho nos dois. Eles ocupavam ótim os assentos cerca de dez

fileiras atrás, na seção da orquestra, e pareciam apreciar im ensam ente o m usical. De vez em

quando, as cabeças de am bos se aproxim avam e eles trocavam sussurros. Mercy sentia-se um

pouco rom ântica e parecia-lhe que o casal era perfeito j unto. O coração dela encheu-se de am or

assim que, logo após o início do m usical, Aren pegou na m ão de Lucie e ela abriu o sorriso m ais

doce de todos para ele. Há m uito tem po Mercy não presenciava um m om ento tão rom ântico.

Quando o olhar de Mercy voltou a se concentrar nos am igos, ela franziu a testa ao ser tom ada

por um a sensação estranha.

Goodness tinha desaparecido.

— Onde está Goodness? — ela sussurrou, resistindo ao espanto. Shirley sacudiu os om bros,

aparentem ente envolvida com o que estava acontecendo no palco. — Will, você viu a Goodness?

— perguntou, na esperança de esconder o pânico em seu tom de voz.

O j ovem protegido delas parecia achar m uito divertidas as travessuras que ocorriam no palco

e respondeu com um aceno negativo de cabeça.

Mercy olhou ao redor freneticam ente e viu que os seus piores m edos logo iriam se concretizar:

Goodness estava no palco com os atores. Sem saber m ais o que fazer, e pretendendo evitar outro

desastre, Mercy rapidam ente j untou-se à am iga e agarrou-a pelo braço.

— O que você está fazendo aqui? — ela sussurrou.

— Esses atores não sabem nada sobre anj os ou sobre nosso com portam ento. As roupas deles

são um a piada.

Ah, não, a situação era pior do que Mercy im aginava.

— Goodness, nem pense nisso.

— Eu só quero agitar as penas deles um pouco. Deixá-las um pouco m ais apresentáveis.

Gabriel concordaria com igo.

— Não, ele não concordaria — Shirley introm eteu-se. As três deslocavam -se pelo palco,

esvoaçando de um a parte para outra, evitando os atores.

— O que é aquilo? — Will perguntou, j untando-se a elas.

— O que é o quê?

— Aquele hom em . Ele está tocando um a espécie de instrum ento m usical.

— É a tuba, agora volte para onde estávam os — Mercy ordenou.

De repente, um a atriz do palco, travestida de anj o, soltou um grito enquanto era suspensa cerca

de 60 centím etros do chão.

— *Goodness, mercy*[4] — a atriz berrou em inglês, freneticam ente agitando os braços.

— Ela sabe os nossos nom es — Shirley disse horrorizada.

— Coloque-a no chão — Mercy suplicou, e rapidam ente reparou a situação. — Com cuidado,

por favor.

Os pés da atriz foram se aproxim ando aos poucos do palco e, quase na m esm a hora, outros três

atores, tam bém no papel de anj os, foram erguidos. Sem saber o que estava acontecendo, os

outros atores, obviam ente profissionais qualificados, continuaram suas falas com o se nada

estivesse errado, estendendo os pescoços a fim de olhar para cim a, na direção dos atores cuj os

pés estavam se debatendo e os braços se agitando. Aparentem ente, o público achou tudo m uito

natural, rindo estrondosam ente. Aqueles que assistiam à apresentação pareciam acreditar que a

cena era parte do program a, com o um a peça dentro de um a peça.

Os principais personagens tinham participado de um program a de Natal em que as crianças

reencenaram o nascim ento de Jesus. Os anj os, todos atores, faziam os papéis principais, dirigindo

as crianças. Agora Shirley , Goodness e Mercy quase provocaram um pandem ônio com a equipe

de palco, que dava de om bros, correndo pelo cenário e procurando algum inexistente fio

escondido.

Enquanto Mercy discutia com Goodness, a sensata Shirley aparentem ente perdera a cabeça e

havia decidido que era seu m om ento de brilhar. Mercy não conseguia acreditar no que via: sua

colega Em baixadora da Oração cantava j unto com o pequeno coro de crianças.

Percebendo que j á era um a causa perdida, Mercy desistiu e se j untou à am iga, cantando um a

de suas canções natalinas preferidas. Todos no palco congelaram e olharam fixam ente para as

crianças, e, por um breve instante, Mercy tem eu que fossem descobertas.

— Acho que está na hora de irm os agora — Will disse, puxando Shirley pela m anga.

— Minha nossa! Você tem razão — concordou Shirley , aparentem ente recobrando os sentidos.

— Eu gostaria de tentar tocar aquela tuba antes de irm os — disse Will, deslocando-se na

direção da cavidade no palco onde ficava a orquestra.

Goodness agarrou Will e o puxou de volta.

— Agora não — Mercy se opôs, acom panhando os outros três para fora do palco. —

Precisam os sair daqui enquanto é tem po.

— Ah, não, isso não está nada certo.

— E quanto a Lucie e Aren? — Will protestou enquanto eles faziam o cam inho de volta para o

céu. — Vam os deixá-los para trás assim ?

— Não tem os escolha agora. — Mercy não sabia bem com o as coisas tinham saído tanto de

controle, m as agora a situação era irreparável. Ah, ela deveria saber; deveria adivinhar que ver

aqueles anj os no palco representaria m uita tentação para eles. Então, após saírem do teatro e

Mercy com eçar a se tranquilizar, ela ouviu o grito de Shirley :

— Goodness! Coloque o cam elo de volta no lugar antes que alguém dê falta dele!

Mercy olhou para trás e ofegou. Certam ente sua querida am iga roubara o cam elo que estava

preso atrás do palco e o conduzia pela rua.

Sim , eles não tinham salvação. Mercy só esperava que o céu não ouvisse tal história tão cedo.

— O que você achou do m usical? — Aren perguntou a Lucie enquanto eles saíam lentam ente

do teatro.

Era difícil para Lucie ouvi-lo por causa da anim ada vibração da m ultidão. Todos falavam

sobre o espetáculo. Lucie ouviu por acaso alguém com entar que j á assistira à peça antes e que

gostara m uito das m udanças côm icas.

— Achei incrível... Sim plesm ente incrível.

— Eu tam bém — concordou Aren.

Um a vez do lado de fora, ele aj udou Lucie a colocar o casaco e, em seguida, abotoou o seu

próprio. Então pegou na m ão dela e a aconchegou em seu braço. Era um a noite fria, o que dava

a Lucie um a boa desculpa para ficar próxim a de Aren. As luzes na cidade durante as festividades

pareciam brilhar um pouco além do norm al. Tudo tão perfeito, tão m aravilhoso. Em bora ela

conhecesse Aren há pouco tem po, tinha a im pressão de que ele sem pre estivera em sua vida.

Sem nunca ter experim entado esse tipo de sensação com um hom em antes, Lucie não pôde

evitar im aginar se conseguiria encontrar um hom em a quem am asse com a m esm a intensidade

que tinha o am or que seus pais um dia com partilharam .

— Eu ainda estou tentando entender com o eles conseguiram suspender os anj os — Aren

com entou, franzindo a testa enquanto falava. — Geralm ente, consigo ver os fios, e nós estávam os

perto do palco o suficiente para enxergá-los, m as não vi nenhum .

— O canto das crianças foi... inacreditável.

— Eu vou baixar a m úsica assim que chegar a m inha casa. Foi... — Aren parecia buscar a

palavra certa.

— Angelical — Lucie sugeriu. Os om bros dos dois se tocaram enquanto cam inhavam de

braços dados. — Que noite m ais m aravilhosa. Não sei com o lhe agradecer.

Aren abriu um sorriso e envolveu a m ão de Lucie na sua, apoiando-a no braço

dele.

— Ainda não term inam os.

— Não?

— Espero que estej a com fom e.

— Morrendo de fom e — Lucie tinha acordado m ais cedo do que o habitual naquela m anhã,

pois precisava cozinhar e deixar tudo pronto no restaurante, assim poderia sair à noite sem

qualquer sentim ento de culpa. Sentiu-se m uito tentada a ligar para garantir que tudo estava dando

certo. Mas sua m ãe a havia desaconselhado a fazer isso. Wendy queria que Lucie esquecesse o restaurante por um a noite e aproveitasse. Ela achava que isso seria im possível, m as enganara-se.

Quando estava com Aren, era com o se não tivesse a m enor preocupação com o resto do m undo.

— Eu sei que está tarde, m as fiz reservas para o j antar.

Eles passaram pelo Rockefeller Center e pararam para adm irar as luzes na árvore de Natal e

olhar os patinadores circulando pelo rinque de gelo. Incapaz de resistir, Lucie pressionou a

cabeça contra o om bro de Aren.

— Cansada?

Ela deveria estar, m as não estava.

— Não, apenas feliz, tão feliz.

— Eu tam bém estou. Não acreditava que fosse possível encontrá-la novam ente.

— Eu tam bém não. Já havia perdido as esperanças.

Eles continuaram a cam inhar num ritm o lento e relaxado até chegarem ao restaurante cuj o

nom e era o de um fam oso *chef* da televisão. Lucie não escondeu o quanto estava im pressionada.

— Com o você conseguiu arranj ar o j antar e os ingressos do teatro para a apresentação m ais

cobiçada da cidade na m esm a noite?

Ele abriu um sorriso tím ido.

— Eu m exi m eus pauzinhos.

— Ouvi falar tanto sobre a com ida daqui. Sem pre quis experim entar.

— Bom , esta tam bém é a m inha prim eira vez aqui.

Agora ela com preendia por que eles j antariam tão tarde. Provavelm ente aquele era o único

horário que ele conseguiu para fazer as reservas. De que Lucie tinha ouvido, ela sabia que o

restaurante fora reservado com m eses de antecedência. Era praticam ente im possível arrum ar

um a m esa nas festividades. Lucie só podia im aginar quantos favores Aren devia aos outros por

essa noite. Certam ente ela iria se lem brar desse m om ento por um longo tem po.

Após se sentarem , eles aguardaram vários m inutos até receberem os cardápios. Lucie cham ou

a atenção de Aren.

— Minha m ãe nunca deixaria isso acontecer — ela sussurrou.

— Hã?

— Esperar pelos cardápios. Ela os entregaria im ediatam ente.

Aren sorriu e abriu o cardápio de m oldura toda elaborada. Um a borla dourada pendia na parte

de baixo dele.

Após dar a eles m ais do que o tem po necessário para analisarem o que era oferecido, o

garçom retornou e falou em voz alta quais eram os especiais da noite detalhadam ente,

m encionando o país de origem das ervas e dos condim entos e as suaves variações de cada prato.

Mas, com o j á era tarde, os aperitivos haviam acabado e o restaurante dispunha de apenas um a

única das entradas especiais.

Novam ente, Lucie não se conteve e franziu a testa.

— Por que m encionar as refeições especiais se não estão disponíveis? Todos esses detalhes não fazem o alim ento parecer m ais atraente. Ele m e fez sentir com o se o prato estivesse em um

m useu para ser adm irado.

— Concordo — Aren disse, rindo de form a contida.

Lucie pediu a m erluza-negra, e Aren, *chillies* com recheio de queij o. Um a vez servida, a

com ida era tão decepcionante quanto o serviço.

— Bem , o que você acha? — Aren lhe perguntou após ela ter dado a prim eira

garfada. — O

restaurante faz j us à reputação que tem ?

Lucie colocou o garfo de lado e avaliou se deveria ou não dizer o que pensava. Com o fazia

parte do ram o de restaurantes, ela achava que estava sendo excessivam ente crítica. Aren tivera

m uito trabalho para conseguir essa reserva, m as ela notou que ele tam bém não estava

apreciando a refeição.

— Você quer a verdade? — perguntou.

— É claro.

— O fato é que estou decepcionada, m as não confie em tudo que eu falar. Conheço m uito

sobre adm inistração de restaurante. Meu peixe está cozido dem ais, o m olho sem sabor e os

vegetais sem vida. Isso é o que m e deixa louca.

— Hã

— Nós recebem os um crítico gastronôm ico no nosso restaurante que reprovou a m inha

com ida. Ele ou ela foi cruel e m aldoso, e um a coisa eu lhe digo: qualquer prato que sirvo pode

com petir com os deste restaurante, em qualquer dia da sem ana.

Aren olhou fixam ente para o outro lado da m esa com o garfo paralisado no ar.

Lucie deveria ter entendido tal gesto com o um sinal de que parasse, m as, j á tendo com eçado,

ela não conseguia m ais controlar-se.

— O que m e chateia é que esse m esm o crítico provavelm ente daria notas altas para este

restaurante. Digo, Eaton Well deve ter resenhado as refeições daqui para que o restaurante tenha

um a reputação tão fabulosa. Isso para você ver que o crítico não sabe do que está falando. — Ela

m ordeu o lábio, reconhecendo que provavelm ente fora m uito longe. Toda vez que pensava em

Eaton Well e em sua inj usta e sarcástica resenha, Lucie sentia o sangue ferver. Porque ela

percebeu que tinha que agir assim , acrescentou: — Eu sei que ele trabalha no m esm o j ornal que

você, e, se ele é seu am igo, peço desculpas. Mas Well m e fez m al e não sei se algum dia

perdoarei o que ele disse sobre o Encantos Divinos.

Aren continuou a olhar fixam ente para ela com o se não soubesse o que dizer. Lucie tentou

outra vez, receosa de que tinha estragado a noite com todo aquele falatório.

— Perdoe-m e, por favor — m urm urou, alisando o guardanapo no colo. — Eu não deveria ter

m encionado a resenha. Com o você percebeu, ainda estou chateada com isso.

Aren pegou o café, que a esta altura j á estava frio.

— Pelo que sua m ãe disse, os seus fiéis clientes rapidam ente a defenderam .

— Sim , graças a Deus. Sem eles nós talvez estivéssem os arruinados. Poderíam os ter perdido

tudo por causa de um a resenha negativa.

Aren colocou a xícara de volta no pires e inclinou-se para trás, m as ela notou que ele não estava confortável.

— Teve um a segunda resenha, não?

— Sim , um a retratação. Aparentem ente o tal do Eaton Well foi forçado a dar um a segunda

chance ao restaurante.

— A segunda resenha dele foi j usta?

— Im agino que sim — ela respondeu encolhendo os om bros. — Ainda assim , eu gostaria de

encontrar esse im becil e dar um a dura nele.

— Im becil?

— Bem , para m im ele é. Por que as pessoas têm que ser tão sarcásticas e cruéis? Ele disse

coisas com pletam ente desnecessárias. Esses escritores honestam ente pensam que estão sendo

espirituosos? Eles não percebem que colocam o m eio de subsistência das pessoas em risco?

— Tenho certeza de que tudo dará certo no final.

— Espero que sim .

Para surpresa dela, Aren pediu um a bandej a de sobrem esa com pequenas seleções de

variados doces. Lucie experim entou dois aparentem ente convidativos: o bolo de crem e de

banana e o sorvete de fram boesa. Am bos estavam satisfatórios, m as não

espetaculares.

— A sua sobrem esa é m uito m elhor.

Ela abriu um sorriso enorm e com o elogio dele e concordou sem falar nada. De qualquer

form a, ela j á falara bastante sobre a com ida e o serviço.

— Obrigada.

Aren pagou a conta, que para Lucie foi desproporcional ao que lhes tinham servido. Enquanto

os dois cam inhavam para a saída do restaurante, ele parecia m ais desanim ado do que antes.

Talvez, assim com o ocorrera com ela, o dia dele tivesse sido longo e ele estivesse cansado. Já era

tarde e os dois tinham que trabalhar na m anhã seguinte.

— Olhe só — ela disse enquanto eles desciam a rua. — Deixe-m e preparar um j antar de

verdade para você. Esse foi um a decepção, e eu gostaria de oferecer-lhe um a das refeições

criadas especialm ente para você.

Aren olhou para ela e sorriu.

— Não recusarei.

— Ótim o. Dom ingo à tarde está bom para você? — a cabeça dela j á borbulhava de ideias.

Cozinhar era um a experiência em ocional, e Lucie achava m ais fácil expressar seus sentim entos

por m eio da com ida do que através das palavras. O j antar seria seu m odo de

dizer a Aren o

quanto ela apreciava a com panhia dele e o quanto se sentia grata por terem se reencontrado.

— Dom ingo está bom para m im .

— Ótim o. Venha ao m eu apartam ento por volta das 16h... Se não for m uito cedo.

— Está perfeito.

Aren parou de cam inhar e sinalizou para um táxi.

— Tive a noite m ais m aravilhosa de m inha vida — ela disse, consciente de que o tem po deles estava chegando ao fim . — Obrigada, Aren, por tudo.

Um táxi encostou ao m eio-fio. Aren abriu a porta do passageiro e Lucie instintivam ente

levantou-se nas pontas dos pés para beij á-lo. Ela esperara um longo tem po para isso, im aginando

se o beij o da noite de Ano-novo, há quase um ano, estaria à altura desse.

Aren a segurou pelos om bros e inclinou sua boca sobre a dela.

Ah, era bom , tão bom com o ela se lem brava, talvez até m elhor. Ela queria se derreter nos

braços dele e resistiu à vontade de se envolver em todo seu corpo, pés e m ãos, braços e pernas.

— Ei, vocês dois — o taxista gritou —, eu não tenho a noite toda.

Lucie sentiu a relutância de Aren enquanto ele se soltava aos poucos dela.

— Nos falarem os antes de dom ingo, certo?

— É claro.

Ele parecia tão sério, até m esm o profundam ente inquieto, m as Lucie não im aginava por quê.

A noite fora quase perfeita... Com exceção do j antar, m as Aren não tivera qualquer culpa.

Assim que ela entrou no táxi, Aren deu um passo para trás e ergueu a m ão em despedida.

Pressionando os dedos contra os lábios, ela apoiou a m ão sobre a j anela enquanto o taxista

partia.



Capítulo 10

Aren ficou pacientem ente de pé na fila do Starbucks, com m edo de encontrar sua irm ã. Ele

não precisou esperar m uito até que Josie entrou toda afetada na cafeteria m enos de cinco

m inutos após ele chegar.

Ele com prara café para os dois.

— Ei, a que devo isso? — ela perguntou quando ele lhe entregou o copo descartável.

Aren não tinha um a resposta. Ele sabia que Josie estava esperando ouvir sobre a noite dele

com Lucie, e ela fora m aravilhosa, m elhor do que ele esperava. O que o inquietou foi com o

Lucie ficou zangada com Eaton Well e a resenha original. Ela m al levou em

conta a segunda

resenha na qual ele elogiara e recom endara m uito o Encantos Divinos. Era quase com o se a

resenha favorável não tivesse qualquer valor.

Eles com eçaram a cam inhar em direção ao m etrô com os passos em perfeita sintonia.

— Bem , não m e deixe neste suspense — ela disse. — Conte-m e com o foi com a Lucie ontem

à noite.

— Ótim o.

— Não parece ter sido ótim o. Ah, Aren, não m e diga que ela adivinhou quem você é? — Josie

parou de form a abrupta, forçando as pessoas que vinham atrás a se desviar deles, resm ungando

enquanto passavam .

Aren tam bém foi forçado a parar.

— Não, m as ela falou m uito sobre o *imbecil* que quase destruiu sua reputação com um a

resenha ruim .

— Você não contou para ela que foi você, contou? — Josie quis saber.

— Não consegui. — Ele não sabia quantas vezes precisava lem brar sua irm ã de que ainda

tinha um contrato a ser respeitado.

Josie inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu que escurecia com o se a frustração fosse

dem ais para ela.

— Ah, Aren, isso não é bom .

Ele só pensara nisso a noite toda. Lucie precisava saber, e quanto m ais ele m antinha o fato em

segredo, m ais difícil seria para ele quando a verdade viesse à tona.

Eles voltaram a cam inhar e logo se aproxim aram da estação de m etrô.

— O que a Lucie disse? — Josie o pressionou.

Aren sacudiu os om bros, com o se praticam ente não lem brasse, em bora tivesse m entalizado cada palavra.

— Ela falou sobre Eaton Well e com o ele foi m aldoso e inj usto. A certa altura, chegou até a

afirm ar que gostaria de conhecê-lo só para dizer isso a ele.

— Nossa!

— Mesm o que pudesse contar a Lucie, eu não o faria... Não com tudo indo tão bem . Ela ainda

está m uito zangada.

— Mas você escreveu um a resenha m aravilhosa depois.

— Eu m encionei isso, m as ela rej eitou, desconsiderando o texto. Lucie só sabia falar da

prim eira resenha.

— Mas, Aren, m ais cedo ou m ais tarde você terá que encontrar um a m aneira de contar a

verdade a ela.

Aren não precisava da irm ã para lem brá-lo disso. Ele sabia.

— Concordo.

— Você, m ais do que qualquer um , sabe o que é ser enganado. Sei que é um risco, m as agora

é digno corrê-lo.

Em teoria, Aren não poderia culpar seu próprio senso lógico.

— Eu sei o que precisa ser feito, é que... Não sei com o fazer isso sem rom per m eu acordo

com o j ornal. Você j á conheceu alguém com quem sentiu m uita afinidade logo de cara? Lucie é

inteligente, divertida, extrem am ente leal e gentil. Ela am a a fam ília e o cachorro, e você deveria ver com o todos no restaurante tratam a ela e a sua m ãe. Não m e lem bro de ter conhecido um

grupo m elhor de pessoas.

— Você só foi até lá duas vezes.

— Eu sei, m as não é o que eles dizem , e sim com o todos trabalham j untos e se aj udam . Esse

tipo de coleguism o com eça na gerência e vai percorrendo toda a hierarquia. Lucie e a m ãe estão

destinadas a tornar o Encantos Divinos um sucesso. Já consigo enxergar isso.

— Só posso dizer que você precisa encontrar um m odo de contar a Lucie antes que toda essa

situação saia do controle.

Aren não conseguia levantar um único argum ento.

— Ela m e convidou para j antar em seu apartam ento no dom ingo.

Josie tom ou um grande gole de café e balançou a cabeça.

— Você tem que arrum ar um j eito antes disso.

— Mas...

— Quanto m ais você adiar, m ais difícil será.

A respiração de Aren veio em raj adas enevoadas no frio. A neve com eçara a cair, e, em bora

os sinais do Natal estivessem ao seu redor, ele m al os notara.

— Pensarei em algo — m urm urou, e ele pensaria. Josie estava certa. Ele poderia perder tanto

o em prego quanto Lucie, m as era um risco que tinha que correr. — Pensarei em algo. — Não seria fácil, m as era necessário.

— Ligue para m im quando tiver um a ideia.

Ele prom eteu que o faria m esm o que o pavor o dom inasse.

— Certo, agora que acabou com isso — Josie continuou com o se estivesse contente por deixar

esse assunto de lado — m e conte o que aconteceu ontem à noite.

Aren sorriu ao se lem brar.

— *Anjos no Natal* foi ótim o, m elhor do que esperávam os.

— Está no noticiário desta m anhã, não ouviu falar?

— Do quê?

— Aren, m inha nossa, você estava lá! Deve ter visto tudo que aconteceu. — Ele se sentiu

totalm ente perplexo; não fazia ideia do que sua irm ã estava falando. — Entrevistaram os atores e

eles contaram um a história inacreditável sobre com o foram erguidos entre 60 e

90 centím etros

do chão. Estavam encenando, recitando as falas com o fazem em todas as apresentações, e de

repente foram erguidos do chão e ficaram suspensos no ar por vários m inutos.

É claro que Aren se lem brava. Lucie e ele tinham com entado sobre não conseguirem

enxergar os fios.

— Você quer dizer que isso não era parte da peça?

— Não, e então outro grupo de atores insistiu que alguém estava cantando com eles. Na

verdade, m ais do que um a pessoa.

— A m úsica estava excelente — Aren concordou.

— Os críticos estão dizendo que é um a j ogada de m arketing e os atores insistem que não é.

Todos estão falando sobre isso no rádio esta m anhã. E, sabe, eu fico do lado dos críticos. Parece

m ais com um a espécie de pegadinha publicitária. Quero dizer, com o alguém explica aquele

cam elo vagando pela Broadway com os treinadores o perseguindo?

— O cam elo fugiu? — Aren não tinha ouvido falar nada sobre isso.

— Honestam ente, Aren, você tem que voltar para a Terra. Esse lance com a Lucie está

confundindo o seu cérebro.

O cérebro dele estava m ais do que confuso. Ele só conseguia pensar em Lucie e se dar conta

de com o tinha receio de perdê-la outra vez pouco depois de se reencontrarem . Aquela m anhã ele

havia ligado o rádio, m as seus pensam entos concentravam -se apenas em Lucie, e aparentem ente

não ouvira nada.

Logo os irm ãos partiram dali, tom ando direções diferentes.

Aren passou a m elhor parte do dia escrevendo a resenha sobre sua experiência no restaurante.

Então, por ter ido à peça na noite anterior, solicitaram -lhe que escrevesse um pequeno texto

sobre o que vira e sobre sua própria interpretação dos estranhos acontecim entos da noite anterior,

o que seria publicado na edição da noite. A resenha do restaurante levou m ais tem po. Ele

deliberadam ente incluiu os com entários de Lucie no texto. Assim que ela lesse o texto escrito por

Eaton Well, descobriria quem ele era e então poderiam conversar livrem ente. Mas, se ela o

odiasse, acabaria rom pendo com ele antes que seu coração se visse ainda m ais envolvido.

Quando Aren entregasse o artigo, o feedback seria positivo.

Ele saiu do escritório e pegou o m etrô para o Brookly n. O céu estava escuro. Nevara de form a

interm itente o dia todo, e um a m acia cam ada branca cobria a paisagem . Crianças em idade

escolar estavam anim adas, e Aren contou m uitos bonecos de neve enquanto

cam inhava até o

Encantos Divinos. Em circunstâncias norm ais, ele teria tom ado um táxi, m as dessa vez queria

esvaziar a cabeça.

O restaurante fora aberto há apenas cinco m inutos quando ele chegou. A expressão de Wendy

Ferrara m udou para um sorriso brilhante no instante em que Aren entrou no estabelecim ento.

— Aren, que bom vê-lo — ela o cum prim entou com o se fosse da fam ília, dando-lhe um beij o

na bochecha. — Lucie disse que passou m om entos m aravilhosos na últim a noite. Ela só

conseguia falar sobre isso hoj e de m anhã.

— Eu é que tive m om entos ótim os.

Ela o conduziu até a m esa.

— Aqui, sente-se. Vou lhe trazer um a xícara de café quente. Está m uito frio lá fora e você está

sem icongelado.

Antes que Aren pudesse protestar, Wendy j á tinha ido até a cozinha.

Sem escolha, ele se sentou e olhou ao redor. O restaurante fora decorado para as festividades

desde a últim a vez que estivera ali. Em cada m esa havia um ram o de azevinho ao redor da base

de um a espessa vela circular, e guardanapos de tecido verde e verm elho. Um a cortina de enfeite

prateado circundava a m esa da anfitriã e dois ornam entos de vidro estavam pendurados em

frente a ela com os nom es Wendy e Lucie im pressos neles. Outra cortina reluzente guarnecia

todo o com prim ento das j anelas com ornam entos idênticos e com os nom es dos funcionários

escritos para todos lerem .

Wendy retornou um instante depois, trazendo um a fum egante xícara de café. Aren passaria

sem isso num a boa, m as ela tinha razão: ele estava com frio.

— Espero que não se im porte, m as Lucie teve que dar um a saída rápida para resolver um a

coisa. Ela deve estar de volta daqui a alguns m inutos. Peço desculpas, ela deve ter esquecido que

você passaria aqui.

— Ela não sabia... Resolvi de últim a hora.

— Ah, então está explicado. Ela está caidinha por você, com o bem sabe — Wendy contou a

ele.

Ouvir isso era com o voltar a escutar todas aquelas incríveis vozes cantando na peça. Sua irm ã

tinha razão. O que acontecera na apresentação estava em todos os noticiários. Assim que ficaram

sabendo que Aren estivera lá, ele perdeu a conta do núm ero de pessoas que o pararam em sua

baia para perguntar a respeito. Ele queria ter prestado m ais atenção aos

acontecim entos. Naquele

m om ento, o com portam ento dos anj os parecia tão espontâneo, com o se fosse intencional. Atores

são suspensos no palco a toda hora. Oras, o Hom em -Aranha passava em disparada sobre o

público de um lado para o outro do teatro e ninguém tinha feito tanto espalhafato por isso. Mas os

fios eram claram ente visíveis nessas outras ocasiões.

— Acho que tam bém estou no m undo de Lucie.

— Posso trazer algo para você com er? — Wendy perguntou-lhe.

— Não, obrigado. Só passei para falar rapidam ente com Lucie. Preciso ir logo.

— Então vou em balar um a refeição para você levar.

Aren ergueu a m ão em protesto.

— Por favor, sra. Ferrara, não será necessário.

— Que bobagem . Não aceitarei um não com o resposta.

Antes que ele pudesse voltar a protestar, Wendy desapareceu dentro da cozinha. Quando

voltou, trouxe um a grande sacola de papel. Se o tam anho do recipiente fosse um indício, ele teria

com ida suficiente para a sem ana toda.

— Eu liguei para a Lucie e ela está a cam inho. Ela m e pediu para m antê-lo aqui custe o que

custar.

Aren não tinha nenhum m otivo im portante para a visita a não ser a necessidade

de ver Lucie

outra vez e o m edo de estar prestes a perdê-la.

— O que irá acontecer? — Will perguntou. Ele franziu a testa com preocupação, quase com o

se soubesse de antem ão o que estava prestes a ocorrer. — Quando Lucie descobrir que foi Aren

quem escreveu a resenha negativa, ela ficará extrem am ente chateada.

— Eu tam bém ficaria chateada — concordou Shirley . — Deve haver algo que possam os fazer

para aj udar. Não com preendo por que Aren insiste em arruinar um relacionam ento tão

prom issor.

— Não podem os interferir — Goodness insistiu, fitando os outros. — Gabriel não gostaria disso.

— Ele não gostaria de vê-la fugindo com um cam elo tam bém , m as isso não a im pediu de

surrupiá-lo do palco — Mercy fez sua estim ada am iga recordar.

Goodness teve a boa ideia de aparentar um pouco m ais do que decepção.

— Isso foi um lapso de j ulgam ento. Alguém ... Alguém j á tem notícias de Gabriel?

— Não, e queira por gentileza abaixar o tom de voz antes que ele ouça.

Mercy rapidam ente girou 360 graus, certa de que Gabriel iria aparecer a qualquer m om ento e

bani-los da Terra para sem pre.

— Por enquanto guardem os nossos truques para nós m esm os.

— Se conseguirm os — Goodness sussurrou, olhando por sobre o om bro.

— E quanto a Aren e Lucie? — Will insistiu, sentando-se im pacientem ente em um canto do

restaurante. — O que irá acontecer? — ele esvoaçou pelo salão, revelando seu nervosism o.

— Não saberem os até que ela leia o artigo — explicou Mercy . Ela se preocupava com o

j ovem casal tanto quanto Will, m as o futuro estava nas m ãos de Deus.

As três, acom panhadas de Will, pairaram sobre o restaurante à espera da chegada de Lucie.

Mercy notou que as m esas foram ocupadas rapidam ente. Quando Lucie entrou correndo na

cozinha, ela recebeu na m esm a hora um a enxurrada de pedidos.

— Será que o Aren irá falar com ela? — Will quis saber.

— Parece que ele quer tentar — Mercy respondeu, observando de perto a cena que se

desenrolava entre Aren e Lucie na cozinha.

Aren seguiu Lucie por toda a ocupada cozinha, m as não conseguia acom panhar o ritm o dela.

Para ele, era incrível com o Lucie realizava as tarefas em um espaço tão pequeno,

principalm ente com os outros dois funcionários correndo para cá e para lá.

— É tão bom vê-lo — ela disse, girando cogum elos recém -fatiados em um a frigideira sobre o

forno a gás. Então fez um a pausa, o tem po suficiente para abrir um sorriso para Aren. — Adorei

cada m inuto da nossa noite. Obrigada por tudo novam ente.

Dispensando a gratidão dela, ele respirou fundo e disse:

— Eu sei que não é a m elhor hora — as palavras m al saíram de sua boca quando Lucie virou-

se abruptam ente e abriu o refrigerador. Ele se desviou do cam inho dela com um solavanco

enquanto Lucie pegou o que precisava e voltou ao forno. — Achei que pudéssem os ter alguns

m inutos para conversar. — Sua intenção era m encionar o texto que escrevera e pedir a ela que

não o lesse até que tivessem a chance de estar j untos.

— Ah, Aren, era o que eu m ais queria agora, m as, com o você pode ver, estou literalm ente

com a m ão na m assa.

Por falar em m ãos, Aren foi obrigado a se encostar na pia e erguer os braços sobre a cabeça

quando Lucie passou voando por ele. Era evidente que isso não estava funcionando.

— Não podem os conversar no dom ingo? — ela perguntou.

— Ah... claro. — A resenha estava agendada para ser im pressa na edição de sábado.

— Ótim o.

— Peço desculpas por passar aqui sem ligar antes... Eu deveria ter tido m ais noção. Dom ingo,

então.

— Dom ingo — Lucie repetiu. — Daí poderei dar toda atenção a você.

— Certo. — Os om bros de Aren cederam de frustração e desânim o à m edida que ele foi

saindo da cozinha.

— Aren, espere um m inuto — Lucie gritou, interrom pendo-o.

Pouco antes de sair, Lucie cam inhou até ele, colocando-lhe as m ãos nos om bros e, em

seguida, pressionou os lábios delicadam ente contra os dele. Aren sentiu aquele beij o passar por

todo seu corpo até chegar aos pés, os nervos à flor da pele, e, quando ela recuou, a reação dele

foi apenas ficar em pé, olhando-a.

— Isso o prenderá até dom ingo? — ela perguntou com um sorriso atrevido.

Aren precisou pigarrear antes de conseguir falar:

— Deve m e prender.

— Que bom .

A sensação do beij o o acom panhou por todo o traj eto até Manhattan. Então, sua cabeça j á

tinha esvaziado e o som do celular lhe avisou que ele tinha um a m ensagem de texto. Mesm o sem

verificar, Aren sabia que era de Josie.

E aí?

Sem dúvida ela ficara esperando o dia todo para saber com o ele pretendia lidar com essa

situação difícil.

Escrevi meu texto e usei nele os comentários de Lucie. Ela reconhecerá quem eu sou assim que

pegar o jornal.

Ele precisou esperar apenas alguns segundos para a resposta da irm ã:

Sairá tudo bem. Você está com a consciência tranquila, aconteça o que acontecer?

Aren odiava esperar. Piorava ainda m ais as coisas.

Eu acho que sim.

Menos de dois segundos depois de enviar a m ensagem , ele recebeu a resposta.

Dedos cruzados.

Aren queria m encionar o artigo para Lucie, m as fora im possível qualquer tipo de conversa

enquanto ela estava cozinhando. Fizera seu m elhor, m as parecia que as forças da natureza

estavam contra ele.

Ele m andou à irm ã outra m ensagem de texto:

Jante comigo. Encontre-me em 15 minutos e eu explicarei tudo. A mãe de Lucie preparou uma

comida para viagem.

A resposta de Josie foi rápida:

É melhor que seja boa.

Aren sorriu e rapidam ente digitou:

O jantar ou a minha desculpa?

Ambos.



Capítulo 11

Sábado à tarde, Lucie pegou o celular e acessou sua lista de contatos. Então pressionou o nom e

e o núm ero de Aren. Após três toques, ele atendeu:

— Aren.

— O que você está fazendo? — ela perguntou.

— Lucie? — Ele soou tanto satisfeito quanto surpreso ao ouvi-la, o que aum entou a confiança

dela.

— Sim , sou eu.

— O que estou fazendo? Nada de m ais. Term inei agora de lavar as roupas e lim par m eu

apartam ento. Faço tudo que preciso antes para m e livrar do trabalho no fim de sem ana. Ainda

está de pé nosso encontro am anhã para o j antar, certo?

— Estou planej ando.

— Com o assim ?

— Você gostaria de trabalhar para o seu j antar?

— Ah, claro. No que você está pensando?

— Encontre-m e daqui a m eia hora — ela disse, dando-lhe o endereço.

— Você não está no restaurante?

— Agora não, m as irei para lá m ais tarde. Isso é especial.

— Especial. Quer m e dar um a dica?

— Não. É surpresa. Você m e fez passar m om entos tão m aravilhosos que pensei que deveria

retribuir o favor.

— Eu pensei que fosse com o j antar de dom ingo.

— Isso é algo... a m ais. Minha m ãe está com igo, então não se atrase.

Aren riu.

— Estou a cam inho.

Lucie desligou o telefone.

— Você falou com ele? — Wendy perguntou, am arrando o avental na cintura. A refeição

estava quase pronta para servir. Duzentas e cinquenta refeições para ser m ais exato. Rosbife,

purê de batatas com caldo de carne, vagem fresca, um pãozinho caseiro ainda aquecido do forno

e bolo de chocolate.

— Aren está a cam inho.

— Você disse a ele que hoj e é o sopão para os pobres?

Lucie fez o m elhor que pôde para esconder o sorriso.

— Acho que m e esqueci de m encionar isso. — Então retornou para a cozinha

do Exército da

Salvação e deu os toques finais no caldo de carne. Dentro de alguns m inutos, as portas seriam

abertas e os sem -teto invadiriam o refeitório. Após procurar bandej as e pratos, Wendy , Lucie e

Aren serviriam todos conform e eles fossem entrando na fila. Wendy serviria a carne e as

batatas, Aren ficaria encarregado dos vegetais e do caldo de carne e Lucie planej ara encerrar

com o pão e o bolo. As bebidas estavam no aparador, e os funcionários contratados iriam repor

café, chá, leite e água nos recipientes.

Há tanto tem po quanto Lucie conseguia se lem brar, ela e a m ãe eram voluntárias no abrigo

em dezem bro. Ela só teria tem po de servir o j antar antes de seguir correndo para cozinhar no

Encantos Divinos. O dia dela fora superatribulado desde cedo, com eçando com os assados e o

planej am ento do cardápio. A cabeça de Lucie estava um turbilhão com tudo que ainda tinha que

fazer quando Jazm ine telefonou para dizer que estava se sentindo m al, gripada. Isso significava

que Lucie e sua m ãe teriam um a baixa para servir o j antar. E foi assim que Lucie pensou na

m esm a hora em Aren.

— Vou term inar aqui — sua m ãe lhe disse. — Se você não explicasse o que

está se passando

aqui, Aren pensaria ter vindo para o endereço errado.

— Você acha que eu deveria ir para o lado de fora e esperá-lo?

— Sim , querida, senão ele ficará confuso.

Lucie sabia que a m ãe tinha razão. Pegando o casaco, ela enfrentou o vento frio do final de

tarde. O céu escuro era am eaça de m ais neve, m as ela não se im portava com isso. A neve

deixava a época de festividades ainda m ais alegre.

Enquanto cam inhava pela área, ela pensou nos hom ens e nas m ulheres que não tinham um

lugar quente para dorm ir. Bem , pelo m enos esta noite eles receberiam um a refeição quente e

nutritiva para lhes preencher o estôm ago.

Um táxi encostou do outro lado da rua e Aren desceu dele, com a testa franzida. Em seguida,

olhou para o pedaço de papel que trazia na m ão. A m ãe de Lucie tinha razão: ele estava confuso.

— Aren — Lucie cham ou, acenando com o braço sobre a cabeça a fim de cham ar a atenção

dele, enquanto apertava o casaco na altura do pescoço. Ela se adm irara de ele ter se m ostrado

tão disposto a vir m esm o sem saber de m ais detalhes.

A expressão no rosto de Aren relaxou quando ele a viu e, depois de olhar para os dois lados,

atravessou a rua correndo.

— O que é isso?

— Um abrigo para sem -teto. Minha m ãe e eu som os voluntárias e estam os sem um

funcionário. Pode nos aj udar?

— Eu adoraria... Mas podem os conversar depois que term inarm os?

Os om bros dela afundaram de decepção.

— Ah, Aren, não posso. Perdoe-m e. Tenho que sair correndo para o restaurante assim que

term inar.

Ele soltou o ar.

— Você leu o j ornal hoj e de m anhã?

— Não — ela adm itiu. Sim plesm ente não tivera tem po. Mas só poderia haver um a razão para

aquela pergunta. — O j ornal publicou um dos seus artigos? Você conseguiu um artigo nom inal?

Finalm ente! Ah, Aren, você deve estar tão contente. Vou pegar o j ornal assim que puder.

Ele hesitou um pouco ao responder:

— Na verdade, eu preferiria que você esperasse. Vam os conversar antes que você leia m eu

texto, com binado?

— O que há no j ornal? — Will perguntou, seguindo o casal para o abrigo.

— Eu não sei. — Shirley entrou com ele. Goodness e Mercy j á estavam do lado

de dentro.

Goodness perm anecia de pé nos fundos do recinto, com o j ornal aberto em um dos tam pos da

m esa.

— Ah, não — ela lam entou e, em seguida, bateu com a m ão sobre a boca. Os olhos dela

arregalaram -se enquanto lia a seção “Estilo de Vida”.

— O que foi? — Will quis saber, j untando-se a Goodness.

— É a resenha do Aren sobre o restaurante — Goodness explicou. — Aquela do restaurante

onde ele e Lucie j antaram na quinta-feira à noite, depois da peça.

— E...

— Minha nossa!

— O quê? O quê? — Mercy veio rapidam ente do outro lado do recinto. Ela tentou dar um a

olhada, m as, com Goodness, Shirley e Will pairando sobre o j ornal, não conseguia enxergar

nada.

— O que Aren fez? Levou um gravador no bolso?

— O que ele disse? — Mercy quis saber.

— Ele praticam ente citou cada com entário de Lucie sobre o j antar. Assim que ela com eçar a

ler a resenha, saberá que ele é o crítico gastronôm ico Eaton Well.

— E é por isso que ele quer conversar com ela antes que leia o j ornal. Santo

Deus! Por que ele

faria tal coisa?

— Não pergunte para m im .

Pairou um silêncio ensurdecedor. Isso era ainda pior que antes. Seria desastroso para o

relacionam ento que só estava com eçando.

— Então é nosso dever garantir que Lucie não leia o artigo.

— O que podem os fazer? — disse Shirley , com as asas se curvando. — Nós dem os nossa

palavra a Gabriel que não iríam os interferir no rom ance deles. Se o fizerm os, ele descobrirá na

m esm a hora.

Mercy não enxergava problem a nisso, visto que j á tinham cruzado a linha lim ítrofe na noite da

peça. Na verdade, ela estava surpresa de eles não terem sido convocados a agir até agora.

— Vocês não acham que estam os nos preocupando m uito agora... Depois do que aconteceu na

peça? — Mercy perguntou.

— Certo, certo, eu sei que todo m undo ainda está chateado com igo por causa daquele cam elo.

Adm ito que deixei as coisas saírem um pouco do controle, m as eu não fiz nada, repito, não fiz

nada para influenciar os sentim entos de Aren e Lucie um pelo outro.

— Eu tam bém não — Shirley os lem brou. — Tudo que eu fiz se resum iu ao

palco.

— É isso aí — disse Mercy , reconfortada pelo pensam ento. Em bora eles tivessem causado

um a espécie de sensação m undana, aquilo fora apenas um a diversão inocente. Sej a lá qual fosse

o m otivo, Gabriel não tinha m encionado o incidente, e por isso ela enum erava suas bênçãos. Suas

m uitas bênçãos.

— Ainda assim , devem os proceder com cautela — Shirley disse. — Não querem os passar dos

lim ites, m as precisam os m anter Lucie no escuro até que Aren tenha um a chance de se explicar.

— O que significa que ela não pode ler o artigo.

— Então estam os todos de acordo. Farem os o que for necessário para m anter o artigo longe

das m ãos de Lucie.

— Mas som ente o j ornal — disse Shirley . — Não nos envolverem os em nada além disso.

— Sim — cada um disse sucessivam ente.

— Isso dará a Aren um a chance de conversar com ela no dom ingo. Mas e se Lucie ficar

chateada com ele após a conversa? — Will perguntou.

— Daí ela continuará chateada.

— Mas e se...

— Não podem os nos envolver no acaso — Mercy explicou. — Lidarem os com

a reação dela

quando for a hora certa.

— Já que eu estraguei a hora certa — Will m urm urou, repreendendo-se severam ente.

Shirley pousou um a suave m ão no antebraço dele.

— Foi um erro de principiante. Não sej a tão duro consigo m esm o. Você deveria ter

testem unhado algum as das façanhas de Goodness e Mercy quando com eçaram a trabalhar

com o Em baixadoras da Oração.

— Todos nós com etem os erros — Mercy com plem entou. — Até m esm o Shirley .

— Ah, sim , eu j á com eti alguns erros — a antiga Anj o da Guarda adm itiu. — Mas, com a

aj uda dos m eus am igos, tudo term inou bem .

— Darem os um j eito nas coisas — Goodness assegurou a Will, e eles dariam . Com Deus não

havia acidentes.

— Muito obrigada por dar um a m ão — Lucie disse a Aren enquanto eles term inavam de

lim par a cozinha. Wendy lavou os pratos, Aren os secou e Lucie colocou tudo de volta no seu

devido lugar.

Os sem -teto tinham vindo e ido. Vários com entaram que aquele fora o m elhor j antar que j á provaram .

— Você faz isso sem pre? — Aren perguntou, im pressionado.

Lucie estava feliz, pois, na verdade, era ela quem se sentia tão bem após ser voluntária naquela

ação.

— Nossa fam ília faz esse trabalho desde que eu era criança. Meu pai tam bém costum ava

participar. Não seria Natal se não pudéssem os aj udar os outros. Meus pais faziam questão de nos

ensinar, a m im e a m eu irm ão, a retribuir.

— Deixam os você esgotado? — Wendy perguntou, j untando-se a eles.

Aren balançou a cabeça, negando.

— Não. Na verdade m e sinto ótim o. Eu deveria estar exausto, m as não estou.

— Tam bém m e sinto assim — Lucie afirm ou. Ver os rostos dos hom ens e das m ulheres que

apareceram na fila a tinha inspirado a fazer m ais, a ser m ais, a investir m ais dela própria nos

outros. Ela pensou na equipe de funcionários no restaurante e nos am igos com a estim a renovada.

Ela pensou em Aren tam bém , e no quanto gostava dele e com o era grata por tê-lo de volta em

sua vida.

— Lucie, é m elhor você ir agora, querida, senão se atrasará. Irei logo que term inar aqui.

A m ãe dela tinha razão. Im pulsivam ente, Lucie abraçou Aren. Autom aticam ente, os braços

dele a envolveram , e ele a segurou perto do corpo por um breve instante antes de, com

relutância, soltá-la.

— Obrigada outra vez — ela sussurrou no ouvido dele. — Serei sem pre grata por tê-lo

conhecido.

— Sem pre? — ele perguntou, contestando-a com o olhar.

A pergunta parecia estar dentro de outra. Um a que ela não com preendera bem .

— Sim — Lucie garantiu a ele. Se eles nunca m ais se vissem , ela não teria o que lam entar.

Em bora estivesse apenas com eçando a conhecê-lo, sentia um a forte ligação com Aren. O

relacionam ento era m uito prom issor, e a atração continuava forte e parecia aum entar a cada vez

que se encontravam .

Lucie olhou nos olhos dele e viu dúvida e arrependim ento. Ficou chocada, m as infelizm ente

não teve tem po de perguntar o m otivo.

Wendy trouxe o chapéu, o casaco e o cachecol da filha. O cachecol era um de seus prediletos,

principalm ente porque sua m ãe o havia costurado para ela no penúltim o Natal. O que o tornava

especial era o fato de sua m ãe ter se dedicado à costura com o válvula de escape para o

sofrim ento com a m orte do pai de Lucie. Essa foi a prim eira peça de roupa que Wendy

com pletara após a m orte do m arido.

— Eu a acom panharei até lá fora — Aren se ofereceu.

— Ah, por favor — Wendy com plem entou. — Às vezes é difícil arrum ar um táxi nesta parte

da cidade.

— Mãe, eu ficarei bem .

— Sim , você ficará, principalm ente se Aren a acom panhar. Agora, xô!

Balançando a cabeça, Lucie pegou as luvas e a bolsa antes de se j untar a Aren. Ela não era

boba. Sua m ãe encontrara um j eito de ela passar m ais tem po com Aren, e Lucie não reclam aria

disso. Afinal, ela via a oportunidade com bons olhos.

Anoitecera. As luzes da rua tinham acabado de ser acesas. Estivera tão ocupada com as

dem andas do restaurante, que Lucie sequer pudera apreciar a nova tem porada de festas. Tudo

parecia tão corrido. Sua m ãe j á decorara algum as coisas com enfeites natalinos, m as a árvore

ainda estava desm ontada, e ela ainda precisava com eçar a fazer as com pras.

— Eu queria ter m ais tem po para passar com você — ela disse a Aren enquanto eles

cam inhavam até o cruzam ento m ais próxim o.

— Relaxe, Lucie. Não se estresse com isso.

— Tem tantas coisas que eu quero saber sobre você.

Ele colocou um pé na rua e acenou para um táxi. O prim eiro passou rápido por eles, m as o

segundo parou.

Aren abriu a porta para ela e Lucie adentrou o carro.

— Vej o você am anhã — ele disse e, apoiando-se na j anela do carro, deu um rápido beij o

nela.

— Farei um j antar do qual você se lem brará por m uito tem po.

— Não se preocupe. O im portante é estar com você.

Lucie tinha a m esm a sensação. Eles passariam a noite inteira j untos, e essa certeza a deixava

com um a feliz ansiedade.

Aren fechou a porta e recuou. Ela acenou e, com o de costum e, colocou a m ão nos lábios e,

em seguida, na j anela.

Após Lucie dizer o endereço do Encantos Divinos ao taxista, o veículo partiu e ela se

acom odou. Foi só então que notou um exem plar da *Gazeta de Nova York* no assento ao lado.

Capítulo 12

Um a sensação im ediata de pânico tom ou conta de Mercy quando ela viu Lucie pegar a edição

de sábado da *Gazeta de Nova York* no táxi.

— Rápido — Goodness gritou, m exendo o dedo na direção de Lucie. — Pegue esse j ornal.

Lucie alcançou o j ornal, m as ele não se m ovia de lugar sim plesm ente porque Will estava

sentado sobre ele. Por m ais que ela o puxasse, o j ornal perm anecia no m esm o lugar.

— Isso não vai funcionar por m uito tem po — Shirley lam entou-se, igualm ente em pânico. —

Abaixe a j anela e se livre disso.

Mercy esticou-se e rapidam ente acionou a m anivela. Na m esm a hora, um a raj ada de ar frio

invadiu o táxi.

Lucie ofegou e esticou-se para subir o vidro da j anela.

— Ei, m oça, estam os em dezem bro. Levante essa droga de vidro antes que nós dois fiquem os

congelados.

— Estou tentando. A m anivela parece estar em perrada.

— Tente com m ais força.

Goodness esticou-se para pegar o j ornal e o fez esvoaçar dentro do táxi, o que não era pouca

coisa, um a vez que o veículo estava abarrotado com os quatro anj os apertados nos assentos da

frente e de trás, além do taxista e de Lucie.

— Se você atirar esse j ornal pela j anela e eu for responsabilizado por j ogar

lixo na rua, será

você que pagará a m ulta, m oça.

— Estou tentando pegá-lo — Lucie gritou de volta, m as, cada vez que o j ornal ficava ao seu

alcance, Goodness o afastava.

— Livre-se disso — Mercy a encoraj ou, fazendo o m elhor que podia para aj udar, m as apenas

causando m ais confusão.

— Eu não quero j ogar lixo na rua — Shirley gritou, enrolando o j ornal e colocando-o em baixo

do assoalho.

Lucie tentou pegá-lo novam ente, m as, antes que ela conseguisse agarrá-lo, Mercy segurou o

j ornal e gritou para sua am iga:

— Pelo am or de Deus, j ogue fora essa coisa. Podem os voltar e pegá-lo m ais tarde.

— Certo, certo.

E lá se foi o j ornal pela j anela, m as, por sorte, as páginas caíram sobre os pés de um policial.

Ele im ediatam ente subiu em sua m oto e com eçou a perseguição, com luzes acesas e a sirene tocando.

— Moça, o que eu disse pra você? — o taxista rosnou. — Você irá pagar a m ulta. Eu não tive

nada a ver com isso.

— Ah... Eu não j oguei o j ornal na rua, j uro. Ele voou para fora do táxi sozinho.

— Se essa é a sua versão, tudo bem , m as particularm ente acho que seria m elhor você inventar

algo um pouco m ais original.

O taxista desviou para o acostam ento e foi parando aos poucos no m eio-fio. O policial

estacionou a m oto bem atrás do táxi. Em seguida, desceu e cam inhou diretam ente até a lateral do

táxi. Com os pés firm es e separados e os dedões das m ãos enfiados no cós, o oficial esperou o

taxista abaixar o vidro da j anela. O m otorista acatou, m as com relutância.

— Olá, policial. Você precisa falar com a passageira.

Lucie suspirou em seu interior e abriu um sorriso am arelo para o patrulheiro.

— Feliz Natal, oficial.

Ele se inclinou na j anela do carro e olhou diretam ente para ela.

— Gostaria de se explicar?

— Ah... — Parecia que Lucie não encontrava as palavras.

O patrulheiro franziu a testa e sua expressão m udou.

— No estado de Nova York, j ogar lixo na rua im plica um a m ulta pesada. Atirar j ornal para

fora da j anela é um perigo à segurança. Aquele j ornal poderia ter tapado a visão de um

m otorista.

— Oficial... Eu poderia inventar um a história, m as o que estou lhe dizendo é a absoluta

verdade. Eu queria ler aquele j ornal, m as era com o se ele estivesse grudado no assento. Depois,

o vidro da j anela abaixou sem eu fazer nada. Ele estava levantado e, de repente, desceu e eu

nem estava perto daquele lado do táxi. Pensei que o m otorista deveria ter apertado o botão sem

querer, m as, quando olhei para o lado, percebi que a j anela não era autom ática. Daí ele

com eçou a gritar para eu subir o vidro, m as ele não se m exia. E enquanto eu estava tentando

fazer isso, o j ornal com eçou a girar em círculos dentro do veículo e, antes que eu conseguisse

agarrá-lo, ele voou pela j anela.

— Essa é a sua história?

— Sim — ela disse —, e cada palavra dela é verdadeira, eu j uro.

— E você espera que eu acredite que o vidro da j anela desceu sozinho?

— Eu j uro que não toquei nele. Ele desceu sozinho.

Ele voltou a olhar para ela e balançou a cabeça com o se a história fosse com pletam ente

absurda.

— Você acha honestam ente que eu j ogaria lixo na rua de propósito na sua frente? — Lucie

perguntou.

— Moça — o taxista dirigiu-se a ela. — É m elhor não discutir. Pegue a m ulta e vam os sair

daqui.

O oficial de polícia franziu ainda m ais a testa.

— Na verdade, eu estava querendo m uito ler aquele j ornal — Lucie continuou. — Um am igo

m eu escreveu um artigo nele.

O oficial olhou para o m otorista e, em seguida, de volta para Lucie.

— Bem , você tem sorte porque eu o recuperei. — E saiu e retornou à sua m oto.

— Ele pegou o j ornal e vai voltar com um a m ulta — o taxista disse a ela. — E a m ulta é sua,

m oça. Eu lhe avisei.

— E continua m e avisando — Lucie resm ungou.

O oficial retornou e entregou o j ornal a ela.

— Posso im plorar por com paixão? — Lucie perguntou, j untando as m ãos e olhando na direção

dele. — Foi um acidente bizarro. Tenho certeza de que isso nunca voltará a acontecer.

Ele hesitou e, em seguida, acenou com a cabeça.

— Certo, vou deixar passar desta vez. Mas trate de não causar m ais esse tipo de acidente

estranho.

— Farei o m eu m elhor.

— Será m ais fácil eu acreditar em você se subir aquele vidro — ele disse, balançando a

cabeça.

— Eu tentei antes, m as estava em perrado.

— Tente outra vez.

Naturalm ente, o vidro subiu sem o m enor esforço. Lucie suspirou de frustração.

— Eu sei que parece que m enti, m as falei a verdade. Palavra por palavra.

— Podem os ir agora? — o taxista perguntou.

— Vão e não pequem m ais — o oficial disse, olhando diretam ente para Lucie.

O taxista não precisou de nenhum estím ulo. Deu partida no carro e saiu acelerado, j ogando

Lucie para trás contra o assento acolchoado.

Mercy soltou o ar dos pulm ões e agarrou tanto Shirley quanto Goodness pelo braço.

— Vocês... sa-sabem quem ... quem era aquele? — ela gaguej ou.

— Sim — Will respondeu para todos. — Era um oficial da lei.

— Não, não era — disse Mercy , trem endo tanto que várias penas am eaçaram cair de suas

asas. — Era o Gabriel. Ele olhou diretam ente para m im .

— Gabriel? — Goodness levou a m ão sobre a boca. — Com o você sabe?

— “Vão e não pequem m ais”? Que patrulheiro de Nova York iria dizer algo do tipo?

— Ele sabe que nós estávam os causando problem as a Lucie.

— O j ornal, o j ornal — Will gritou. — Lucie está lendo o j ornal! — Com o era de se esperar,

Lucie tinha aberto a capa do j ornal e estava analisando o conteúdo à procura do nom e de Aren.

— Ah, não — Will resm ungou. — Depois de tudo que passam os...

Mercy o silenciou com um único olhar.

— Não se preocupe. É a edição de sexta-feira.

— De sexta? Você quer dizer que passam os por tudo aquilo por causa de um j ornal velho? —

Shirley afundou no assento ao lado de Lucie. — Estou velha dem ais para esse tipo de em oção —

continuou levando a m ão até o peito, na altura do coração.

— Não foi a edição de sexta-feira que voou pela j anela — disse Will rapidam ente. — Eu vi a

data antes de m e sentar e era definitivam ente a edição de sábado.

— Então aquele era m esm o Gabriel — Shirley sussurrou. — Eu não fazia ideia de que ele

intervinha em assuntos da Terra.

— Eu tam bém não... Nunca soube que ele tenha feito algo parecido antes — Mercy continuou

trêm ula. — Você sabe o que isso significa, não sabe? — ela perguntou aos colegas Em baixadores

da Oração.

— Hum ?

— Conte-nos.

— Significa que Gabriel tam bém não quer que Lucie leia aquele j ornal antes de Aren

conversar com ela. Ele está perm itindo, ainda que de m odo subentendido, que nós façam os o que

for necessário a fim de que isso não ocorra.

— Gabriel? — Goodness repetiu com o se estivesse chocada. — Você acredita m esm o nisso?

— Faz sentido, caso contrário ele teria nos puxado tão rapidam ente para fora da Terra que

nossas cabeças estariam girando até agora.

— E talvez ele ainda corte nossas asas — Goodness frisou.

— Minha nossa, m inha nossa! — Shirley gritou. — Ouçam , vocês três, prossigam sem m im —

ela pressionou a palm a da m ão contra a testa. — Eu não sei se consigo continuar suportando essa

pressão. Acho que devo ter torcido m inha asa batendo-a dentro deste táxi.

— Relaxe — disse Mercy , pegando na m ão da am iga e alisando-a delicadam ente. — Respire

fundo e você ficará bem em questão de m inutos.

— Posso fazer algum a coisa? — Will perguntou, dem onstrando preocupação.

— Não, não, tudo deve ficar bem daqui a algum as centenas de anos-luz — Shirley o

assegurou.

— Respire fundo — Goodness repetiu. — Respire bem fundo.

— Ah, j á m e sinto m elhor.

O táxi parou em frente ao Encantos Divinos, e Lucie pagou a corrida e desceu do veículo.

Então parou na calçada e olhou para a descida da rua. O olhar de Mercy seguiu o de Lucie e ela

ofegou, recuperando o fôlego.

— O que é isso? — Goodness quis saber.

— Tem um a banca de j ornal descendo a rua — Mercy explicou, atirando-se para fora do táxi.

Goodness e Will a seguiram .

— Não m e deixem aqui — Shirley im plorou e, de form a relutante, os seguiu.

Lucie desceu a rua cam inhando, viu o j ornal e abriu a bolsa, vasculhando em busca da carteira

para pegar o valor exato.

— E agora? — Will perguntou, percorrendo com os olhos de cada um a das am igas.

— Agora é m uito fácil — Mercy explicou. Ela se sentou num a pilha de j ornais e cruzou as

pernas, enquanto o proprietário da banca atendia outro cliente.

Lucie colocou o troco exato no balcão e tentou pegar o j ornal. Com o era de se esperar, ele não

saiu do lugar. Ela voltou a m over os j ornais, agora com m ais ím peto. Nada. O hom em na banca

estava atendendo dois j ovens que vinham aparentem ente causando problem as e a ignorou por

com pleto.

Mercy cruzou os braços e aparentou satisfação consigo m esm a.

Então, Lucie chutou os j ornais e Mercy caiu de cim a da pilha com o bum bum na calçada.

Felizm ente Will a substituiu de form a rápida.

Lucie ofegou e recuou dois passos, parecendo não entender bem o que tinha acabado de

acontecer. Em seguida, pegou a bolsa pela alça, colocou-a de volta no om bro e tentou outra vez.

Will segurou com firm eza.

Outro táxi encostou diante do restaurante e, após alguns instantes, Wendy saiu dele. Ela ficou

de pé ali e observou a filha tentando m ais um a vez pegar o j ornal, sem sucesso.

— Lucie? — Ela se virou e viu a m ãe em pé, do lado de fora do Encantos Divinos. — Pensei

que você chegaria aqui bem antes do que eu — sua m ãe disse, j untando-se a ela.

— Mãe, quero ler o artigo de Aren, m as só tive problem as até agora. Você m al acreditaria no

que vem acontecendo.

— Que droga! — Wendy olhou para o proprietário da banca.

— Se eu não soubesse das coisas, eu im aginaria estar perdendo a cabeça. E vi algo ultraj ante

acontecer no táxi tam bém .

— Venha, você pode m e contar sobre isso m ais tarde, m as agora precisam os voltar ao

restaurante. — Lucie hesitou, chutou a pilha de j ornais pela últim a vez e se j untou à m ãe. —

Tenho certeza de que encontrarem os um j ornal usado dentro do restaurante — Wendy estava

dizendo. — Você sabe com o as pessoas sem pre deixam esse tipo de coisa para

trás.

Lucie concordou.

— Sei que parece loucura, m as é com o se tudo estivesse conspirando contra m im .

Assim que elas viraram as costas, Shirley suspirou com intensidade.

— Foi por pouco.

Mercy , m al ouvindo a am iga, apontou para o j ovem aprendiz.

— Will, entre no restaurante e certifique-se de que não haj a nenhum a edição de sábado do

j ornal por lá.

— Entendido. — Ele partiu com o um foguete.

— Eu irei aj udar — Goodness insistiu e voou atrás dele.

— Shirley ? — Mercy perguntou. Sua am iga parecia pálida. — Você quer retornar ao céu?

Os olhos da antiga Anj o da Guarda arregalaram -se.

— E perder toda essa loucura? Acho que não.

Mercy sorriu para a am iga, que continuou:

— Além do m ais, não quero ter que encarar Gabriel sozinha.

Por isso Mercy não a culpava. As duas j untaram -se rapidam ente a Goodness e Will. Mercy

estava surpresa com a grande m ovim entação no restaurante ainda no com eço da noite. Lucie e a

m ãe deveriam agradecer por isso.

E ela tinha razão, pois Mercy ouviu Wendy dizer a Lucie alguns m inutos depois:

— Todas as m esas estão reservadas e tem os várias pessoas na lista de espera.

Lucie olhou por sobre seu local de trabalho. Catherine, que tinha frequentado a escola de

culinária com Lucie e Jazm ine e substituía Lucie em certas ocasiões e nos dias de folga dela,

sorriu.

— Essa resenha negativa deve ter feito m ais bem a você do que m al — com entou Catherine.

Lucie franziu a testa.

— Duvido.

— Todas as m esas, Lucie. Esse é o m aior elogio que um local pode receber.

— Sim , suponho que sim , e em bora a resenha possa não ter nos afetado, graças a nossos fiéis

fregueses, eu ainda não seria capaz de perdoar Eaton Well por aquela prim eira resenha.

— Lucie, você não é assim — Wendy disse, aparentando surpresa.

— Mãe, pense nisso. Não havia a m enor necessidade daquele sarcasm o. Eu j am ais desej aria a

com panhia de alguém que escrevesse algo tão sarcástico e cruel. Ele pareceu sentir prazer em

derrubar a *chef*, que no caso era eu.

— Você conhece esses críticos. Eles gostam de bancar os espertões.

— À custa dos outros. Bem , eu, por exem plo, não acho isso divertido. Eles m exem com a vida

das pessoas... Com tudo o que elas têm .

— Ah, Lucie, você precisa ser m ais com placente — sua m ãe a criticou.

— Não, não neste caso. Não serei.

Mercy ficou paralisada e olhou para os am igos.

— Vocês ouviram aquilo?

Os três assentiram com a cabeça.

— Tem os que planej ar algo — Goodness sussurrou.

— Sim , nós tem os — Will concordou.



Capítulo 13

O celular de Aren tocou quando ele se sentou, bastante cansado, em frente à televisão. Ao

olhar para o identificador de cham adas, ele viu que era sua irm ã, Josie.

— Está afim de um film e? — ela perguntou.

— Obrigado, m as não. Estou exausto.

— Só de lim par o apartam ento? — Josie brincou.

— Não, Lucie m e ligou e perguntou se eu poderia dar um a m ão a ela.

— Para fazer o quê?

— Se eu lhe contar, duvido que você acreditará.

— Experim ente — Josie disse, soando divertida.

— Servim os 250 refeições no abrigo dos sem -teto do Exército da Salvação.

— Você? — ela não fez o m enor esforço para disfarçar sua surpresa.

— Sim , eu, e não aparente estar tão chocada.

— Você nunca fez nada parecido antes.

Sua irm ã tinha razão: Aren j am ais se dedicara a algo do tipo. Ele j á tinha pensado a respeito,

m as não sabia bem com o se engaj ar no voluntariado. O m áxim o que fizera fora colocar alguns

dólares no balde verm elho na época de Natal. Esse era o lim ite de sua generosidade. Além disso,

Aren fazia doações rotineiras a um a série de causas dignas, porém nunca se envolvera

pessoalm ente com nada. Sua necessidade de retribuir satisfazia-se naquela barreira confortável

de um cheque colocado dentro de um envelope e j ogado dentro de um a caixa de correio.

— Aparentem ente, Lucie e a fam ília atuam com o voluntários no abrigo todos os anos.

— Sério? — Até m esm o Josie dem onstrou estar im pressionada. — E com o foi?

Aren apoiou os pés sobre o sofá. Inclinando-se para trás, fechou os olhos e um a enxurrada de

bons sentim entos passou sobre ele.

— A verdade é que, se Lucie tivesse m e contado por que ela precisava da m inha aj uda, eu

provavelm ente teria inventado um a desculpa para recusar. Eu m e sinto m al

com pessoas vivendo

nas ruas, m as m eu pensam ento só vai até aí.

— Sim , o m eu tam bém . É m eio pertubador, não é?

— Sim , com um problem a de tal dim ensão, o que um a pessoa pode fazer?

— É — Josie concordou.

— Bem , eu descobri. Consigo fazer m uita coisa. Consigo servir 250 pratos de caldo de carne e vagem . Consigo sorrir e desej ar um Feliz Natal a todos da fila. E, quando term ino de servir,

consigo ir até cada um e perguntar se precisa de algo a m ais para beber.

— Você fez tudo isso?

— Fiz, além de ter aj udado a encher o lava-louça e deixar tudo pronto para a próxim a

refeição. E, em bora estej a cansado, estou m e sentindo igualm ente bem .

— Uau, e você disse que Lucie faz isso todos os anos?

— É tradição fam iliar. Aparentem ente, eles se dedicam ao voluntariado durante vários dias

em dezem bro. Lucie e a m ãe cuidavam da com ida, e, com o se não fosse suficiente, Lucie teve

que correr para chegar a tem po no restaurante.

— Ela está trabalhando um turno inteiro depois de passar a tarde toda no abrigo?

— Parece que sim .

Josie hesitou.

— Ela é especial, não acha?

Aren não precisou pensar duas vezes. Após seu casam ento fracassado, ele vivia receoso

quando o assunto era relacionam ento. Já era ruim o bastante pensar que Katie tinha voltado com

o antigo am or, m as o que m ais o m agoava, além da decepção, era com o ele descobrira isso.

Aren tinha surpreendido Katie na cam a com o am ante... Na casa e na cam a que Aren dividia

com a esposa. A cena que se seguiu perm aneceria na m ente dele pelo resto de sua vida. Ele

pedira o divórcio, e Katie, na verdade, parecera grata pelo fim do casam ento.

O pior de tudo foram os desdobram entos psicológicos. Aren sentia-se com o alguém que levou

um tom bo feio de um lance de escadas e, a partir daí, sem pre se agarraria ao corrim ão,

independentem ente dos poucos degraus que houvesse.

— Eu sei que você gosta de Lucie — Josie continuou.

Ele não podia negar.

— Finalm ente conheci a m ulher que esperava encontrar. Lucie m e dá a esperança de que

posso voltar a m e apaixonar. Ela m e faz acreditar que posso confiar em outra m ulher.

Josie soltou a respiração com um profundo suspiro.

— Katie o m agoou m esm o, não foi?

— Pode-se dizer que sim .

— Mas, Aren, Lucie não sabe toda a verdade sobre você.

Esse era o único obstáculo em seu cam inho. Ele esperava esclarecer as coisas no dom ingo,

fosse antes ou depois do j antar.

— Ela logo saberá, e, se ela for m etade da m ulher que penso que é, então estará disposta a se

esquecer daquela resenha.

— Eu não sei o que deu errado na prim eira noite no restaurante — Josie com plem entou.

— Eu tam bém não. — Ainda assim , Aren não m udaria nada da resenha em relação ao prato

que lhe serviram . Em sua opinião, estava intragável.

— Já fui várias vezes ao restaurante depois daquela vez — Josie continuou. — E a com ida está sem pre incrível. Não consigo entender o que aconteceu naquela noite.

— Eu tam bém não, e concordo com você. Lucie é extraordinariam ente talentosa na cozinha.

— Ela não leu a coluna de Eaton Well no j ornal de hoj e, leu?

— Não, graças a Deus.

— O que aconteceu? Pensei que sua resenha estava program ada para o próxim o sábado.

— Eu tam bém pensei. Ao que parece, Sandy Markus decidiu publicá-la esta sem ana após o

artigo que escrevi sobre o que aconteceu no *Anjos no Natal*. Faz sentido, um a vez que eu acabei m encionando que fom os àquele restaurante assim que acabou a peça.

— Ela devia tê-lo alertado.

— Ela? Contar para m im ? — Aren riu. — Sandy tem um j ornal para publicar e o que acontece

com igo quando um dos m eus textos é im presso não significa nada para ela. Na cabeça dela, eu

deveria agradecer pelo m eu em prego. E eu sou grato por ele. Essa oportunidade tem sido

m aravilhosa.

Josie hesitou por um instante e, em seguida, perguntou:

— Tem certeza de que não vou conseguir convencê-lo a assistir a um film e?

— Hoj e à noite não, m ana.

— Certo, bem , acho que vou sozinha ao cinem a, então.

Josie parecia de fato um pouco chateada. Nos últim os dias, ela raram ente m encionava Jack,

m as Aren sabia que a lem brança do fim do relacionam ento perm anecia recente na cabeça da

irm ã, em bora tivesse ocorrido há m ais de um ano.

— Que tal cham ar um de seus am igos?

— É dezem bro. Eles estão todos ocupados fazendo com pras e passando tem po com a fam ília.

Esta é a vida de um a m ulher solteira.

— Você teve algum a notícia de Jack? — Aren arriscou. Sua pergunta foi seguida por um breve

e constrangedor silêncio.

— Nunca m ais — ela respondeu sem entrar em detalhes.

Então Josie rapidam ente m udou de assunto. Ela não parecia interessada em voltar a nam orar.

Vendo com o a irm ã estava sensível em relação a Jack, Aren arrependeu-se de trazer o assunto à

tona.

Eles encerraram a conversa e, um tem po m ais tarde, Aren aqueceu um a tigela de sopa

enlatada e preparou um sanduíche de pasta de am endoim com geleia. Não conseguia deixar de

pensar em Lucie e no quanto ela deveria estar cansada. Então resolveu ligar para ela na m anhã

seguinte e convidá-la para j antar fora em vez de fazê-la cozinhar. Ela precisava de um descanso.

Desse m odo, esperava que os dois tivessem um pouco de privacidade para discutir sobre o artigo

e sobre a função de Aren no j ornal.

Eram m ais de 23h, e Aren assistia à TV quando a cam painha tocou. Seu prim eiro pensam ento

foi de que poderia ser Lucie, m as, após checar o olho m ágico, viu que não era ela.

Ao abrir a porta, ele se deparou com Josie em pé, pálida e obviam ente chateada.

— Ei, e aí?

Ela ignorou a pergunta dele.

— Tem um m inuto para m im ?

— É claro. — Ele acom panhou a irm ã para dentro de casa e fechou a porta atrás de am bos.

Josie afundou no sofá e, em seguida, sentou-se bem na beirada da alm ofada. Pegando um

lenço dobrado, ela focou a atenção em rasgá-lo em pedacinhos.

— Deve ter sido um baita film e — ele disse, tentando ser côm ico.

— Eu... Eu não fui.

— Por que não?

Em vez de responder, ela vasculhou dentro da bolsa à procura de um lenço novo e o passou no

canto de cada olho antes de assoar o nariz. Então sentou-se com o corpo ereto e, em seguida,

endireitou os om bros.

— Adivinhe quem eu acabei encontrando? — perguntou, com um tom irreverente.

— Acho que não foi o Papai Noel e seus duendes.

Os olhos dela quase fecharam quando olhou fixam ente para o irm ão.

— Não. Encontrei Jack. Felizm ente, acho que ele não m e viu.

— Que Jack?

— Não tem graça, Aren. Não é hora para brincadeiras. Não está vendo que estou chateada?

— Tudo bem , tudo bem , desculpe. Então você viu Jack.

— Ele não estava sozinho — explicou. A essa altura, a coluna dela deveria estar tão rígida

quanto o cabo de um a vassoura. O orgulho, ao que parecia, era ótim o para um a postura

adequada.

— Jack estava com outra m ulher? — Ah, a situação não deve ter sido fácil.

Josie acenou com a cabeça e, soltando os om bros, pegou um lenço novo.

— Jack e a m ulher riam e brincavam um com o outro, curtindo à beça. E lá estava eu,

com pletam ente sozinha, num a fila para conseguir um ingresso para o cinem a.

— Ah, Josie, sinto m uito. — Aren arrependeu-se de não ter ido com ela, pelo m enos para lhe

dar um apoio m oral.

— Me sinto um a perdedora total.

Aren sentou-se ao lado da irm ã e apertou-lhe delicadam ente o braço.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Talvez não sej a, m as foi assim que m e senti. Aqui estou eu, solitária e infeliz, enquanto

Jack...

— Jack seguiu com a vida dele — Aren com pletou.

Josie fez o m ínim o esforço para sorrir.

— Grande coisa.

— Ela era bonita?

Sua irm ã o encarou com um olhar que seria capaz de derreter criptonita.

— O que você acha?

— Incrivelm ente m aravilhosa — ele m urm urou. Aren conhecia esse sentim ento. O am ante de

Katie era fisiculturista, tão cheio de m úsculos que — por falar em criptonita — até o Super-

Hom em sentiria invej a. Os m úsculos m ais fortes do corpo de Aren localizavam -se em seus

dedos, de tanto digitar e escrever. Com parado ao hom em pelo qual Katie o trocara, Aren sentia-

se com o um fracote de aproxim adam ente 45 quilos.

— Lam ento por você, m ana — ele se solidarizou com ela. — Você quer algum a coisa?

Josie ergueu a cabeça.

— O que você tem aí?

Infelizm ente, Aren nunca fora de beber m uito, por isso não costum ava ter bebida alcóolica no

apartam ento.

— Cervej a, acho. Se eu tivesse chocolate, ofereceria.

— Eu não sei, Aren. Do j eito que estou m e sentindo agora, não há cookies de chocolate no

m undo que m e aj udem a superar isso.

— Então você ainda o am a? — Na verdade, a resposta era bem óbvia, pelo m enos para ele.

Pelo m odo com o ela hesitou, Aren pôde notar que ela ainda nutria intensos sentim entos por

Jack, em bora relutasse em adm itir.

— Acho que sim . Pensei que conseguiria tirá-lo da m inha cabeça, m as m e enganei.

— Você j á pensou em entrar em contato com ele? — Aquilo parecia um a solução óbvia para

Aren.

Josie olhou fixam ente para as próprias m ãos e para os lenços am assados.

— Na verdade, eu quase fiz isso esta noite... Bem antes de ligar para você. Seria m uito

engraçado, não é? Jack teria se divertido com isso, agora que ele está nam orando a Miss

Universo.

— Pare. Você não é de se j ogar fora, Josie. É inteligente e atraente, bem - educada e...

— É claro — ela zom bou — que você diria isso, j á que saím os do m esm o fundo genético.

Aren riu.

— Estou falando sério. Em m inha opinião, você tem duas escolhas: pode tentar consertar as

coisas com Jack ou seguir em frente com sua vida. A escolha é sua.

— Bem , é certo que eu não vou correr atrás de Jack. Isso é certeza.

— Então você não o am a. Na verdade, sim plesm ente não desej a que ele encontre outra

pessoa. Quer que ele desej e você pelo resto da vida dele.

O olhar dela encontrou-se com o dele e, por um segundo, Josie aparentou estar chocada com o

com entário de Aren.

— Nada disso. Eu m e im porto com ele.

— Não, você não se im porta, principalm ente se estiver disposta a desistir.

— Ele encontrou outra pessoa — Josie argum entou.

— Você não tem certeza disso — ele contra-argum entou com a m esm a rapidez. — E se ele

encontrou m esm o, e daí? Você tam bém se im porta.

— E daí? Claram ente você não entende a situação. Eu vi Jack com outra m ulher e posso lhe

garantir um a coisa: ele não estava pensando em m im com o eu vinha pensando nele.

Aren concluiu que os dois poderiam discutir sobre esse assunto a noite inteira e não chegariam

a um consenso.

— Apenas quero dizer, m ana, que, se você ainda tem sentim entos tão fortes, dem onstre-os a

Jack. Se você não os tem , então deixe pra lá. Faça o que estiver ao seu alcance para aprender

com a experiência e seguir adiante.

Josie refletiu e balançou a cabeça com o se aparentasse levar em consideração o conselho

dele. Após alguns instantes, ela sussurrou:

— Sou m uito orgulhosa para tentar falar com Jack... E, no final das contas, acabarei

conhecendo outra pessoa tam bém .

Aren com preendia a questão do orgulho m uito bem .

— Sim , você conhecerá — ele disse com o tom m ais tranquilizador que conseguiu, e esperava

que isso fosse verdade.

— Você ouviu isso? — Will perguntou a Goodness. Os dois tinham deixado Mercy e Shirley

com Lucie e a m ãe. As am igas perm aneceram atentas a Lucie para m antê-la longe da coluna de

Eaton Well. Will e Goodness foram verificar o que se passava com Aren. — Tem os que aj udar a

coitada da Josie — Will disse, sentindo-se péssim o com o rom ance fracassado dela.

— Não podem os. Estam os estritam ente proibidos.

— Mas ela está apaixonada, infeliz e m agoada. Não é esta tam bém nossa m issão: confortar

aqueles que sofrem ?

— Som os Em baixadores da Oração, Will. Alguém tem que orar por ela prim eiro.

— Ela não pode orar?

— É claro, m as aparentem ente não está orando.

— Por que não?

Goodness encolheu os om bros.

— É engraçado. Alguns hum anos são guerreiros da oração e há outros que só oram quando

estão desesperados ou precisando m uito de intervenção divina. Só assim eles

gritam

insistentem ente para Deus em busca de aj uda.

— Nós respondem os a esses oradores desvairados? — Will quis saber.

— Fazem os o que podem os em curto prazo.

Will observou enquanto Josie abotoava o casaco e saía na fria noite. A sensação festiva dos feriados estava por todo lado, m as a irm ã de Aren não parecia notá-la. Ela continuava de cabeça

baixa e os om bros arqueados para a frente contra o frio e o vento.

Na esquina, ela parou em um sem áforo verm elho, colocou a m ão dentro da bolsa e puxou o

celular. Por um longo tem po, m anteve-se olhando o aparelho. Depois, olhou para o relógio,

suspirou e o j ogou de volta dentro da bolsa.

— Você acha que ela ia ligar para Jack? — Will perguntou.

— Não sei. Acho m elhor voltarm os e nos inform arm os sobre Aren.

Will olhou por sobre o om bro.

— Posso seguir Josie para garantir que ela chegará bem em casa?

Goodness m ordeu o lábio inferior.

— Tudo bem , m as não deixe Mercy ou Shirley saberem que eu perm iti que você fosse.

— Certo.

— Ah, Will?

— Sim ?

Goodness bateu de leve com os pés de m aneira im paciente.

— Você tem que ser m enos sensível quando for lidar com hum anos. Deus lhes concedeu o

livre-arbítrio. Se nos envolverm os na vida deles, pode dar confusão.

— Mas Deus os am a.

— Ele am a m uito. Ele sofre quando eles fazem escolhas erradas, m as Ele está determ inado a

deixar cada um dos hum anos tom ar sua própria decisão.

— Incluindo Josie.

— Incluindo Josie — Goodness repetiu.

— E Aren e Lucie.

— Exatam ente — a Goodness, só lhe restava ter esperanças de que tudo saísse bem para o

j ornalista e a *chef* de cozinha.

Capítulo 14

— Você deve estar exausta — a m ãe de Lucie a seguiu em direção ao quarto após seu turno

no restaurante.

— Você tam bém , m ãe. —Wendy tinha trabalhado quase a m esm a quantidade de horas que

Lucie, apesar de seu estado clínico. Felizm ente, Aren pôde aj udá-las a servir os sem -teto m ais

cedo naquele dia. Ele fora m aravilhoso, realm ente m aravilhoso. Fizera questão de não deixar

nenhum a delas carregar peso e levou para lá e para cá todos os potes pesados e os pratos. Aren

com eçara a trabalhar com afinco desde que chegara, dando-lhes m ais do que um a m ão.

Foi bem m ais do que a disposição dele em servir que tocou o coração de Wendy . Aren havia

sido m aravilhoso com os hom ens e as m ulheres, conversando com eles, fazendo-os se sentir

acolhidos, sem pre lhes perguntando algo, puxando assunto. Ele se dispusera a ouvir quando tantos

outros viraram a cara, e tam bém fora ótim o com as crianças.

— Estou cansada, m as não fui eu quem ficou escravizando-se sobre um forno quente a noite

toda.

— Mãe, eu am o o que faço.

Sua m ãe a abraçou e depois seguiu para o próprio quarto. Sam m y perm aneceu pacientem ente

ao lado de Lucie, esperando-a, disposto a segui-la aonde quer que fosse.

Lucie tom ou um banho dem orado e se vestiu a fim de ir para a cam a. Dom ingo à tarde ela

prepararia o j antar para Aren, e j á planej ara um a refeição de que ele se lem braria por m uito

tem po. Anos atrás, sua m ãe lhe dissera que o cam inho para o coração de um hom em era o

estôm ago. Ela queria o coração de Aren. Apesar de todas as exigências de sua vida, da

responsabilidade de fazer do restaurante um sucesso, Lucie não conseguiu deixar de se apaixonar

por Aren. Ele era fácil de am ar. A cabeça e o coração dela estavam cheios quando adorm eceu.

Seus sonhos naquela noite foram dom inados por Aren. Lucie despertou com o cheiro de café

fresco.

— Bom dia, querida — Wendy disse quando Lucie chegou cam baleando à cozinha,

esfregando os olhos de sono.

Autom aticam ente, sua m ãe despej ou café na xícara.

— Tem os um a hora antes da igrej a agora pela m anhã. O Advento é a m inha época favorita do

ano. Am o cantar as m úsicas natalinas.

— Eu tam bém . — Com tanta coisa a fazer em seu dia de folga, Lucie estava tentada a não ir

ao culto de adoração. Seria fácil dar um a desculpa para sua m ãe. Mas ela não deu, e ficou

contente porque o culto foi inspirador.

Se a ela faltava o espírito natalino, trabalhar com os sem -teto no Exército da Salvação e frequentar a igrej a davam -lhe m ais do que precisava.

Depois da igrej a, Lucie e Wendy arrastavam a decoração da árvore de Natal do depósito no

porão do apartam ento. Ela esperava que Aren não se im portasse em aj udá-la a

m ontar a árvore

m ais tarde. Seria divertido e rom ântico.

Antes que Lucie se dirigisse até o porão pela últim a vez, para trazer o últim o carregam ento de

decorações, Wendy anunciou que tinha planos para a tarde. Ela sairia às com pras com um a

am iga e talvez fossem assistir a um film e depois. Lucie não era boba. A m ãe dava-lhe um

presente: passar m ais tem po sozinha com Aren.

Subindo as escadas, Lucie deparou com a vizinha.

— Feliz Natal, sra. Sullivan — ela disse, toda anim ada. Estava m uito bem - hum orada, invadida

por um a feliz ansiedade por sua tarde com Aren.

— Feliz Natal, Lucie! — Sua vizinha m ais velha arrastava um a caixa de lixo até o contêiner de

lixo reciclável.

— Ah, esse é o j ornal de sábado? — ela perguntou, olhando a data no j ornal sobre a caixa.

— É, sim .

— Você se im portaria se eu o lesse?

— Im agine, por favor.

Lucie apanhou o j ornal e o colocou sob o braço enquanto subia correndo os degraus, ansiosa

para procurar o nom e de Aren. Ele pedira para que ela esperasse para ler, o que parecia certa

tolice. Era a prim eira vez que teria um artigo assinado, e ela estava orgulhosa.

— Consegui pegar o j ornal de sábado — Lucie gritou assim que voltou ao apartam ento. Após

descer com a últim a caixa de ornam entos, ela puxou um a cadeira e espalhou o j ornal sobre a

m esa. Mas, depois de passar por cada seção duas vezes, ainda não conseguira encontrar o nom e

de Aren em nenhum lugar.

— Não está aqui — ela disse, com as palavras envoltas por decepção. — Pelo m enos não da

form a que eu esperava.

— Com o assim ? — sua m ãe quis saber.

— Bem , Aren com entou que escreveu um pequeno texto sobre a peça que vim os e o que

aconteceu, m as não há nenhum texto assinado por ele, apenas um a nota para conferir a resenha

do restaurante, só que ela não faz o m enor sentido.

— Você leu a resenha do restaurante? — a voz de Wendy soou tão decepcionada quanto

Lucie.

— Não — adm itiu.

— Ele escreve na seção de esportes? — sua m ãe questionou, com o se Lucie estivesse

procurando na seção errada.

— Não... Na verdade, ele nunca m encionou sobre o que escreve. — Agora que

ela pensou a

respeito disso, constatou que Aren sem pre fora bem reservado quanto à sua função no j ornal.

— Bem , confira a resenha do restaurante —Wendy sugeriu.

De qualquer form a, Lucie estava confusa.

— Ele não deve ter nada a ver com ela. A resenha é assinada por Eaton Well.

— Então não a leia — disse sua m ãe, balançando a cabeça. — Toda vez que você olha a

coluna dele fica chateada.

— Com razão. O hom em é um idiota.

— Lucie, você não deveria dizer isso.

— Não consigo m e controlar, m ãe. Eaton Well quase nos arruinou. Ah, e olhe só — ela disse,

apontando para a coluna. — Com o é de se esperar, ele está escrevendo sobre o m esm o

restaurante onde Aren e eu j antam os na últim a quinta-feira. — Então, pegou o j ornal e passou o

olho sobre o artigo. Com m enos de cinco centím etros de texto, os dedos de Lucie j á

pressionavam as bordas do j ornal.

— Lucie, eu falei para você não ler a resenha. Toda vez você fica chateada.

Ela engoliu em seco, fechou os olhos e colocou o j ornal de volta sobre a m esa. Lentam ente,

levantou-se e sentiu um nó se form ar em sua garganta.

— Outra resenha negativa? — a m ãe perguntou.

— Foi norm al — ela respondeu, com a voz falhando levem ente à m edida que com eçava a

perceber a verdade: Aren era Eaton Well. Por esse m otivo ele queria que ela lesse o j ornal

apenas depois de conversarem . Ele pretendia contar-lhe que era o responsável por aquela

resenha horrível sobre o Encantos Divinos. Na época, Aren não sabia que ela era a *chef* que lhe preparara a refeição. O linguado era um dos pratos assinados por ela, aquele do qual Lucie m ais

se orgulhava de ter acrescentado ao cardápio. E ele criticara o prato com um a linguagem tão

rude que a ferroada perdurava na m ente dela até aquele m om ento, depois de todas essas

sem anas.

— Lucie, está tudo bem com você? — Wendy lhe perguntou.

— Sim , m ãe — ela estava em pé, em bora não soubesse o que pretendia fazer ou aonde

pensava ir. Era com o se o côm odo repentinam ente encolhesse, com o se as paredes estivessem se

aproxim ando dela. Lucie não tinha onde se esconder, nem para onde correr.

— A que horas Aren estará aqui? — a m ãe perguntou.

— Ah... Não m e recordo. — A cabeça de Lucie com eçou a girar. Aren logo chegaria ao

apartam ento. Seria im possível olhar para ele, sabendo o que ela sabia.

— Daqui a um a hora a Janice passará para m e pegar. Você tem certeza de que

não quer

aj uda para decorar a árvore?

A árvore. Lucie tinha se esquecido com pletam ente de que tinha concordado em decorar a

árvore de Natal. Um a tarefa pela qual ansiava realizar na com panhia de Aren. Agora, seria

im possível.

— Eu m onto a árvore, m ãe, não se preocupe.

— Se Aren tiver outra ideia, não se incom ode, está bem ?

— Claro. — Ela cam inhou até um a ponta da cozinha e voltou, perdida em um a névoa que se

recusava a dissipar. Lucie precisava pensar, o que estaria fora de cogitação se Aren estivesse

com ela.

Aren. Aren era Eaton Well.

Não foi fácil para Lucie dissim ular sobre algo que ela deveria ter descoberto há m uito tem po.

— Lucie, você está bem ? Está tão pálida. Tem certeza de que está se sentindo bem ? Eu posso

ficar em casa, caso você queira.

— Não... Estou bem . Vá e divirta-se... Aproveite o dia.

— Eu vou. — Sua m ãe zuniu, e correu para um lado e para outro, organizando as pilhas de

coisas sobre a bancada da cozinha e preenchendo alguns cartões de Natal enquanto esperava a

am iga chegar.

Lucie aguardou o m om ento propício até sua m ãe sair. Então, chegando a um a decisão, pegou

o telefone. O m ais im portante naquele m om ento era encontrar um a desculpa para m anter Aren

longe dali. Ela precisava pensar, absorver a verdade, descobrir o que fazer.

Aren atendeu ao telefone após o prim eiro toque, e, ao ver que era Lucie, ele disse:

— Olá. Estou quase saindo de casa.

— Que bom que encontrei você, então — Lucie esforçou-se ao m áxim o para parecer que não

havia nada de errado.

— O que foi?

Em um instante, ela teve um a ideia do que fazer.

— Eu andei pensando m elhor...

Algo na voz dela deve ter traído seus sentim entos, pois Aren em udeceu de um a hora para

outra. Lucie podia até ouvir o barulho de fundo: o som de um elevador abrindo as portas; o som

apressado das portas se fechando e, em seguida, nada.

— Pensando em quê? — ele perguntou, soando tenso e indeciso, com o se a testasse.

— Em nós. Quando nos conhecem os, há m eses e m eses, eu lhe disse que m inha vida era m uito

corrida com o restaurante e tudo m ais. A época para eu m e envolver com

alguém não poderia

ser pior. E agora percebo que nada m udou desde então.

— Em outras palavras, você quer dar um tem po.

— Sim .

Ele silenciou por um longo tem po e, em seguida, com um a voz calm a, perguntou:

— Você viu o artigo, não é?

— Sim . — Ela não iria m entir para ele.

— E agora você m e odeia?

— Não. — Lucie nunca conseguiria odiar Aren. — Eu... eu preciso dar um passo para trás e

reavaliar nosso relacionam ento. Você não é a pessoa que pensei que fosse.

— Você está enganada, Lucie.

— Você foi cruel e m aldoso na resenha que escreveu sobre o Encantos Divinos. Eaton Well

não é um a pessoa bondosa... Ele acha que está sendo esperto e não está. Usa as palavras para

derrubar as pessoas... O que você escreveu sobre o Encantos Divinos foi inj ustificável e...

— Eu fui honesto — ele disse, interrom pendo o discurso dela.

— Minha com ida é tão ruim assim ? Você está m e dizendo que o esforço e o investim ento que

eu e m inha m ãe fizem os no restaurante foi um a perda de tem po e que m erecem os fracassar?

— Eu não escrevi nada sequer parecido com isso.

— Quem m e dera não tivesse escrito. — Ele não respondeu, o que foi m elhor. Discutir não

levaria a lugar algum . — Você não respondeu a m inha pergunta — ela continuou. — Agora m e

conte e sej a verdadeiro. O linguado estava tão ruim assim ?

Novam ente, Aren hesitou com o se estivesse procurando um cam inho ao redor da verdade, a

sua verdade.

— Todo m undo tem um dia ruim de vez em quando.

— Tão ruim assim ? — ela repetiu, m ais alto desta vez, de form a m ais insistente.

Lucie sentiu o coração pulsar antes de ele responder:

— Sim , estava.

— Certo — ela quase engasgou. — Isso j á m e diz tudo.

— Lucie, você está sendo exagerada e inj usta.

— Estou sendo inj usta? Bem , olha quem fala!

— Certo, tudo bem , se você não quer m ais m e ver...

— Você deveria ter m e contado quem você realm ente é há m uito tem po — ela argum entou.

— Eu não podia. Meu contrato não m e perm ite lhe contar abertam ente, então fiz o m elhor que

pude. Fui o m ais honesto possível. Eu lhe contei por m eio da única form a que podia, citando seus

com entários na m inha coluna. Eu sabia que, assim que você com eçasse a ler m inha resenha,

perceberia. Você não pode m e culpar por ter enganado você.

Aren tinha razão, e, em bora quisesse discutir com ele, Lucie não conseguia. Mas isso não

m udava o fato de que ele era o hom em que estivera disposto a arruinar o investim ento dela e da

m ãe dela. E não conseguia ignorar tal acontecim ento.

— Eu com preendo que você fez o seu m elhor para não m e enganar... — ela com eçou, e sabia

que, com o ele fora enganado pela esposa, não m entir lhe era fundam ental. Entretanto, isso não

alterava o fato de ele ser quem ele era.

— Mas... — ele disse, antecipando-se a ela.

— Mas não está dando certo, Aren. Não está dando certo.

— Eu não acredito em você.

— Com o? — ela se enfureceu, ainda que Lucie não tivesse expectativas de que seria fácil lidar

com isso. O que ela achou difícil foi o m odo com o ele a desafiou. Ela até previu que Aren

reagiria com orgulho inflam ado e defenderia suas atitudes. Em vez disso, ele dem onstrou

sensatez e serenidade, dificultando ao m áxim o o que precisava ser feito.

— Você m e ouviu m uito bem . Nosso relacionam ento está dando certo e isso a am edronta.

Você confiava em m im , m as, quando fiz um a obj eção à sua com ida, não soube aceitar a crítica.

— Você está tão errado que perde até a graça. — Não era um a questão de orgulho. O

problem a era que ela estava se apaixonando por Aren, o que tornava tudo m ais difícil. Lucie

sentia que o hom em em quem ela não podia confiar cham ava-se Eaton Well, e descobrir que os

dois eram a m esm a pessoa a obrigava a repensar o relacionam ento deles.

— Eu duvido que estej a tão errado assim — ele replicou, soando com pletam ente sereno. —

Você está com m edo.

— Certo, confesso. Estou com m edo.

Ele se deteve com o se não esperasse que ela fosse adm itir os próprios m edos.

— O que você está realm ente dizendo, Lucie? Quer dar um tem po ou acabar com nosso

relacionam ento de vez?

— Eu... Eu acho que seria m elhor se não nos víssem os m ais.

— Nunca m ais?

Lucie fechou os olhos e segurou o celular com ainda m ais força. O aparelho j á estava tão

pressionado contra a orelha que chegou até a m arcá-la.

— Eu... Eu não sei. — Aquele m om ento não era adequado para tom ar esse tipo de decisão.

— Mas m e deixar nessa situação parece m uito inj usto, não acha?

— Sim — ela teve que concordar.

— Então decida. Se você quiser dar um tem po, então dam os um tem po. Podem os voltar a nos

encontrar daqui a um m ês ou dois.

— Eu... preciso de m ais tem po.

— Três m eses?

— Não sei — ela fechou os olhos.

Aren riu levem ente, m as sem hum or.

— Acho que entendi a m ensagem . Você quer que eu desapareça com pletam ente da sua vida,

m as não tem coragem para dizer isso.

Lucie não sabia se era verdade ou não.

— Eu... Eu não sei o que dizer. Preciso de um tem po.

— Então use todo o tem po de que precisar. Mas não m udo de opinião em relação a m inha

resenha. Não sei o que aconteceu naquela noite com o linguado, m as, para, m im , ele j am ais

poderia ter sido servido. Você teve m ais de 300 clientes que discordaram com pletam ente de

m im , e eu tive a oportunidade de j antar pela segunda vez no Encantos Divinos, e não m e

arrependi, pois a com ida estava m aravilhosa. Fiz um a resenha elogiando. Dei a você outra

chance.

— Eu sei — ela sussurrou, sentindo-se péssim a. Ele realm ente escrevera um a resenha positiva,

m as só depois de descobrir que ela era a *chef*.

— É um a pena você não estar disposta a fazer o m esm o por m im .

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Aren sussurrou:

— Até logo, Lucie. — E desligou.

— Com o Lucie conseguiu pegar aquele j ornal? — Mercy lam entou, observando os

acontecim entos se desdobrarem do horizonte do Brookly n, acim a do apartam ento de Lucie. —

Quem estava encarregado de observá-la?

Will ergueu a m ão com relutância.

— Ela estava no porão. Eu não cheguei nem a ver quem lhe deu o j ornal. Lam ento

profundam ente. E agora tudo está arruinado e m ais um a vez é culpa m inha.

Gabriel surgiu diante deles, chegando inesperadam ente e sem fazer m uito alarde.

— Então, com o este rom ance entre Lucie e Aren está se desenvolvendo? — ele perguntou,

em bora Mercy tivesse um a forte suspeita de que ele j á sabia a resposta.

Ninguém parecia disposto a responder.

— Ela acabou de dizer a Aren que não quer m ais vê-lo — Shirley m urm urou. — E é tudo

culpa nossa.

— Nós sabotam os o m olho do peixe que ela preparou e isso estragou os planos de Deus — Will

adm itiu.

— Esse é o problem a — disse Gabriel, cruzando os braços sobre o m aciço peito. — E um

problem a dos grandes. Existe um m otivo m uito bom pelo qual os Em baixadores da Oração são

requisitados a não se envolver nos assuntos da Terra. E quando vocês se envolvem , as coisas

saem do controle.

— Saem m esm o do controle — Shirley concordou. — E eu sou a culpada.

— Eu tam bém tenho culpa — Goodness confessou.

— Todos nós som os culpados — Mercy concordou, e o pior de tudo é que elas tinham levado o

j ovem Will pelo cam inho errado tam bém .

— Podem os consertar essa situação? — Will perguntou avidam ente.

Gabriel olhou para cada um deles.

— Acho que talvez sej a m elhor largar esse caso e deixar que Lucie e Aren o resolvam

sozinhos — ele sugeriu.

— Mas eles conseguirão? — Mercy contestou em busca de um a resposta. Ela estava aflita

porque duas pessoas que aparentem ente se davam tão bem j untas chegaram a ponto de ficar

nesse im passe. Ela queria aj udar, m as sabia que não poderia se atrever.

— A partir de agora, o que vai acontecer é com eles — disse Gabriel, fazendo em seguida um

gesto com pletam ente inesperado: afagou o om bro de Mercy com delicadeza. — Não é nossa

m issão com preender por que os hum anos tom am tais decisões. Tudo é um a questão de livre-

arbítrio.

— Mas Aren e Lucie foram feitos um para o outro — Will argum entou.

— Foram ? — Gabriel questionou.

Infelizm ente, Shirley , Goodness, Mercy e Will desconheciam a resposta àquela pergunta.



Capítulo 15

— Por que está tão carrancudo? — Josie perguntou quando Aren encontrou a irm ã na m anhã

de segunda-feira. — Pensei que você tivesse passado o dia com Lucie e desfrutado o j antar que

ela lhe preparou.

— Eu não fui.

— O quê? — Josie quase trom bou no hom em que estava à sua frente na fila do Starbucks. —

Por que não? No sábado você só conseguia falar sobre a tarde que passaria com Lucie.

Isso não era inteiram ente verdade. Quem não parara de falar fora sua irm ã, lam

entando a

triste situação de sua vida após ter visto Jack. Aren queria ter sido um pouco m ais sim pático na

ocasião, um a vez que no atual m om ento era ele que estava quase sendo rej eitado.

— Está tudo acabado entre nós — ele afirm ou sem rodeios, com o se a consequência disso não

fosse significativa. Na verdade, ele só conseguiu pensar em Lucie depois de ter desligado o

telefone. Ela dem onstrara m ais seus sentim entos. Não im portava o que ele dissesse, Lucie não

iria m udar de ideia. Ela queria um tem po, pelo m enos alegara isso, m as Aren não precisava de

um a bola de cristal para ler a m ente dela. Lucie não queria m ais nada com ele, só não fora forte

o bastante para dizer isso.

Só pelo olhar do irm ão, Josie descobriu o que tinha acontecido.

— Lucie leu a coluna, não é?

A fila do Starbucks com eçou a andar, e eles tam bém .

— Sim , e por m ais doce que ela aparente ser, perdoar não é de sua natureza.

Josie franziu a testa.

— E você não vai fazer nada?

O olhar de Aren fixou-se no da irm ã.

— Não tenho escolha algum a.

— Espere só um m inuto. Não foi você que m e repreendeu sobre Jack e orgulho, dizendo-m e

que, se eu estivesse realm ente apaixonada por ele, não poderia ficar sentada aceitando o fim do

relacionam ento?

— Eu disse tudo isso? — Aren queria devorar essas palavras, j á que elas estavam de volta para

corroê-lo.

— Isso e m uito m ais.

— Você m e levou a sério? — Ele sabia que Josie não tinha levado, e agora, enxergando a

situação no lugar dela, com preendia por quê.

— Na verdade, eu levei. — Com o era sua vez na fila, Josie cam inhou até o balcão e pediu café

para os dois.

Aren não esperava que sua irm ã fosse pagar a bebida dele. Mas, com o ele fizera isso para ela

recentem ente, ao que parecia, Josie estava retribuindo.

O barista entregou a cada um eles um café grande e Josie pagou passando o cartão de débito.

Eles com eçaram a se deslocar na direção do m etrô quando Aren exigiu m ais inform ações.

— Você falou com Jack?

— Ainda não, m as pensei m uito sobre o que você disse. Você tem razão, Aren. Preciso

encarar o fato de que m e im porto com Jack. No entanto, preciso resolver se a dor que senti ao

vê-lo com outra m ulher foi verdadeira ou se fiquei sim plesm ente encium ada e zangada por ele

ter se recuperado a ponto de voltar a se relacionar com alguém .

— O que você resolveu?

— Não decidi... Ainda.

Aren balançou a cabeça. Ele e a irm ã certam ente form avam um par m agoado e abalado, e

am bos relutantes em deixar o orgulho de lado.

— Estou com eçando a achar que seria m elhor eu m e concentrar na m inha carreira — ele

contou à irm ã. — É m elhor evitar qualquer relacionam ento.

— Não sej a tonto. Você quer um a esposa e um a fam ília.

— Quem disse? — ele questionou.

— Eu. Você seria um m aravilhoso m arido e pai. Não pode deixar que essa m aré de m á sorte o

atrapalhe.

— É m ais do que m á sorte. É carm a. Todo relacionam ento que j á tive ou estive perto de ter

acabou em cham as.

— Não é verdade. Vej a o caso de Mary Jane Milton. Ela era louca por você no colégio.

— Eu a vi no nosso últim o encontro do pessoal do colégio. Casada, três filhos e outro a

cam inho.

— Viu só? Você não agiu rápido o bastante.

— Eu tinha 17 anos.

Eles chegaram à estação de m etrô e Josie parou.

— Encontre-m e para o j antar — ela insistiu.

— Vou trabalhar até tarde hoj e — Aren m urm urou. Ele sabia que a irm ã queria aj udá-lo, m as

esse lance com Lucie estava fresco em sua m ente e ele preferia tirar alguns dias para cuidar das

feridas.

— Certo, ligue-m e quando term inar e nos encontram os em algum lugar conveniente.

— Eu...

— Não discuta com igo — ela disse, com eçando a descer os degraus. Já na m etade, parou e

olhou para trás. — Não m e decepcione, Aren.

Não parecia que ele seria capaz de sair facilm ente dessa situação, por isso resolveu tirar o

m áxim o proveito: j antar com a irm ã deveria ser seguro o bastante.

Felizm ente, Aren m anteve-se ocupado desde o instante em que entrou no j ornal. As distrações

o aj udavam a afastar Lucie de sua cabeça. Ele alm oçou na própria m esa, engolindo o sanduíche

de rosbife com m olho de raiz-forte e um a xícara de café. Às 18h, ele estava cansado e m al-

hum orado. Jantar com Josie não o atraía m uito, visto que ela certam ente iria repreendê-lo. Aren

queria apenas ficar de boca calada quando o assunto girasse em torno de conselhos,

principalm ente agora que Josie iria com certeza retribuir o que ele fizera antes.

Sendo um irm ão dedicado, ligou para ela com o prom etido.

— Está com fom e? — Josie perguntou.

Aren teve que pensar a respeito.

— Acho que sim .

— Ótim o. Encontre-m e no local italiano que com entei com você. — E, em seguida, passou

para ele as coordenadas.

— Você está fazendo com pras?

— Sim , e não discuta.

Aren notou que dar um a desculpa não iria adiantar, então reconsiderou. Ele não teve nenhum

problem a em pegar um táxi e tentou ao m áxim o ignorar o clim a festivo que perm eava a cidade.

Não com outros assuntos na cabeça. Não queria pensar em Natal. Não propriam ente assuntos,

ele adm itiu, m as Lucie. Tam bém tentou não pensar no doloroso diálogo, m as ele continuava em

sua m ente. Resultado: Lucie não sentia que poderia confiar nele. Alegava não conhecê-lo.

Josie estava esperando do lado de fora do restaurante quando o táxi de Aren

parou no m eio-fio.

— Este é um dos m eus restaurantes prediletos em toda a cidade — disse Josie, com o form a de

saudação. — O m olho verm elho deles é o m elhor que j á provei.

— Por que você não sugeriu com erm os aqui antes? — Aren perguntou, afinal, ele costum ava

conversar sobre restaurantes com a irm ã. Ela am ava com ida italiana, m as ele só conseguia se

recordar da referência dela a esse lugar apenas um a vez.

Ela hesitou.

— Era o restaurante preferido de Jack e o m eu tam bém . Não sugeri antes principalm ente

porque não queria trazer à tona um m onte de lem branças perturbadoras, por isso evitei vir até

aqui desde o fim de nosso relacionam ento, o que é um a besteira.

Aren hesitou.

— Você não tem m edo de encontrar Jack aqui?

Josie balançou a cabeça.

— Ele provavelm ente não quer correr o risco de m e encontrar aqui, no lugar que

costum ávam os pensar com o “nosso restaurante”.

Aren esperava que sua irm ã tivesse razão. Então, pensando m elhor, talvez fosse até bom se

Josie e Jack acabassem se encontrando por acaso. Se a reação de Jack fosse parecida com a de Josie, então talvez houvesse esperança para os dois. E se as

diferenças pudessem ser acertadas

entre os dois, o m esm o poderia ocorrer para ele e Lucie. Aren franziu a testa. Sua m ente estava

pregando-lhe peças bobas.

Aren segurou a porta para sua irm ã entrar. Ela parou dentro do restaurante e sussurrou:

— Se Jack acabar aparecendo m esm o por aqui, abrirei um sorriso e fingirei que estou curtindo

m uito este m om ento da m inha vida.

— Certo — Aren sussurrou de volta.

A recepcionista sorriu entusiasticam ente quando viu Josie.

— Oh, senhorita, que bom vê-la por aqui.

— Que bom vê-la tam bém — disse Josie. — A m inha m esa favorita está disponível?

Aren não prestou m uita atenção ao diálogo das duas m ulheres, pois estava distraído pelos

tentadores arom as vindos da cozinha. Por alguns instantes, fechou os olhos e respirou fundo. Um a

m istura de alho e condim entos, tom ates e m anj ericão. Se o arom a era um indício do sabor, ele

estava preparado para experim entar.

Em poucos m inutos, foram conduzidos até a m esa e receberam os cardápios. Mesm o antes de

Aren ter a chance de exam inar os pratos, *grissinis*[5] foram levados até eles.

— Os *grissinis* são assados aqui todas as tardes — Josie contou a ele. — Eles

são divinos. Jack sem pre dizia que poderíam os fazer nossa refeição apenas com eles.

— Com o é o ravióli? — ele perguntou, m ais interessado em analisar o cardápio. Tinha que

adm itir que estava im pressionado.

O olhar de Josie tornou-se pesaroso.

— O ravióli de queij o era o favorito de Jack. Ele o pedia toda vez que j antávam os aqui, e nós

vínham os pelo m enos um a vez por sem ana.

— E você? O que você pedia?

Ela sorriu.

— Tudo. A com ida é tão boa que eu queria provar um pouco de cada um a do cardápio. Já

tinha provado todos os antepastos e as saladas e estava na m etade das entradas quando nos

separam os.

— Você tinha algum prato predileto?

— É j ustam ente isso. Todo prato é sim plesm ente m aravilhoso. Eu m e sentia até inspirada a

preparar alguns dos antepastos sozinha, sobretudo a berinj ela enrolada, m as m inhas tentativas

nunca foram tão boas quanto as que provam os aqui, então continuam os a vir aqui toda sem ana.

O garçom aproxim ou-se para anotar o pedido deles, e Aren pediu o ravióli com recheio de

queij o. Josie tinha acabado de dizer ao garçom que queria experim entar o espaguete de frutos do

m ar quando abruptam ente ficou paralisada. Aren não precisava que ninguém lhe contasse que

Josie vira Jack. Ele quase poderia garantir que isso aconteceria.

Apoiando-se na m esa, Aren perguntou:

— É a Miss Universo que está com ele?

Josie ficou de cabeça erguida e acenou levem ente com a cabeça.

— Ah, sim , e ela está deslum brante com o sem pre.

Com o Aren estava de costas para a entrada, ele não conseguia vê-la, e, virando-se para

observá-la, poderia chatear Josie, em bora tivesse tentado.

Josie sorriu e acenou com a cabeça.

— Ele acabou de m e ver — ela disse baixinho.

— E?

— E parece ter ficado perturbado. Bom . Agora ele sabe com o eu m e senti quando o vi no

últim o sábado. — Josie inclinou-se na m esa e sussurrou: — Ria.

Aren piscou.

— Com o?

— Não sej a estúpido. Eu quero que você ria com o se eu fosse a m ulher m ais engraçada e

m ais inteligente que você j á conheceu na sua vida.

— Josie. — Aren não estava disposto a entrar no j ogo.

— Por favor, Aren, faça isso por m im . Eu nunca m ais lhe pedirei nada enquanto estiver viva.

— Era um a história plausível. E Aren estava com eçando a pensar que a irm ã arranj ara todo esse

encontro e ele tinha cegam ente se envolvido nos planos dela. — Por favor — os olhos dela

im ploraram .

— Tudo bem , tudo bem . — Ele riu e forçou um fraco sorriso.

— Mais alto — Josie sussurrou.

— Isso é ridículo. — Ele deveria ter suspeitado que havia algo no ar quando Josie m encionou a

m esa favorita e insistiu em se sentar de frente para a porta.

Para m anter o clim a de paz, Aren voltou a rir, desta vez com um pouco m ais de energia.

Ela sorriu com um a expressão sonhadora.

— Perfeito.

— Obrigado.

Josie inclinou-se m ais perto da m esa e ficou m ais anim ada, rindo baixinho enquanto Aren

tentava ao m áxim o não virar os olhos. Sua irm ã estava indo longe dem ais. Ela pressionou a m ão

sobre o coração e sorriu para ele com o se aguardasse cada palavra que Aren em itia.

— O m ínim o que você pode fazer é cooperar — Josie disse contrariada quando

ele olhou de

volta para ela.

— O que Jack está fazendo agora? — Aren perguntou.

Josie aparentava estar extrem am ente satisfeita consigo m esm a.

— Ele não conseguiu tirar os olhos de nós.

— Onde ele está sentado?

— Duas m esas à frente, encostado na parede.

Aren colocou o guardanapo sobre a m esa e, em seguida, levantou-se sem dizer um a palavra.

— O que você está fazendo? — Josie sussurrou enquanto um olhar preocupado aparecia em

seu rosto. — Aren, se você fizer o que acho que está prestes a fazer, j uro que nunca m ais falarei

com você.

Ele abriu um sorriso e encolheu os om bros.

— Eu teria tanta sorte.

— Aren — ela im plorou freneticam ente, m eio que se levantando para im pedi-lo.

Ele não tinha intenção de ser dissuadido. Sua irm ã sentia-se infeliz e, se Jack não conseguira

tirar os olhos dela, então Aren suspeitava que o ex sentia o m esm o que ela.

Dando as costas para a irm ã, Aren atravessou a curta distância entre as duas m esas. Quando o

viu se aproxim ando, Jack colocou o guardanapo de lado e se levantou. Apesar

de ele ter uns dez

centím etros a m ais que Aren e pesar cerca de dez quilos a m ais, o irm ão de Josie não pretendia

parecer superior .

— Você deve ser Jack — ele disse, estendendo a m ão. — Aren Fairchild, irm ão de Josie.

O outro hom em abriu um sorriso na m esm a hora.

Aren não se atreveu a olhar na direção de Josie.

— Parece que você e m inha irm ã tiveram um m al-entendido.

— Com licença — a acom panhante de Jack não parecia nem um pouco satisfeita. — Eu não

sou invisível, viu?

Jack parecia ter se esquecido com pletam ente dela.

— Ah, desculpe-m e. Pam ela, este é o irm ão da m ulher que m encionei antes.

— Está se referindo àquela que você dá um j eito de incluir em toda conversa?

Jack desviou o olhar e não respondeu.

— Parece que eu pedi o seu prato favorito. Logo será servido. Por que você não se j unta à

m inha irm ã e eu m e apresentarei para Pam ela?

— Espere um m inuto. Eu não posso dizer o que penso sobre isso? — a acom panhante de Jack

quis saber.

— Aparentem ente, não — Aren respondeu. Jack j á estava na m etade do cam inho até a m esa

de Josie.

Aren puxou um a cadeira e sentou-se com Pam ela. Achou-a bem bonita, m as dois m inutos

com ela e ficou óbvio que Pam ela precisava de m uita atenção. Após uns bons dez m inutos, ela

saiu depressa da m esa e disse:

— Diga a Jack que será m elhor se ele não m e procurar m ais.

Aren acenou para ela.

— É m elhor se você m esm a contar isso para ele.

— Então contarei. Com prazer.

Com o era de se esperar, Pam ela cam inhou com ostentação até a m esa à qual Jack se sentava com Josie. As cabeças deles estavam j untas e, sej a lá qual o problem a que tiveram , ele não se

evidenciava naquele m om ento.

Jack levantou-se quando Pam ela se aproxim ou. Aren não estava interessado no que a outra

m ulher tinha a dizer, m as aparentem ente ela não queria m ais nada com ele. Apenas saiu

zangada.

Um a vez com a m issão cum prida, Aren deixou um a gorj eta generosa na m esa antes de se

levantar para ir em bora. E sentiu-se m ais do que em evidência ao notar que todos os olhos no

restaurante estavam voltados para ele. Afinal, a especulação entre os clientes deveria estar difícil

de conter. A cam inho da porta, Josie cham ou a atenção dele e m andou um beij o. Ele retribuiu

com um aceno e foi em bora.

Quando Aren entrou em seu apartam ento, o local estava frio e escuro. Sentia-se bem por ter

aj udado a irm ã e Jack, im aginando que talvez apenas as tensões pré-casam ento houvessem

desviado os cam inhos dos dois. Vê-los j untos deixou claro que nenhum deles estava feliz com a

separação. Aren esperava que conseguissem resolver a diferença de um a vez por todas.

Aproxim adam ente à m eia-noite, seu telefone tocou, acordando-o de um sono profundo.

— Obrigada — Josie sussurrou.

— De nada. Posso voltar a dorm ir agora?

— Não. Você quer dar um a passada aqui, para conversarm os?

— Josie, estou na cam a.

— Certo, sej a um desm ancha-prazeres, não m e im porto.

— Estou feliz por você. — E ele estava, m as naquele instante, cansado dem ais, queria voltar ao

seu sonho... Um sonho que envolvia Lucie.



Capítulo 16

Era noite de Natal e Lucie deveria estar anim ada e feliz. Mas não estava. Ao contrário, seu

coração pesava, desde o m om ento em que ela conversara pela últim a vez com Aren. Ele não

tinha ligado para ela, e o orgulho não lhe perm itiria um a tentativa de contato com ele. Lucie

com eçou a seguir a coluna de Aren no j ornal e percebeu que ele não era tão sarcástico com o

fora antes, pelo m enos na cabeça dela. Ansiava por notícias dele, m as não recebia nenhum a.

Sua m ãe entrou na cozinha onde Lucie estava sentada com sua xícara de café m atinal.

Sam m y repousava aos seus pés.

— Vam os, querida, sorria — Wendy a estim ulou. — É Natal — a felicidade de Wendy

ilum inava o am biente.

— Eu estou sorrindo, m ãe. E bastante agradecida por esses dias de folga. — Elas tinham

decidido fechar o restaurante pelos próxim os dois dias e Lucie via a folga com bons olhos. Ela

não se sentia m uito engaj ada no espírito natalino e adiara as com pras e os em brulhos para a

últim a hora.

Wendy pegou a cafeteira e despej ou um pouco de café em sua própria caneca, sentando-se e

verificando sua taxa de glicose no sangue. Sem dizer um a só palavra, ela se

levantou e buscou

um a j arra de suco de laranj a.

— Você vai ligar para Aren? — perguntou com o se fosse pouca coisa.

— Não.

Os om bros de sua m ãe cederam de decepção.

— Por que não?

— Mãe, j á passam os por isso um a dezena de vezes. Está tudo acabado entre nós.

— E é isso que você quer? — o olhar cético de sua m ãe dizia tudo.

Lucie não respondeu pois ela desej ava Aren, sentia saudades dele e queria m uito que as coisas

pudessem ser diferentes. Mas ele era quem era, e ela não poderia m udar isso.

— Pensei em ir até o centro da cidade hoj e de m anhã — Lucie com entou, esforçando-se ao

m áxim o para aparentar ânim o e alto-astral. — Ainda preciso fazer algum as com pras e resolver

algum as outras coisas tam bém .

— Não se atrase para o j antar — Wendy afirm ou após Lucie pegar o casaco e a bolsa.

— Não m e atrasarei.

Na verdade, o que Lucie m ais queria era fugir e esquecer a noite de Natal. O que tinha

ocorrido entre ela e Aren perm anecia fresco em sua m ente. Se ela se m antivesse ocupada,

poderia se distrair o suficiente para tirar Aren da cabeça e ser capaz de apreciar a tem porada de festas pelo m enos um pouco. Essa era sua esperança. Um dia no centro da cidade deveria

aj udar.

— Você vê com o Lucie está se sentindo péssim a? — Will perguntou a Mercy .

— Não pude deixar de notar — Mercy e suas duas am igas ficaram próxim as ao seu j ovem

protegido enquanto Will seguiu Lucie pelo m etrô que ia para Manhattan.

Will vinha se m ostrando um aprendiz rápido, em bora ainda estivesse tentado a intervir na vida

dos hum anos. Mercy reconhecia que ele herdara tal hábito delas três. Eles tentaram de fato

seguir no cam inho certo e, de algum a form a, tinham conseguido responder às orações com o

Deus quisera, m esm o que o cam inho se tornasse tortuoso de vez em quando.

Assim que o m etrô chegou à plataform a, Lucie saiu e subiu os degraus até a calçada de

Manhattan. A cidade estava m uito agitada, com as pessoas passando de loj a em loj a, todas

aparentando ter um a trem enda pressa.

— É sem pre assim na véspera de Natal? — Will perguntou, lançando-se pela m ultidão

alvoroçada e se esforçando ao m áxim o para não colidir com alguém .

— Sem pre — Shirley respondeu. — Às vezes é até pior.

— Mais agitado do que isso? — Will parecia achar difícil acreditar.

— Ah, sim , eu m e lem bro de um ano...

— Aonde Lucie está indo? — Will a interrom peu.

Mercy sabia que ele se sentia responsável pela confusão que desencadeara quando Lucie e

Aren se conhecerem e queria, m ais do que tudo, consertar as coisas. Mas ela não deixaria Will

intervir. Gabriel fora bem específico. Lucie e Aren tinham que resolver a situação por si

próprios, o que tornava a reconciliação ainda m ais difícil. Am bos eram orgulhosos e teim osos.

— Ela vai m esm o ignorar Aren por todo o Natal? — Will quis saber.

— Ela o ignorou até agora — Goodness o lem brou.

— Ela não enviou nem um cartão de Natal para ele.

— Nada — confirm ou Mercy .

— Aren enviou um cartão a ela? — Shirley perguntou. — Não seria nada de m ais fazer um

esforço.

— Concordo, ele deveria ter feito algo — disse Will. — Não dá vontade de chacoalhar esses

hum anos? Eles são im possíveis.

— Meu querido e j ovem protegido, você só viu a ponta do *iceberg* quando se trata de hum anos.

— Ponta do quê?

— Deixa pra lá — Goodness afagou o braço de Will. — Um dia nós lhe m ostrarem os o Ártico.

— Fica perto de Nova York?

— É um pouco m ais ao norte — Mercy explicou.

— Os hum anos de lá são tão teim osos quanto os daqui?

— Ah, sim , os hum anos são iguais em qualquer lugar.

— Incrível. E Deus os am a m esm o assim ?

— É difícil com preender, m as Ele os am a. É realm ente incrível quando você pensa quão

obtusos eles são.

— Aonde Lucie está indo agora? — Will perguntou, seguindo-a freneticam ente dentro de um a

loj a.

— Ah, este é um dos m eus lugares favoritos em todo o m undo.

— O que é isto? — Will gritou, saltando sobre a escada rolante atrás de Lucie.

— É um a livraria — Mercy respondeu e agarrou Shirley pelo cinto para m antê-la longe da

seção infantil.

Shirley suspirou de decepção.

— Eu não iria m e m eter em nenhum a encrenca.

— Talvez, m as estou agindo com cautela por m edida de segurança.

— O que Lucie está procurando? — Will indagou, perm anecendo no encalço da *chef*.

— Creio que ela estej a procurando um livro especial para dar de presente — Goodness

sugeriu. — Esta é um a livraria, com o você pode ver.

— E das grandes, cheia de pessoas — Shirley passou voando.

— Olhe, Lucie encontrou um canto m ais calm o e está se sentando.

— Vou m e j untar a ela — Shirley insistiu. — Ficar correndo por aí está m e desgastando.

— Acho que estam os todos um pouco exaustos.

— Vocês todos estão trabalhando duro, não acham ? — Ao ouvirem o som da voz estrondosa de

Gabriel, os quatro anj os saltaram e voaram em várias direções. — E, além disso, aparentam

culpa — a voz dele ecoou tanto que foi de se adm irar que as paredes não trem eram . — Há algo

que desej am m e contar?

Will, agindo com tal coragem nunca antes vista por Mercy , deu um passo à frente.

— Precisam os fazer algo, e rápido.

— Você quer dizer que precisam os intervir?

— Sim , sinto-m e responsável por Lucie e Aren. Eu os apresentei um ao outro quando não

estavam program ados para se conhecer e agora deu tudo errado e eles estão separados e

sofrendo.

Gabriel balançou a cabeça tristem ente.

— Não é da nossa alçada. Aren e Lucie têm é que aprender um a lição sobre orgulho e

teim osia. Se não conseguem resolver um problem a secundário com o este, então o

relacionam ento deles j á está condenado. O am or consiste em aceitação e generosidade de

espírito, e francam ente não vej o isso em nenhum deles.

— Eu vej o — Will o desafiou. — Olhe para o que Lucie e sua m ãe fizeram em prol dos sem -

teto.

— E repare na disposição que Aren teve para cooperar e aj udar — acrescentou Goodness.

— Ele foi m aravilhoso com as crianças — Shirley lem brou Gabriel.

— Sim , agora que vocês estão m encionando, percebo que ele foi.

— Viu só? Há esperança para Lucie e Aren — Will insistiu. — Se você nos deixasse ao

m enos...

— Não — Gabriel ergueu o dedo, interrom pendo a fala de Will. — A intervenção está fora de

cogitação.

Então, ele os deixou e Mercy observou os om bros do j ovem Will afundarem de decepção.

Olhando sobre o próprio om bro, Mercy abaixou o tom de voz.

— Não pretendo causar problem as, m as acho que tive um a boa ideia.

— Ela envolve Lucie e Aren? — Will perguntou, cheio de expectativa.

Ela ergueu a cabeça para um lado e falou m ais baixo:

— Indiretam ente, sim .

Goodness m ostrou interesse na m esm a hora.

— Agora soa prom issor.

— Quem envolve, então? — Shirley perm aneceu cética.

— Você verá — ela respondeu. — Sigam -m e.

— Devo deixar Lucie? — Will perguntou, aparentando dúvida.

— Ela ficará bem . Confie em m im .

Will concordou, em bora de form a relutante.

— Eu só espero que estej am os fazendo a coisa certa — com entou Shirley , a últim a a dar as

costas para Lucie. — Já m e envolvi em m uitos problem as antes dando ouvidos a Mercy .

— Estou com um a sensação boa quanto a isso — Goodness acrescentou. — Mercy tem boas

ideias.

O celular de Lucie tocou, indicando que ela recebera um a nova m ensagem de texto. Então

levou a m ão ao bolso lateral de sua bolsa e pegou o aparelho, sem reconhecer o núm ero.

Pressionando a tela com o dedo, ela leu a m ensagem : *Às 16h no topo do Empire State Building.*

Franzindo a testa, Lucie enfiou o celular de volta na bolsa enquanto refletia sobre quem poderia

ter lhe enviado a tal m ensagem . Prim eiro pensou em Aren. Mas não era. Ela teria reconhecido o

núm ero dele.

Bem , ela não iria. Seria ridículo. Ela ainda precisava resolver várias coisas. Planej ava j antar

com sua m ãe m ais tarde, e à noite as duas iriam até o culto de Natal da igrej a. Já estava tudo

acertado. Não haveria tem po em seu dia para alguém fazê-la de tola no Em pire State Building.

Ela estava determ inada a não ir.

Dez m inutos depois, no entanto, olhou para o relógio: 15h33.

Mesm o que quisesse, nunca conseguiria chegar ao Em pire State Building a tem po, e conseguir

um táxi na cidade, àquela hora do dia, em plena véspera de Natal, seria quase im possível.

Mal acabara de pensar quando um táxi se encostou ao m eio-fio, ao seu lado. Um a m ulher

desceu do veículo.

Lucie olhou adm irada por não ver ninguém correr para pegá-lo.

— Vai entrar ou não, senhorita? — o taxista quis saber. — Tem gente m e esperando.

Olhando ao redor, Lucie levou a m ão na altura do peito.

— Você está falando com igo?

— Você acenou para m im , não acenou?

— Ah... Não.

— Então está bem .

Ele com eçou a se afastar, m as Lucie o im pediu. Correndo apressada por alguns degraus,

alcançou-o e abriu a porta do passageiro.

— Você consegue m e levar ao Em pire State Building até às 16h?

— Com este trânsito? Você não está falando sério, está?

— Faça o que puder. — Lucie não pretendia seguir as instruções da m ensagem de texto e, ao

m esm o tem po, não conseguia se conter. Mesm o que não fosse Aren o responsável pela

m ensagem , ela precisava saber quem a enviara e por quê.

O taxista m ovia-se lentam ente no pesado trânsito.

— Será um m ilagre se conseguirm os chegar a tem po para seu com prom isso às 16h.

— Dê o m elhor de si... Se não der tem po, não deu. — Até esse m om ento, Lucie não sabia bem

por que estava no táxi. A ideia parecia brincadeira de alguém , e bem sem graça. Talvez Aren

estivesse por trás, atraindo-a para lá a fim de m antê-la esperando, assim com o ela fizera com ele em j aneiro.

Mas, ao ser envolvida por esse repentino pensam ento, ela j á sabia que Aren j am ais agiria

assim . Não era da natureza dele fazer algo tão cruel.

Talvez fosse a esperança que a convencia a se deslocar até lá. Um a espécie de esperança

confusa que a fazia acreditar que, de algum a form a, ela e Aren poderiam se acertar.

— Nossa, dá para acreditar nisso? — o taxista sussurrou.

— Com o? — Lucie disse, inclinando-se para a frente. Com o estava envolta em seus próprios

pensam entos, ela não tinha ouvido o m otorista.

— Quinta Avenida — ele disse, gesticulando para ela olhar pelo para-brisa.

Lucie olhou, m as não viu nada.

— O que tem ?

— Está livre. É com o repartir o Mar Verm elho. Tenho um a pista toda só para m im . Já dirij o

táxi há quase 20 anos e nunca vi algo parecido. Parece até que estou sob a escolta da polícia.

— Ah — Lucie não sabia bem o que dizer.

— Tem um anj o no seu om bro ou algo parecido? — ele voltou a falar com Lucie.

— Não... Eu acho que não — Lucie estava com eçando a pensar que tinha um a espécie de

carm a louco quando o assunto era táxi. Sua últim a experiência fora igualm ente inexplicável, com

o j ornal voando ao seu redor e os vidros das j anelas subindo e descendo por conta própria. E

agora isto. Ela observou enquanto o tráfego parecia se abrir apenas para eles.

Num piscar de olhos, o táxi encostou ao m eio-fio do lado de fora do icônico arranha-céu. O

m otorista coçou a lateral da cabeça, com pletam ente atônito.

— Eu não acredito, m as faltam cinco m inutos para as 16h. Chegam os aqui ao

centro pegando

um baita trânsito em um tem po inacreditável. Eu diria que é um m ilagre de Natal, m as não vou

dizer um a palavra para ninguém . Quem acreditaria em m im ?

— Cinco m inutos antes — Lucie repetiu para si m esm a, em estado de choque.

Ela pagou ao m otorista e desceu do táxi. Em pé, na rua, segurou o chapéu de tricô e olhou para

cim a na direção do arranha-céu.

Agora que estava ali, ela poderia descobrir o que significava aquela m ensagem enigm ática. A

fila para com prar a entrada para o passeio de elevador e, consequentem ente, para a vista do 102º

andar m ovia-se rapidam ente. A m ulher que vendia os ingressos olhou para o relógio.

— Estam os fechando às 16 horas hoj e, j á que é véspera de Natal.

— Prom eto que não vou dem orar.

A m ulher entregou a Lucie o ingresso, e ela se m oveu com os outros à espera do que deveria

ser o últim o passeio do dia no elevador. Ela j á estivera no últim o andar um a vez, m as isso fora há anos. Se Lucie bem se lem brava, acontecera em um a excursão escolar com sua turm a do quinto

ano. Em bora j ovem , ela se im pressionara com a história do prédio, inaugurado em 1931, logo

após o início da Grande Depressão.

Ao sair do elevador, Lucie im ediatam ente se dirigiu para fora do edifício. As luzes da cidade

com eçavam a ser acesas, e ela se encantou com a incrível visão em 360 graus. Em bora tivesse

prom etido à m ulher que vendia os ingressos que não dem oraria, Lucie sentiu-se atraída por

aquela visão. A tristeza que se abatera sobre ela desde a últim a conversa com Aren sum iu. De

repente, ela percebeu o que tinha que fazer.

Precisava ligar para Aren. Quando eles se falaram pela últim a vez, Lucie alegou que

necessitava de um tem po. Bem , j á tivera seu tem po.

Vasculhando a bolsa, ela pegou o celular e correu o a lista de contatos até encontrar o nom e de

Aren. Um sorriso ilum inou-lhe o rosto quando iniciou a ligação.

O telefone tocou quatro vezes e, em seguida, caiu na caixa postal.



Capítulo 17

O que m ais surpreendeu Aren foi a quantidade de pessoas que tinha se dirigido até o topo do

Em pire State Building em plena véspera de Natal. Em bora fosse quase fim de expediente e os

guardas estivessem olhando para os seus relógios, ninguém parecia estar com pressa de ir

em bora. Principalm ente ele.

Mais cedo naquele dia, Aren recebera um a m ensagem de texto de Jack

pedindo-lhe que o

encontrasse ali às 16h, m as Jack não estava em lugar algum .

Não dem orou m uito para Aren descobrir o m otivo por detrás do pedido de Jack. Assim ,

suspeitava que Jack estava prestes a devolver a Josie o anel de noivado que ela lhe entregara após

o rom pim ento. Aren não poderia estar m ais feliz pela irm ã.

Olhando para seu relógio, ele analisou a área e encolheu os om bros. Um dos guardas anunciou

que o terraço seria esvaziado dentro de quinze m inutos. A m ultidão com eçou a se diluir conform e

várias pessoas se dirigiram até o elevador. Seria a m esm a coisa que sua irm ã se atrasar para o

próprio noivado. O engraçado era que tanto Jack quanto Josie estavam atrasados.

Algum a coisa im previsível deveria ter acontecido. Aren pegou o celular a fim de ligar para

Jack e saber o que ocorrera. Para sua surpresa, ele descobriu que tinha desligado o som do

aparelho sem querer e notou o registro de várias ligações perdidas. Ao verificar os núm eros,

preocupado com o que fazia, Aren se chocou com um a pessoa atrás dele.

— Desculpe-m e — ele disse, virando-se para se desculpar. As palavras congelaram em seus

lábios. — Lucie?

— Aren?

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, com a cabeça a m il.

— Eu recebi um a m ensagem ...

Ela recebeu um a m ensagem ?

— Eu tam bém .

— Não reconheci o núm ero do telefone... Eu não viria, m as daí, quando percebi, estava dentro

do táxi e o m otorista disse que seria im possível chegar aqui antes das 16h, m as conseguim os, e

ele afirm ou que era um m ilagre de Natal, com o a divisão do Mar Verm elho, que acho que não

ocorreu em dezem bro, m as não estou m uito certa disso. — Ela parou abruptam ente ao notar que

estava tagarelando. — Ah, Aren, Aren, estou tão feliz em vê-lo. — E então Lucie j ogou os braços

ao redor do pescoço dele.

Sem esperar essa reação, Aren deu dois passos para trás. Não entendia o que acontecera ou

com o eles acabaram no m esm o lugar e na m esm a hora, m as procurar os porquês não passava

por sua cabeça naquele m om ento. Ele estava alegre dem ais para se im portar. Envolvendo a cintura de Josie com os braços, Aren fechou os olhos e puxou-a para perto de seu corpo.

Ela lhe disse que recebera um m ilagre de Natal em um traj eto m aluco de táxi. Bem , Aren

tam bém tivera um m ilagre, e este era Lucie grudada nele e tagarelando tão rapidam ente que ele

m al conseguia com preender um a palavra.

— Eu estava sendo boba e tola e...

Aren a tranquilizou, silenciando-a ao colocar o dedo nos lábios dela. Na m esm a hora, Lucie

parou de conversar e piscou várias vezes. Sorrindo para ela, Aren afastou o cabelo dela da frente

do rosto.

— Nós dois estávam os sendo bobos e tolos — ele disse.

— Minha vida está um a loucura... O restaurante é tudo para m im . Ele tem que dar certo, m as

tam bém não consigo m e distanciar de você. Sim plesm ente não consigo.

— Que bom . — Ele a beij ou, sentindo com o se há m eses não experim entasse algo sequer

próxim o à felicidade que o invadiu com Lucie em seus braços. — Eu tam bém não consigo m e

distanciar de você.

— Eu tentei ligar para você.

— Quando?

— Agora há pouco, m as caiu na caixa postal, e eu pensei... eu presum i que você não queria

falar com igo e pensei que tinha estragado tudo.

— Meu celular ficou sem som . Eu não m e lem bro de ter tirado o som , m as aparentem ente o

fiz.

— Quem enviou a m ensagem para você? Não sei quem a enviou para m im — Lucie

perguntou, olhando para cim a na direção dele, com os olhos cheios de felicidade.

— Jack.

— Quem é Jack?

— O futuro m arido de Josie. Eles reataram recentem ente. Eu achei que ele iria propor

casam ento a m inha irm ã pela segunda vez.

— Pela segunda vez?

— Nem queira saber. É um a longa história.

Lucie procurou o celular no bolso lateral externo de sua bolsa e m ostrou a m ensagem a Aren.

— É este o núm ero do Jack?

Aren olhou para o núm ero e franziu a testa.

— Não. Esse núm ero é da m inha irm ã.

— Com o a Josie conseguiu o m eu núm ero?

— Não faço ideia. — Josie ter o contato de Lucie era um m istério para am bos. — O que eu

posso lhe dizer é bem óbvio: m inha irm ã e Jack se j untaram para nos unir novam ente.

— E funcionou. Ah, Aren, Feliz Natal!

— Feliz Natal, m eu am or.

— Seu am or. Isso significa que você está disposto a nos dar outra chance?

— Definitivam ente.

Lucie piscou para conter as lágrim as.

— Eu j uro, este é o m elhor Natal da m inha vida.

— Da m inha tam bém . — Fechando os olhos, ele beij ou a testa dela. — A últim a vez que estive

aqui fiquei esperando você, na expectativa de que você apareceria. Desta vez eu não tinha

nenhum a esperança de vê-la e cá está você.

— Estou tão contente por estar aqui... E ainda m ais feliz por você estar tam bém .

— Que bom !

Então, com o se de repente Lucie tivesse com eçado a entender, ela disse:

— Você virá para casa com igo, não virá? Mam ãe ficará extasiada ao vê-lo. Ela preparou o

j antar m ais m aravilhoso de todos. Haverá m uito m ais com ida do que nós duas aguentaríam os

com er, então diga que você virá, e m ais tarde irem os à igrej a. A m úsica é tão linda e não

consigo pensar em um a pessoa m elhor para passar a noite de Natal do que você.

Aren tam bém não conseguia pensar em algo m elhor para fazer.

— Você fará a ceia com a gente, não é? — os olhos dela arregalaram -se enquanto im plorava

a ele.

Aren concordou com um m ovim ento de cabeça.

Lucie o abraçou com força.

— Eu vinha m e sentindo m uito infeliz, m as extrem am ente teim osa para adm itir. Aprendi tanto

sobre m im m esm a. Aren, ah, Aren, eu fui tão idiota.

— Eu tam bém fui.

— Não — ela contestou, pretendendo assum ir a culpa. — Você foi m ais do que sensato, e eu

fui...

Ele a interrom peu da única form a que pôde: pegando-a em seus braços e beij ando-a

exageradam ente até serem interrom pidos pelo guarda.

— Ei, pessoal, eu odeio interrom per um m om ento rom ântico, m as estam os fechando por hoj e.

— Ah, desculpe — Lucie falou baixinho.

Aren a envolveu pela cintura. Juntinhos, eles pegaram o elevador expresso e desceram até o

térreo. Assim que saíram do local, Aren pegou o celular.

— Para quem você está ligando? — Lucie perguntou.

— Para m inha irm ã, j á que ela arrum ou tudo isso. — Então passou o dedo sobre a lista de

contatos e desceu até o nom e dela. O telefone tocou três vezes antes de Josie atender.

— É m elhor que sej a im portante — ela sussurrou. — Jack está aqui e ele acabou de m e

devolver m eu anel de noivado.

— Eu queria agradecer-lhe, na verdade eu e Lucie queríam os fazê-lo.

— Ah... por quê?

— A m ensagem de texto que você m andou para ela e a m ensagem que Jack enviou para m im .

— Que m ensagem ?

— Ah, Josie, chega disso. Lucie recebeu a sua m ensagem e eu recebi a que Jack enviou. Nós

dois nos encontram os no Em pire State Building exatam ente com o vocês planej aram .

— Espere aí, m ano. Eu não m andei nenhum a m ensagem para Lucie.

— Não m andou? — Aquilo não estava fazendo o m enor sentido. — Verifique o seu celular,

está bem ?

— Claro, m as não adiantará. Sei o que enviei e não foi nada sobre Em pire State Building. Aliás,

com o eu teria o núm ero de celular de Lucie?

Boa pergunta, pois Aren j á tinha pensado nisso.

— Certo — ele disse. — Acho que houve m ais de um m ilagre de Natal. Parabéns para você e

Jack. Eu vou até a casa de Lucie para a ceia e depois irem os à igrej a, m as falo com você pela

m anhã.

— Feliz Natal, Aren.

— Feliz Natal. —Josie parecia a m ulher m ais feliz do m undo. Ele com preendia, porque ele

próprio estava nas nuvens.

• • •

— Você quer m e explicar com o Josie pegou o núm ero de celular de Lucie? — Gabriel

perguntou a Mercy e a seus am igos. Eles tinham se reunido na galeria do coro da igrej a do

Brookly n para o culto de Natal. Aren, Lucie e Wendy se sentaram no banco do m eio, do lado

esquerdo.

Aren e Lucie dividiam um hinário, as vozes harm onizando-se lindam ente ao cantarem a

clássica canção natalina *Noite feliz*. Infelizm ente eles ainda não conseguiam ouvir o coro de anj os, que estava além de qualquer coisa terrestre, m as um dia eles conseguiriam .

— Ah...

— Mercy , por que eu penso que isso é coisa sua? — Gabriel a pressionou.

— Nós tínham os que fazer algo — Will explicou. — Eu m e sentia pessoalm ente responsável

por essa confusão, então aj ustam os algum as de suas instruções e deu certo.

— O que irá acontecer com eles? — Goodness introm eteu-se. — Você sabe o futuro. Nós não

sabem os.

— Responda à m inha pergunta antes — Gabriel exigiu.

— Bem , você disse que não poderíam os interferir na vida deles — disse Will, em bora a

lem brança fosse desnecessária.

— Interferir *novamente* na vida deles — Gabriel o corrigiu.

— Certo — Will com plem entou.

— E então...? — Gabriel fixou o olhar em Mercy .

— Por que você está olhando para m im ? — ela perguntou, esforçando-se para parecer

inocente com o um botão de rosa.

— Porque você sem pre foi a líder do grupo quando o assunto é fazer arte.

— Eu? — Mercy ficou claram ente ofendida. Dos quatro, ela era a que m antinha todos sob

controle. — Isso é extrem am ente inj usto — protestou. — Eu j á evitei m ais interferências na

Terra do que você im agina.

— É verdade — Goodness com entou, em defesa de Mercy .

— Mercy fez o m elhor para nos m anter na linha.

Gabriel franziu a testa.

— Aparentem ente com pouco sucesso.

As asas de Mercy afundaram até o chão.

— Devo... Você quer que eu...

— Mercy , não — Goodness gritou e colocou-se ao lado da am iga.

— Se alguém deve ir, então serei eu — Shirley insistiu, colocando-se ao lado de Mercy .

— Ou eu — Will introm eteu-se. — É possível que eu consiga um a

transferência.

Gabriel ergueu a m ão, dando fim à tagarelice.

— Considerando a época, acho que podem os fazer vista grossa a certas transgressões.

— Podem os? — Mercy perguntou com o coração cheio de esperança. Aparentem ente Gabriel

estava de bom hum or.

— É que vocês não fizeram nada absurdo, com o sequestrar um cam elo e conduzi-lo para fora

de um teatro, certo? Isso seria inexplicável.

Goodness prendeu a respiração por tanto tem po que correu o risco de ficar roxa. Mercy deu

um tapa nas costas da am iga, e Goodness expeliu o ar com tanto barulho que o órgão de tubos

soltou um si bem ol sozinho. Várias pessoas na congregação viraram -se na direção da galeria do

coro.

— Poderia ter sido pior. Certo? — Gabriel perguntou, batendo o dedo do pé im pacientem ente.

— Os quatro olharam fixam ente para os pés com o se procurassem um botão perdido, olhando

em todas as direções, exceto na de Gabriel. — Certo? — Gabriel voltou a indagar.

— Certo — Mercy respondeu em voz baixa.

— Um de vocês poderia ter feito algum a loucura, com o interrom per um a peça da Broadway

e içar os atores no ar sem nenhum m eio de suporte visível.

Mercy engoliu em seco, constrangida.

— Nós j am ais faríam os algo assim — Goodness m urm urou.

— Ou tocar a tuba.

— Eu não toquei a tuba — Will insistiu. — Eu só olhei para ela. — Então, percebendo o que

tinha dito, ele levou a m ão ao rosto e a bateu na boca.

— Bem , m eus am igos — disse Gabriel, agora sorridente. — Apesar de tudo, vocês

conseguiram atender à oração de Wendy . Lucie e Aren estão j untos e conseguiram se encontrar

no Em pire State Building.

— O relacionam ento deles irá durar? — Will quis saber.

Gabriel acenou com a cabeça.

— Sim . Eles se casarão em outubro do ano que vem .

— Ah, que bom .

— Filhos?

— Dois. Um m enino e um a m enina.

— E o restaurante?

— E o Aren? Ele continuará a escrever para o j ornal?

— Um a pergunta por vez, m eus am igos — Gabriel disse, inclinando-se sobre o parapeito do

coro para observar Aren e Lucie lá em baixo. Ele sorriu e, em seguida, virou-se

para olhar para

os quatro Em baixadores da Oração. — O restaurante prosperará extraordinariam ente bem e o

investim ento de Wendy pagará grandes dividendos. As duas venderão o Encantos Divinos daqui a

cinco anos, pelo dobro do que gastaram , após Lucie dar à luz a filha.

— Isso é m aravilhoso, m as o que Lucie fará sem o restaurante? Ela am a cozinhar.

— Ela não abandonará a carreira totalm ente. Virará um a desenvolvedora de receitas para

algum as das celebridades *chefs* m ais fam osas dos Estados Unidos. É o em prego perfeito para ela, pois poderá ficar em casa com as crianças.

— E Aren?

— Agora vocês se surpreenderão um pouco.

— Com o? — Goodness perguntou.

— Aren sairá do j ornal pouco depois de vender seu prim eiro rom ance.

— Aren escreve ficção?

— É um a paixão secreta. Ele vem trabalhando nesse livro durante o tem po livre de que dispõe

há vários anos e, quando com eçar a vendê-lo, será um sucesso im ediato, m uito m ais do que ele e

Lucie poderiam im aginar.

— Ele consegue um contrato para adaptá-lo para o cinem a? — Goodness questionou. — Ah,

Gabriel, podem os participar dele? Podem os, hein, podem os?

O olhar que Gabriel lançou a ela foi suficiente para todos entenderem a resposta.

— Isso é sim plesm ente m aravilhoso — Mercy esfregou as palm as de alegria. Era ainda

m elhor do que ela im aginara.

— Eles terão um a boa vida j untos, assim com o Josie e Jack — Gabriel estendeu suas enorm es

asas sobre os quatro. — Vocês estão prontos para retornarem ao céu? — ele perguntou.

— Estam os — Mercy respondeu pelos quatro.

E, assim , eles retornaram aos reinos da glória. Ao se aproxim arem de lá, Mercy pôde ouvir

m elodias de m úsica diferentes de tudo que ouvira na Terra. A celebração de um a criança nascida em um estábulo há m ais de 2 m il anos estava apenas com eçando.



¾

Biscoito de chocolate com m enta

8 bastões doces de tamanho médio

340 g (aproximadamente duas xícaras) de chocolate meio amargo de boa qualidade

(barras ou lascas)

340 g (aproximadamente duas xícaras) de chocolate branco (barras ou lascas). Prefira

os feitos com manteiga de cacau.

Trituro os bastões doces usando um saco plástico e um rolo de m acarrão ou um

processador de alim entos.

Cubra um a assadeira com papel alum ínio. Derreta delicadam ente o chocolate m eio

am argo em um a panela em banho-m aria ou em um a tigela dentro do forno m icro-

ondas à m etade da potência. Inicie com um m inuto na m etade da potência, m exa e

prossiga com ciclos repetitivos de 30 segundos a potência m édia — m exendo entre os

ciclos — quantas vezes forem necessárias até derreter e sum irem as saliências. O

derretim ento m oderado evita a queim a e aj uda a preservar a consistência do chocolate.

Despej e o chocolate m eio am argo derretido sobre o papel alum ínio e o espalhe num a

área de 20 x 25 cm . O tam anho pode variar. Você pode fazer o biscoito m ais grosso ou

m ais fino, fica a seu critério. Refrigere a cam ada de chocolate m eio am argo enquanto

você prepara a cam ada de chocolate branco com m enta.

Derreta o chocolate branco usando o m esm o m étodo de derretim ento utilizado para o

chocolate m eio am argo. Um a vez derretido o chocolate, acrescente cerca de

do

doce de m enta triturado e m exa. Deixe a m istura de lado à tem peratura am

biente (para

resfriar um pouco) até que a cam ada de chocolate m eio am argo fique pronta. O

chocolate deve estar um *pouco* m acio, um pouco pegaj oso, m as *em nenhuma hipótese*

líquido.

Despej e o chocolate branco sobre a cam ada de chocolate m eio am argo e espalhe

suavem ente em direção às beiradas. Salpique o que sobrar da m enta triturada sobre as

cam adas de chocolate e leve para o refrigerador até que o chocolate endureça. Você

pode quebrá-lo com a m ão, ou m arcá-lo e quebrá-lo.

O biscoito de chocolate com m enta é fácil de refrigerar, congelar e transportar, além de ter um sabor m aravilhoso à tem peratura am biente... Ideal com um a xícara de café

ou chá e um bom livro.



Notas

[1] N.T.: “Bondade e m isericórdia certam ente m e seguirão...”

[2] N.T.: “ Velhos Tem pos”, tradicional canção inglesa típica de Ano-Novo.

[3] N.T.: Núm ero de em ergência nos Estados Unidos (no Brasil, equivale ao 190).

[4] N.T.: “Minha nossa, m isericórdia.”

[5] N.T.: Pequenos bastões torrados e secos de pão.

Document Outline

- Sumário
- Folha de Rosto
- Folha de Créditos
- Novembro de 2012
- Dedicatória
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Biscoito de chocolate com menta
- Notas